



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

ROBERTO LUIZ DE CERQUEIRA LIMA

EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FEIRA DE SANTANA - BAHIA COMO
FATOR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Salvador
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROBERTO LUIZ DE CERQUEIRA LIMA

**EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FEIRA DE SANTANA - BAHIA COMO
FATOR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Barbara-Christine Nentwig Silva

**Salvador
2008**

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.
Setor de Cadastramento.

L732e Lima, Roberto Luiz de Cerqueira

Educação superior em Feira de Santana - Bahia como fator de desenvolvimento Regional / Roberto Luiz de Cerqueira Lima. – Salvador: UCSal. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação, 2008.

183 p.

Dissertação apresentada ao Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profª Drª Bárbara-Christine Nentwig Silva.

Inclui bibliografia.

1. Educação superior - Desenvolvimento regional - Bahia. 2. Ensino superior presencial - Centro regional - Feira de Santana - Bahia. 3. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) - Importância. 4. Dissertação. II. Universidade Católica do Salvador. Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social. III. Título.

CDU 711.1:378(813.8)(043.3)



Universidade Católica do Salvador

Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social

TERMO DE APROVAÇÃO

Roberto Luiz de Cerqueira Lima

Educação superior em Feira de Santana – Bahia como fator de desenvolvimento regional.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social.

Salvador, 05 de dezembro de 2008.

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a).

Orientador (a) Bárbara-Christine Marie Nentwig Silva

Doutor em Geografia

Universidade Católica do Salvador - UCSal

Prof(a). Dr(a).

Humberto Miranda do Nascimento

Doutor em Economia Aplicada

Universidade Católica do Salvador - UCSal

Prof(a). Dr(a).

Antonio Ângelo Martins da Fonseca

Doutor em Geografia Humana

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Vencer os desafios é concretizar sonhos,
assim quebramos as barreiras de nossas
limitações. Lutei por meus ideais com garra e
determinação. Cheguei ao final desta pesquisa
realizando meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Cursar um mestrado e elaborar uma dissertação foi, inicialmente, uma idéia e um sonho na cabeça do autor um cinqüentão, pai de três filhos e três netos, residente na cidade de Feira de Santana, interior da Bahia, a 108 km da capital Salvador que quis enfrentar o desafio de tornar um sonho em realidade. Neste momento em que essas etapas estão sendo concretizadas, olha-se para trás e se vê que sem a colaboração de determinadas instâncias e de tantos seres generosos e solidários não se teria chegado até aqui. Por isso, preciso expressar minha gratidão àqueles que me estimularam a prosseguir na luta até o fim.

Ter concluído este trabalho é motivo de muita alegria e satisfação. Aqui tenho a oportunidade de citar aqueles que me foram tão valiosos neste período de busca do conhecimento.

Agradeço a Deus Pai e Cisto meu irmão, que do mundo espiritual, iluminaram minha mente, seguraram minha mão, deram-me inspiração, coragem e força para não desistir. Sem eles, tudo teria sido em vão.

À minha orientadora, professora Dra. Bárbara-Christine, pela capacidade de orientar, paciência, incentivo, apoio e confiança.

Ao professor Dr. Sylvio Bandeira de Melo e Silva que prestou-me importante ajuda, com sugestões e com materiais teóricos, indicando-me caminhos a serem trilhados.

Aos professores Antonio Ângelo Martins da Fonseca e Humberto Miranda do Nascimento pelas excelentes contribuições na fase de pré-banca de qualificação.

A todos os professores do mestrado, pela colaboração na produção de conhecimento.

A Cristina Casalli, companheira de estrada, nas idas e vindas entre Salvador-Feira de Santana-Salvador para participar das aulas.

Aos colegas de curso, especialmente a Alessandra, Irene e Aliger, pelo coleguismo, entusiasmo e apoio sempre demonstrados.

Aos amigos da CDL pelos incentivos.

Ao IBGE fonte de conhecimento, por permitir tempo parcial para participar das aulas em Salvador e para elaboração desta dissertação.

Aos Colegas de trabalho do IBGE agência Feira de Santana: Carlos Vieira, Deusary, Sartunino, José Elisio, Sueli, Osório, Arnaldo, Wanderblau *In memoriam*,

Antonia Rego, por compartilhar do meu sonho, Ricardo Martins da Silva, meu chefe imediato, nosso agradecimento especial, pela compreensão, generosidade e palavras de apoio.

À minha querida mãe, exemplo de coragem e determinação em fazer de todos seus filhos cidadãos dignos e honrados, embora não entendendo o porquê de tanto tempo dedicado à pesquisa, fez questão de reafirmar que o caminho por mim escolhido foi o mais correto.

A meus irmãos Edson, Valeria, Verena, Rogério, Eliene e Roberta pela força e incentivos.

Aos meus filhos: Fábio, Roberto Filho e Jamily, razões da minha vida.

Às minhas noras: Josy e Maria José, novas filhas que ganhei.

Aos meus netos: Amanda Evely, minha nega, bênção que Deus colocou em meu caminho, o recomeçar; João Pedro, meu negão e Maria Helena, minha branquinha, como é bom ser vovô! é um amor diferente, mais experiente e profundo.

Aos meus cunhados Carlos, Silvio e Livia irmãos que ganhei.

À minha companheira Maria das Graças, que desde que nos conhecemos há, 35 anos, tem sido minha fonte de equilíbrio, inspiração e admiração. Além do amor e do carinho, soube me ouvir e responder aos meus anseios e angústias com paciência e compreensão em todos os momentos, sempre com palavras de incentivo e conforto. Obrigado, “minha outra metade”, principalmente, por ter-me trazido esperança, sem a qual seria impossível vencer todos os desafios que enfrentamos juntos.

Ao meu pai Édén Almeida Lima *in memoriam* que certamente continua vibrando por todas as minhas conquistas, pequenas ou grandes. Ô pai, não deu para esperar!!!.

Aos demais por ventura não foram citados, mas que certamente participaram desse processo de aprendizados e amadurecimento pessoal e profissional, nossos sinceros agradecimentos.

RESUMO

A presente dissertação foi desenvolvida tendo como objetivo analisar as manifestações dos conceitos de região, pólo e centralidade urbana como processo de desenvolvimento e suas relações com a educação superior na cidade de Feira de Santana interior da Bahia. O município de Feira de Santana como centro urbano não-metropolitano que exerce forte liderança como cidade regional, pela sua localização geográfica, ligando diferentes zonas geo-econômicas do Estado da Bahia, vem se destacando na última década, no setor de educação superior, com a existência de uma universidade pública estadual e oito instituições de ensino superior privado, tornando-se um pólo regional de educação superior presencial. As IES feirenses têm uma ação regional no setor de educação superior, no que diz respeito ao desenvolvimento econômico local e regional, na dinamização da economia da cidade de Feira de Santana, a partir dos gastos relacionados ao funcionamento das mesmas, e no fortalecimento do município em seu processo de articulação com suas regiões de influência. Isto é, um importante vetor de desenvolvimento econômico e social para a região e o município de Feira de Santana, com destaque para o papel desempenhado pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) na consolidação da cidade como pólo regional de educação superior. Neste contexto, o presente trabalho pretendeu demonstrar a importância do papel desempenhado pelas instituições de nível superior enquanto propulsor do desenvolvimento regional para a cidade de Feira de Santana.

Palavras-chave:

Desenvolvimento regional; Educação superior presencial; papel das Instituições de Ensino Superior; Feira de Santana - Ba

ABSTRACT

This dissertation was developed with the purpose to analyze the expressions of the concepts region, pole, urban centrality as a development process and its relations to undergraduate education in Feira de Santana. The town of Feira de Santana, which is a non-metropolitan urban center, plays an important role as an influencing regional town for its geographic location connecting different geo-economical areas in the state of Bahia. Feira de Santana has stood out during the last decade in the higher education sector, since the town has a public state university and eight private institutions for higher education. Feira de Santana's university institutions perform a regional impact in the higher education sector of the region regarding the local and regional economic development, due to the financial demands related to the functioning of these institutions and the strengthening of the town in being articulated with the regions on which it performs influence. The universities are an important means of economical and social development for the region and the town Feira de Santana, especially the public state university, Universidade Federal de Feira de Santana (UEFS), which consolidated the city as a regional pole for higher education. In this context, this work had the purpose to demonstrate the importance of the role played by the institutions for higher education, which boosted a regional development in Feira de Santana.

Keywords:

Regional development, Presential higher education; Role of Institutions of higher education, Feira de Santana-BA.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Principais questões, hipóteses e objetivos	27
Quadro 2 – Objetivos e metodologia	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização das IES	35
Figura 2 - Região Econômica Paraguaçu.....	80
Figura 3 - Microrregião de Feira de Santana	82
Figura 4 - Mesorregião Centro Norte Baiano	84
Figura 5 - REGIC – Região de Influência das cidades (Rede de lugares centrais e área de atuação de Feira de Santana)	88
Figura 6 – Cidades de residências dos alunos das IES de Feira de Santana – 2007.....	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução das matrículas no ensino superior presencial por localização capital e interior- 2000-2006.....	102
Gráfico 2 - Faixa etária dos alunos das IES de Feira de Santana.....	109
Gráfico 3 - Estado civil dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana.....	110
Gráfico 4 - Local de nascimento dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana.....	113
Gráfico 5 - Ano de conclusão do ensino médio dos alunos das IES de Feira de Santana	118
Gráfico 6 - Conclusão do ensino médio dos alunos entrevistados das IES de Feira Santana	119
Gráfico 7 - Turno dos os alunos entrevistados das IES de Feira de Santana.....	120
Gráfico 8 - Curso que os alunos entrevistados freqüentaram no ensino médio.....	121
Gráfico 9: Situação de moradia dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana.....	124
Gráfico10 - Condição de trabalhos dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana	125
Gráfico 11 - Remuneração dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana.....	126
Gráfico 12 - Meio de transporte utilizados pelos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana	127
Gráfico 13 - Outros meios de transportes utilizado pelos alunos das IES de Feira Santana	128
Gráfico14 - Faixa etária dos professores entrevistados	130
Gráfico15 - Estado civil dos professores entrevistados.....	131
Gráfico16 - Local de nascimento dos professores entrevistados.....	132
Gráfico 17 - Cidade de moradia dos professores entrevistados.....	133
Gráfico 18 - Remuneração dos professores entrevistados (em salário mínimo)	134
Gráfico 19 - Instituições de graduação dos professores entrevistados.....	136
Gráfico 20 - Titularidade dos professores entrevistados.....	137
Gráfico 21 - Meio de transporte utilizado pelos professores para chegar nas IES.....	139

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Amostra estratificada proporcional dos alunos matriculados nas IES em Feira de Santana em 2007.1.....	31
Tabela 02 - Amostra estratificada proporcional dos docentes das IES em Feira de Santana semestre 2007.1.....	32
Tabela 03 - Evolução do PIB a preço de mercado e PIB Per Capita no município de Feira de Santana – 1999 – 2005.....	57
Tabela 04 - Valor do PIB a preços correntes no setor econômico da Agropecuária em Feira de Santana - 1999 – 2005.....	65
Tabela 05 - Valor do PIB a preços correntes do setor econômico da Indústria em Feira de Santana – 1999 – 2005.....	67
Tabela 06 - Valor do PIB a preços correntes do setor econômico de Serviços em Feira de Santana – 1999 – 2005.....	71
Tabela 07 - Os 10 municípios mais populosos da Bahia – 2000.....	72
Tabela 08 - Capitais com população menor que a população de Feira de Santana - 2000.....	73
Tabela 09 - Evolução da população total de Feira de Santana por situação urbana e rural - 1940 – 2000.....	73
Tabela 10 - Taxa geométrica de crescimento anual da população de Feira de Santana, Bahia e Brasil – 1940 – 2000.....	74
Tabela 11 - Evolução do índice de desenvolvimento humano – Brasil, Bahia e Feira de Santana - 1970 – 2000.....	75
Tabela 12 - Indicadores de longevidade, mortalidade e fecundidade em Feira de Santana – 1991 – 2000.....	76
Tabela 13 - Indicadores de renda, pobreza e desigualdade em Feira de Santana - 1991 – 2000.....	76
Tabela 14 - População da região econômica Paraguaçu 2007.	81
Tabela 15 - População da microrregião de Feira de Santana – 2007.....	83
Tabela 16 - População da mesorregião centro norte da baiano – 2007.....	83
Tabela 17 - População dos municípios de influência de Feira de Santana segundo o REGIC – 2007.....	85

Tabela 18 - Evolução das IES por categoria administrativa, por localização Capital e interior comparadas com anos anteriores - 2000 – 2006.....	101
Tabela 19 - Evolução das matrículas na educação superior por localização capital e interior - 2000 – 2006.....	102
Tabela 20 - Evolução das matrículas na educação superior por localização capital e interior comparadas com anos anteriores - 2000 – 2006.....	103
Tabela 21 - Instituições de Ensino Superior por dependência administrativa e início de funcionamento em Feira de Santana.....	106
Tabela 22 - Sexo dos alunos das IES de Feira de Santana – 2007.....	108
Tabela 23 - Faixa etária dos alunos das IES de Feira de Santana – 2007.....	108
Tabela 24 - Estado civil dos alunos das IES de Feira de Santana – 2007	109
Tabela 25 - Local de nascimento dos alunos das IES de Feira de Santana - 2007.....	111
Tabela 26 - Cidade de moradia dos alunos das IES de Feira de Santana	116
Tabela 27 - Ano de conclusão do ensino médio dos alunos das IES de Feira de Santana – 2007.....	118
Tabela 28 - Onde os alunos das IES de Feira de Santana cursaram o ensino médio – 2007	119
Tabela 29 - Turno que os alunos entrevistados cursaram o ensino médio – 2007	120
Tabela 30 - Curso que os alunos entrevistados freqüentaram no ensino médio - 2007....	121
Tabela 31 - Motivo de escolha pela instituição de ensino superior - 2007.....	122
Tabela 32 - Intenção de fazer pós-graduação	122
Tabela 33 - Situação do imóvel onde moram os alunos entrevistados das IES de Feira de Santana – 2007	123
Tabela 34 - Situação de moradia dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana – 2007.....	123
Tabela 35 - Condição de trabalho dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana - 2007.....	124
Tabela 36 - Remuneração dos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana (em salário mínimo) – 2007.....	125

Tabela 37 - Meio de transporte utilizado pelos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana – 2007.....	126
Tabela 38 - Outro meio de transporte utilizado pelos alunos entrevistados das IES de Feira de Santana - 2007.....	127
Tabela 39 - Sexo dos professores entrevistados - 2007.....	129
Tabela 40 - Faixa etária dos professores entrevistados – 2007	130
Tabela 41 - Estado civil dos professores entrevistados – 2007	131
Tabela 42 - Local de nascimento dos professores entrevistados – 2007	132
Tabela 43 - Cidade de moradia dos professores entrevistados – 2007	133
Tabela 44 - Faixa de remuneração dos professores entrevistados (em salário mínimo) - 2007	134
Tabela 45 - Formação acadêmica dos professores - 2007.....	135
Tabela 46 - Instituição de graduação dos professores entrevistados - 2007.....	136
Tabela 47 - Titularidade dos professores entrevistados – 2007.....	137
Tabela 48 - Meio de transporte utilizado pelo professor para chegar a IES – 2007.....	138
Tabela 49 - O professores entrevistado trabalha em outra IES – 2007	138
Tabela 50 - Matrícula na Educação Superior na Bahia capital e interior por categoria administrativa – 2006.....	144
Tabela 51 - Distribuição dos gastos médio mensal e anual dos alunos da UESB oriundos de outros municípios – 2002.....	148
Tabela 52 - Média mensal, semestral e anual das mensalidades nas IES privadas em Feira de Santana semestre 2007.1.....	149
Tabela 53 - Instituições de educação superior em Feira de Santana por categoria administrativa, cursos e matrícula – 2007.....	150
Tabela 54 - Vagas nos cursos de graduação e matrícula por área na UEFS – 2007.....	153
Tabela 55 - Inscritos no PROSEL e relação de candidatos por curso na UEFS – 2007...	154
Tabela 56 - Matrícula no programa de formação de professores em convênio UEFS Secretaria de Educação do Estado da Bahia – 2004-2006.....	155
Tabela 57 - Matrículas e cursos de pós-graduação Lato-Sensu especialização por departamento na UEFS – 2005 – 2007.....	156

Tabela 58 - Matrículas, Cursos e Concluintes na Pós-Graduação Stricto – Sensu mestrado na UEFS por departamento – 2005-2007.....	157
Tabela 59 - Matrículas, Cursos e Concluintes na Pós-Graduação Stricto – Sensu doutorado na UEFS por departamento – 2005 – 2007.....	157
Tabela 60 - Projetos de pesquisas cadastrados na UEFS por áreas – 2003 – 2007.....	159
Tabela 61 - Projetos de pesquisas desenvolvidas na UEFS cadastrados no CNPq por áreas – 2003-2007.....	159
Tabela 62 - Agentes financiadores de bolsas de iniciação científica na UEFS - 2003 – 2007.....	160
Tabela 63 - Recursos captados para projetos de pesquisas por agente financiador na UEFS – 2003 – 2007.....	160
Tabela 64 - Inscrições e matrículas no programa universidade para todos desenvolvidos pela UEFS – 2003 – 2006.....	162
Tabela 65 - Participação de Feira de Santana no total de alunos, professores, IES e cursos na Bahia.....	164
Tabela 66 - Principais municípios da Bahia por IES, cursos, matrículas e docentes – 2006.....	166

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARUDA	Associação dos Reitores das Universidades Estaduais da Bahia
BIRD	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CIS	Centro Industrial de Subaé
DERBA	Departamento de infra-estrutura de Transportes na Bahia
DNER	Departamento Nacional de Estrada e Rodagem
ENEB	Escola de Negócios da Bahia
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
FAN	Faculdade Nobre
FACCEBA	Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia
FEBA	Faculdade de Educação da Bahia
FAT	Faculdade Anísio Teixeira
FAFS	Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana
ESEB	Escola Superior de Estatística da Bahia
FUFS	Fundação Universidade de Feira de Santana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INPC	Índice de Preços ao Consumidor Amplo
INEP	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU	Imposto Predial Territorial Urbano
ISS	Imposto Sobre Serviços
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MTe	Ministério do Trabalho e Emprego
ONG	Organização não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas

PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
PROSEL	Processo Seletivo
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
REGIC	Rede de Influências das cidades
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
STBNe	Seminário Teológico Batista do Nordeste
SUS	Sistema Único de Saúde
SIDRA	Sistema de Recuperação de Dados
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UESB	Universidade Estadual Sudoeste da Bahia
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UNEF	Faculdade de Ensino Superior da cidade de Feira de Santana
UNYAHNA	Instituto de Ensino Superior
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	20
2. OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
2.1 PROBLEMA, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....	24
2.2 METODOLOGIA	29
3. REFERENCIAL TEÓRICO – CONCEITUAL	
3.1 REGIÃO COMO ESPAÇO DE ORGANIZAÇÃO	36
3.2 PÓLO COMO ESPAÇO DE CRESCIMENTO	41
3.3 CENTRALIDADE URBANA COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	46
4. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA, ECONÔMICA E SOCIAL DE FEIRA DE SANTANA	
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	51
4.2 INFLUÊNCIA DO ENTRONCAMENTO RODOVIÁRIO.....	54
4.3 ASPECTOS ECONÔMICOS.....	59
4.3.1 Evolução do PIB	62
4.3.2 Setor primário: Agropecuária.....	63
4.3.3 Setor secundário: Indústria	65
4.3.4 Setor terciário: Comércio e Serviços.....	68
4.4 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E SOCIAIS	71
4.5 REGIONALIZAÇÃO E AS DIVISÕES GEOGRÁFICAS ENVOLVENDO FEIRA DE SANTANA	77
4.5.1 Feira de Santana e as diferentes regionalizações	79
4.5.2 Feira de Santana como capital regional	89
5. EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESENCIAL	
5.1 O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR.....	92
5.2 EVOLUÇÃO DOS CURSOS SUPERIORES NO BRASIL.....	94
5.3 EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA BAHIA.....	99
5.4 EXPANSÃO RECENTE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FEIRA DE SANTANA.....	103
6. PERFIL DOS ESTUDANTES E PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR LOCALIZADAS EM FEIRA DE SANTANA	
6.1 PERFIL DOS ESTUDANTES MATRICULADOS NAS IES LOCALIZADAS EM FEIRA DE SANTANA.....	107
6.1.1 - Característica dos estudantes.....	108
6.1.2 - Antecedentes escolares.....	117
6.1.3 - Condições de moradia	122
6.1.4 - Inserção no mercado de trabalho	124
6.2. PERFIL DOS PROFESSORES QUE MINISTRAM AULAS NAS IES LOCALIZADAS EM FEIRA DE SANTANA	
6.2.1 - Características dos professores	129
6.2.2 - Formação acadêmica dos docentes	134

7. FEIRA DE SANTANA COMO CENTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E SEUS IMPACTOS	
7.1 AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	140
7.1.1 Impactos econômicos das IES na economia da Bahia	143
7.1.2 Impactos econômicos das IES na economia feirense	145
7.2 - IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS) PARA O MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA	151
7.3 - FEIRA DE SANTANA COMO PÓLO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR	163
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS.....	173
ANEXOS.....	179

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, Feira de Santana é marcada pela vitalidade da atividade comercial, constituindo-se, desde os tempos coloniais, como importante entreposto de comercialização de produtos. Durante todo século XIX, era fonte de prestígio e *status*, a centenária feira livre desenvolvida no arraial, responsável pela circulação cada vez maior de pessoas, oriundas das regiões vizinhas. Essa posição vincula-se a sua localização geográfica que se constitui em passagem obrigatória para quem circula entre as regiões Nordeste, Norte, Sudeste e Sul do País, identificada como centro regional de comércio. Ao longo da primeira metade do século XX, sua importância permaneceu. A cidade, em processo de modernização, se constituía no centro comercial líder do interior, na fronteira da capital Salvador com o sertão, do Recôncavo aos tabuleiros do semi-árido da Bahia (POPPINO, 1968, p. 87).

Feira de Santana constitui-se no núcleo da principal aglomeração urbana não-metropolitana do Nordeste, segundo município em população do Estado (IBGE, 2000) depois de Salvador, ocupa a 34ª colocação no cenário nacional, maior que oito capitais: Aracaju, Florianópolis, Vitória, Porto Velho, Macapá, Rio Branco, Boa Vista e Palmas. Exerce forte polarização regional, pela importância de sua localização geo-econômica, um dos maiores entroncamentos rodoviários do interior do País e o maior do Norte e Nordeste, lidera a macrorregião, como centro regional, conforme distribuição espacial da Rede de Influência das cidades (REGIC, IBGE, 1993), a Mesorregião Centro Norte Baiano e a Microrregião que leva seu nome Feira de Santana (IBGE, 1990), favorecendo uma corrente e concentração de fluxo de população, mercadorias e dinheiro, num entreposto que liga o Nordeste ao Centro-Sul do Brasil.

O município de Feira de Santana é classificado como cidade de porte médio, assim definido pelo IBGE, baseado nos dados do censo demográfico de 1991, por se tratar de um centro urbano não-metropolitano e não-capital com população entre 100 mil e 500 mil habitantes (ANDRADE; SERRA, 2001, p.vi), que exerce forte liderança como cidade regional, nas atividades econômicas e sociais.

Neste sentido, o papel desempenhado por Feira de Santana como centro de região, atendendo as demandas de seus habitantes, vem se destacado na última década no setor terciário de educação superior presencial, com a existência de uma universidade pública estadual e oito instituições de ensino superior privados, oferecendo diversos

cursos, atraindo estudantes da microrregião, mesorregião e de outros Estados, que querem ingressar no ensino superior presencial.

No percurso de nossas pesquisas, analisamos os conceitos de região, desenvolvimento e ensino superior na região de Feira de Santana, a partir dos anos noventa. A finalidade é compreender as relações entre as Instituições de Ensino Superior (IES) presencial, na regionalização da educação superior nos territórios de influência do município de Feira de Santana, que exerce forte polarização regional, pela importância de sua localização geo-econômica.

O estudo apresenta a espacialidade da educação superior no território feirense, permitindo compreender a distribuição espacial deste serviço, principalmente a partir das políticas públicas de interiorização da educação superior do ponto de vista geográfico, caracterizando-se como um processo de regionalização, no sentido em que as IES visavam ao atendimento das peculiaridades de cada região, tornando-se, assim, instrumentos de desenvolvimento econômico e social.

O caminho percorrido ao longo desta dissertação é entender a importância do papel desempenhado pelas Instituições de Educação Superior instaladas na cidade, no processo de desenvolvimento da cidade de Feira de Santana e sua área de influência, analisando as mudanças recentes e tendência e, por fim, afirmar ou não, se o município de Feira de Santana constitui-se em um pólo regional de educação superior.

O presente trabalho foi organizado em sete capítulos e conclusão assim distribuídos:

No primeiro capítulo, a introdução, apresentamos as principais linhas percorridas pelos estudos realizados.

No segundo capítulo estão contidos os objetivos, justificativa, problema e procedimentos metodológicos utilizados na realização das pesquisas bibliográficas e de campo, segundo critérios estatísticos: abordagens, plano amostral, instrumentos utilizados na pesquisa: questionário em papel, entrevistas com alunos e professores das IES na cidade.

O terceiro capítulo constitui-se do referencial teórico conceitual, onde procuramos embasamentos teóricos conceituais, pesquisando em diversas fontes bibliográficas e por meio eletrônico, através da Internet, possibilitando definições de região como espaço de organização, pólo como espaço de crescimento e centralidade urbana como espaço de transformação para o desenvolvimento, cujos conceitos foram aproveitados no embasamento científico deste trabalho.

No quarto capítulo discorremos sobre os aspectos históricos no processo de formação da cidade de Feira de Santana e sua evolução aos dias atuais, características econômicas, sociais e demográficas, influência da localização geográfica como entroncamento rodoviário, que liga diferentes zonas geo-econômicas e as divisões geográficas.

O quinto capítulo trata da evolução da educação superior no Brasil, o papel das IES no contexto histórico, expansão e interiorização da educação superior na Bahia, e o surgimento e desenvolvimento recente do ensino superior presencial em Feira de Santana.

No sexto capítulo desenvolvemos pesquisa de campo exploratória, utilizando os métodos de abordagem quantitativa e qualitativa, através das técnicas estatísticas de amostragem estratificada proporcional, para identificar o perfil dos estudantes e professores da universidade e faculdades instaladas na cidade, identificando qual o contingente de naturais e não naturais da cidade, de onde vêm, quais os meios de deslocamentos utilizados, quais os impactos relacionados aos gastos na economia local.

No sétimo capítulo analisamos a consolidação do papel desempenhado por Feira de Santana como centro regional de educação superior, permitindo compreender a atual dinâmica regional do município e da cidade, assim como o papel das IES como fator de desenvolvimento econômico, mensurando os impactos econômicos das mensalidades e manutenção das faculdades privadas, recursos captados pela universidade pública e os salários pagos aos professores e funcionários na economia feirense, assim como a importância da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) na consolidação da cidade como pólo regional de educação superior presencial.

Por fim a conclusão, que agrupa os principais caminhos percorridos nos capítulos estudados acima, possibilitando entender o papel das Instituições de Ensino Superior como instrumento de transformação social e econômica, para o desenvolvimento da sociedade, na qualidade de agentes de serviços públicos e privados, socialmente responsáveis tanto pela produção, recuperação, organização e disseminação do conhecimento, quanto por atividades de suporte e de estímulo ao desenvolvimento do município e da região em que se situam. Assim, as IES têm uma ação regional no setor de educação superior presencial, no que diz respeito ao desenvolvimento econômico local e regional, na dinamização da economia da cidade de Feira de Santana, a partir dos gastos relacionados ao funcionamento das mesmas, e no fortalecimento do município em seu

processo de articulação com suas regiões de influência, portanto, é um importante vetor de desenvolvimento econômico e social para a região e o município de Feira de Santana.

2. OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 PROBLEMA, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

O papel desempenhado por Feira de Santana é de centro de região em função de sua localização geo-econômica, favorecendo uma corrente e concentração de fluxo de população, mercadorias e dinheiro, como entreposto que liga o Nordeste ao Centro-Sul do Brasil, assegurando relações espaciais entre diversos centros urbanos, com diferenciados ritmos de crescimento demográfico e econômico.

Por outro lado, Santos e Silveira (2000, p. 57) escrevem sobre a relação biunívoca entre educação e território “a educação, atividade econômica e social de peso, tem, por isso, papel fundamental nas caracterizações regionais e locais, influi sobre a natureza da atividade educacional”, havendo, assim, uma dupla ação simultânea reveladora da relação entre fenômeno educacional e fenômeno territorial. Dá-se, de um lado, a construção de topologias dos estabelecimentos de ensino sobre um dado espaço, enquanto, de outro, revela-se a força desse espaço na constituição de uma dada topologia.

A partir da importância da Universidade pública e das unidades universitárias privadas, instaladas na cidade, como fator de desenvolvimento local e regional, o presente trabalho identificou quais os papéis desempenhados pelas IES, e as contribuições das mesmas como dinamizadoras das inter-relações do desenvolvimento local e regional, e o papel desempenhado por Feira de Santana como centro regional de desenvolvimento econômico e social.

Partindo deste entendimento, podem-se levantar as seguintes questões que norteiam a pesquisa:

- a) Que influência tem a localização geográfica de Feira de Santana para atrair universidades e faculdades em seu território a partir da década de 1990 até o presente?
- b) Como as universidades e faculdades têm contribuído no dinamismo da cidade de Feira de Santana como centro regional de educação superior?
- c) Qual o impacto econômico das mensalidades das faculdades privadas e os recursos captados pela universidade pública na economia feirense?

- d) A cidade de Feira de Santana pode ser considerada como pólo regional de educação superior presencial?
- e) Qual o perfil dos estudantes matriculados na universidade e faculdades localizadas em Feira de Santana?
- f) Qual o perfil dos professores que lecionam na universidade e faculdades instaladas em Feira de Santana?

Justifica-se o presente estudo, pela importância que o tema educação superior e desenvolvimento regional, como elemento de transformação social para a cidade de Feira de Santana, na medida em que possibilita não só conhecer como se dá o fato em si, como ampliar o entendimento e a compreensão das tendências deste tipo de desenvolvimento, a partir da relevância da Universidade pública e das Faculdades privadas como fator de desenvolvimento local e regional.

Nesse sentido, considera-se oportuno investigar a experiência da cidade de Feira de Santana, como centro regional urbano de educação superior, que exerce forte influência regional, pela sua localização geo-econômica, e os impactos econômicos na economia feirense e na infra-estrutura urbana da cidade pelas universidade e faculdades instaladas na cidade.

Os resultados das pesquisas realizadas poderão servir de amparo para estudos da temática, servindo de suporte para a sociedade feirense, órgãos, instituições e empresas, assim como para o poder público nas três esferas de governos: municipal, estadual e federal, uma vez que amplia o conhecimento do tema.

Este trabalho apresenta um estudo com base no papel desempenhado por Feira de Santana como centro regional de educação superior, com a pretensão de contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre centralidade urbana de Feira de Santana como centro regional de vasta área do interior do Estado da Bahia, e as transformações econômicas e sociais no tecido urbano da cidade, com a inserção da Universidade pública estadual e Faculdades instaladas na cidade.

O interesse do estudo foi direcionado ao município de Feira de Santana, o qual tem características favoráveis à observação do tema, ou seja, crescimento do número

de estudantes e de instituições de graduação instaladas no município com impactos no tecido urbano da cidade a partir dos anos 90.

Tornou-se relevante estudar a importância das IES como dinamizadoras do processo de desenvolvimento local e regional, seja através da formação de capital humano, seja na geração de emprego e renda.

Isto permite compreender o município e a cidade de Feira de Santana com as fortes vinculações das IES com o mercado intra-urbano, regional, estadual e nacional, através de uma complexa rede de relações interdependentes.

A partir da importância das IES como fator de desenvolvimento regional, o presente trabalho estudou o papel das IES e a contribuição das mesmas para o desenvolvimento local e regional.

Assim, podem-se formular os seguintes objetivos específicos do trabalho:

- Identificar quais as contribuições da universidade e das faculdades na centralidade urbana de Feira de Santana como pólo regional de educação superior.
- Analisar os perfis dos alunos e professores das IES da cidade, quem são, quais as origens, onde residem, o que fazem profissionalmente, quais os meios de locomoção utilizados para chegar à universidade e faculdade.
- Mensurar como os recursos gerados nas IES através das mensalidades, dos financiamentos dos projetos de pesquisas, geração de emprego e renda, contribuem com o crescimento do PIB do município de Feira de Santana.
- Aprofundar os estudos sobre a importância da cidade de Feira de Santana como centro regional, com amplitude de vínculos econômicos e relações de transações de um complexo de cidades como centro regional de educação superior.

Assim o quadro 1 foi elaborado com a intenção de evidenciar a sintonia entre os questionamentos, hipóteses e objetivos sobre o tema estudado.

QUADRO 1 – PRINCIPAIS QUESTÕES, HIPÓTESES E OBJETIVOS

(continuação)

QUESTÕES	HIPÓTESES	OBJETIVOS
<p>Que influência tem a localização geográfica de Feira de Santana para atrair universidades e faculdades em seu território desde a década de 1990 até o presente?</p>	<p>Feira de Santana, um dos maiores entroncamentos rodoviários do país e o maior do interior do Norte/Nordeste, influenciou a implantação da universidade e faculdades existentes na cidade.</p>	<p>Identificar em que medida a centralidade urbana regional de Feira de Santana contribuiu para o surgimento da universidade e faculdades existentes na cidade.</p>
<p>Como as IES têm contribuído na constituição da cidade de Feira de Santana como pólo regional de educação superior?</p>	<p>A cidade de Feira de Santana tem-se consolidado como pólo regional de educação superior a partir do surgimento da universidade e faculdades, principalmente as privadas.</p>	<p>Identificar quais as contribuições da universidade e faculdades na centralidade urbana regional de Feira de Santana como pólo regional de educação superior presencial.</p>
<p>Qual o perfil dos estudantes matriculados na universidade e faculdade localizadas em Feira de Santana?</p>	<p>É significativo o número de estudantes matriculados na universidade e faculdades existentes na cidade, oriundos de outras cidades da Bahia e de outros Estados da federação.</p>	<p>Conhecer os alunos matriculados nas IES da cidade, quem são, qual a origem, onde residem, além de estudar, se trabalham, onde concluíram o primeiro e segundo grau, quais os meios de locomoção utilizados.</p>
<p>Qual o perfil dos professores que lecionam na universidade e faculdades instaladas em Feira de Santana?</p>	<p>É significativa a participação dos docentes provenientes de outras cidades da Bahia e de outros Estados da federação, que ministram aulas nas universidades e faculdades localizadas na cidade.</p>	<p>Conhecer os professores que ministram aulas na universidade e faculdades da cidade, quem são, qual a origem, onde residem, local de formação universitária, quais os meios de locomoção utilizados para chegar ao trabalho.</p>

QUADRO 1 – PRINCIPAIS QUESTÕES, HIPÓTESES E OBJETIVOS

(conclusão)

QUESTÕES	HIPÓTESES	OBJETIVOS
<p>Quais os impactos econômicos das mensalidades das faculdades privadas e os recursos captados pela universidade pública na economia feirense?</p>	<p>A importância de Feira de Santana como centro regional de educação superior decorre, ao mesmo tempo, de suas fortes interações com os mercados urbano regional e estadual na geração de recursos econômicos através das mensalidades e os impactos da renda gasta por professores e alunos na economia local.</p>	<p>Mensurar como os recursos gerados na universidade e faculdades privadas, através das mensalidades, dos financiamentos dos projetos de pesquisas e da geração de emprego e renda, contribuem com o crescimento da economia do município de Feira de Santana.</p>
<p>A cidade de Feira de Santana com a implantação desde a década de 1990 até o presente, de uma universidade pública e oito faculdades privadas, é um importante centro regional de educação superior presencial?</p>	<p>Em que medida a cidade de Feira de Santana é classificada como pólo universitário, centro regional de educação superior ou cidade universitária.</p>	<p>Aprofundar os estudos sobre a importância da cidade de Feira de Santana como centro regional com amplitude de vínculos econômicos e relações de transações de um complexo de cidades como centro regional de ensino superior.</p>

Fonte: Elaborado pelo auto

2.2 METODOLOGIA

Para compreensão dos caminhos percorridos no desenvolvimento desta dissertação, apresentamos a seguir os métodos e as técnicas adotados.

Como ponto inicial, optamos pela educação superior presencial ministrada em instituições de educação superior (IES) pública e privada, conforme estabelece o art.43 da Lei 9.394/96, da Lei de Diretrizes e Bases – LDB do MEC, que consiste na oferta de cursos superiores em diversas áreas do conhecimento na modalidade de ensino presencial, aberta a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e que tenham sido aprovados em processo seletivo.

Não é objeto desta dissertação a educação superior a distância (EAD), pois se trata de uma nova modalidade de ensino superior, que até o momento do início das nossas pesquisas, ainda era insipiente em Feira de Santana, isto é, não tinha muita representatividade na composição da educação superior na cidade.

Torna-se necessária uma análise da influência da localização geográfica e geo-econômica da cidade de Feira de Santana no processo de organização do espaço urbano regional, tornando-se relevante os estudos desenvolvidos na construção de arcabouço teórico-conceitual, que permitiu compreender o município e a cidade de Feira de Santana na organização espacial.

As informações necessárias para o incremento dessa pesquisa foram coletadas em diversas fontes, sejam secundárias através de pesquisas bibliográficas e meio eletrônico (Internet), e pesquisa primária com a realização da pesquisa de campo exploratória.

No primeiro momento, tendo em vista a necessidade de analisar os fatos do ponto de vista empírico, foram realizadas coletas de dados através de pesquisas bibliográficas, documentais e por meio eletrônico através da Internet. Para tanto, realizamos buscas em materiais já elaborados, relacionados ao tema: revistas, jornais, livros, artigos científicos, dissertações e teses, cujos conceitos foram aproveitados no embasamento científico deste trabalho. Consultamos centros de pesquisas que desenvolvem trabalhos acadêmicos e científicos, através de visitas às bibliotecas da UEFS, UFBA e UCSAL, na busca de publicações.

No segundo momento, levantamos as IES existentes em Feiras de Santana, quantas são, onde estão localizadas e quais os cursos oferecidos. Em seguida, realizamos visitas: Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), Faculdade Nobre (FAN),

Faculdade Anísio Teixeira (FAT), Faculdade de Ensino Superior da cidade de Feira de Santana (UNEF), Escola de Negócios da Bahia (ENEB), Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana (FAFS), Seminário Teológico Batista do Nordeste (STBNe), Universidade Salvador (UNIFACS) campus de Feira de Santana e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na busca de dados e informações dos cursos oferecidos, autorizados e reconhecidos pelo MEC e localização no espaço geográfico da cidade (figura 1).

Através das visitas realizadas nas IES, foram coletadas informações da quantidade de alunos matriculados no primeiro semestre de 2007, valores das mensalidades pagas pelos alunos, gastos com a manutenção e custeios, assim como a quantidade de professores e alunos, principalmente dos oriundos de outros municípios, que se deslocam para a cidade de Feira de Santana, possibilitando identificar os recursos gerados nas IES. Com os dados coletados possibilitou embasamentos teóricos, metodológicos e conceituais nas nossas argumentações.

Outras fontes de pesquisas utilizadas foram: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) de onde retiramos dados estatísticos utilizados para a construção das tabelas e gráficos: demográficos, sociais e econômicos, assim como o MEC/INPE, que nos possibilitou a coleta de dados estatísticos da evolução das matrículas no ensino superior presencial por localização na capital e no interior e por dependências administrativas, utilizados para a construção das tabelas e gráficos.

Na regionalização do município de Feira de Santana com sua área de influência, baseamo-nos nas divisões geográficas do IBGE e da SEI, buscando compreender como é concebido o termo região. Isso torna-se importante, a nosso ver, por se tratar de órgãos representantes do Estado, que trazem imbricadas, em suas propostas de divisões territoriais, as concepções que dão suporte às políticas brasileira e baiana de desenvolvimento regionalizado.

No momento seguinte, realizamos pesquisa de campo exploratória, utilizando os métodos de abordagem quantitativa e qualitativa, através das técnicas estatísticas de amostragem estratificada proporcional, para identificar o perfil dos estudantes e professores das IES instaladas na cidade, qual o contingente de naturais e não naturais da cidade, de onde vêm, quais os meios de deslocamento utilizados etc. Para tanto, utilizamos como instrumento de coleta de dados questionários com perguntas fechadas.

Segundo Gerardi e Silva (1981, p. 19), a amostra estratificada proporcional é aquela em que os objetos de estudo são divididos em substratos.

Para Nazareth (2000, p. 34), a amostra estratificada proporcional é recomendada quando existe uma divisão natural da população em grupos com números de elementos diversos, isto é, formada por estratos com um número de elementos proporcional a cada grupo que forma a população total (universo).

Para determinação do tamanho das amostras dos alunos a partir do universo de 13.307 alunos matriculados em todas as IES no semestre 2007.1, e de 1.301 professores que ministravam aulas no mesmo semestre, utilizamos como referência Gerardi e Silva (1981, p. 20) baseadas em Krejcie e Morgan (1970, p. 608), “quanto maior o número de indivíduos na população, proporcionalmente menor o número de indivíduos que devem ser selecionados pela amostra”, assim, identificamos a amostra de 379 alunos a serem pesquisados, divididos proporcionalmente pelas IES e cursos oferecidos no primeiro semestre de 2007 conforme tabela 1. Os professores, perfazendo uma amostra de 100 docentes pesquisados, também foram divididos proporcionalmente por instituição (tabela 2). Assim, foram realizadas um total de 479 entrevistas, nos meses de setembro e outubro de 2007, pelo autor e por quatro pesquisadores contratados.

Tabela 1: AMOSTRA ESTRATIFICADA PROPORCIONAL DOS ALUNOS MATRÍCULADOS NAS IES EM FEIRA DE SANTANA SEMESTRE 2007.1

INSTITUIÇÕES	ALUNOS MATRICULADOS 2007.1	(%)	AMOSTRA
Total	13.307	100,00	379
UEFS	6.742	50,67	191
FTC	2.282	17,15	64
FAN	1.549	11,64	45
FAT	1.483	11,14	41
UNEF	472	3,55	14
ENEB	412	3,10	12
UNIFACS	150	1,13	4
STBNe	123	0,92	4
FAFS	94	0,71	4

Fonte: Pesquisas realizadas pelo autor

Tabela 2: AMOSTRA ESTRATIFICADA PROPORCIONAL DOS DOCENTES DAS IES EM FEIRA DE SANTANA SEMESTRE 2007.1

INSTITUIÇÕES	PROFESSORES 2007.1	(%)	AMOSTRA
TOTAL	1.301	100,00	100
UEFS	834	64,50	64
FTC	152	11,68	12
FAN	100	7,69	8
FAT	78	6,00	6
UNEF	49	3,77	4
ENEB	49	3,77	4
UNIFACS	11	0,86	1
STBNe	18	1,38	1
FAFS	10	0,79	1

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor

A coleta dos dados foi feita através de questionário em papel (anexos 1 e 2), elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa, dentro da perspectiva de ser instrumento direto, objetivo, prático e de fácil assimilação, com perguntas fechadas e semi-abertas, com opções de respostas codificadas, adequadas ao perfil dos respondentes.

Após a execução das entrevistas, os questionários foram coletados, criticados e digitados, no programa de computador Access, que permite constituir ferramentas estatísticas na elaboração de banco de dados.

Em seguida, foram feitos todos os ajustes necessários no banco de dados gerados pela pesquisa, iniciamos a fase de tabulação dos dados, através do programa de computador Excel, produzindo um conjunto de tabelas e gráficos, que sintetizam os principais resultados encontrados na pesquisa.

Para melhor entendimento entre os objetivos e a metodologia utilizada, elaboramos o quadro 2.

QUADRO 2 - OBJETIVOS E METODOLOGIA

(continuação)

OBJETIVOS	METODOLOGIA
Identificar em que medida a centralidade urbana regional de Feira de Santana contribuiu para o surgimento da universidade e faculdades existentes na cidade.	Pesquisas bibliográficas e eletrônicas (Internet): livros, artigos científicos, dissertações e teses, cujos conceitos foram aproveitados no embasamento teórico científico da influência da localização geográfica de Feira de Santana na organização do espaço urbano regional, para atrair as IES.
Identificar quais as contribuições da universidade e faculdades na centralidade urbana regional de Feira de Santana como pólo regional de educação superior.	Pesquisa de campos através de visitas as IES existentes em Feiras de Santana, levantando quantas são, onde estavam localizadas, quais os cursos oferecidos autorizados e reconhecidos pelo MEC e total de alunos matriculados.
Conhecer os alunos matriculados nas IES da cidade, quem são, qual a origem, onde residem, além de estudar, se trabalham, onde concluíram o primeiro e segundo graus, quais os meios de locomoção utilizados.	Pesquisa de campo exploratória, utilizando os métodos de abordagem quantitativa e qualitativa, através de amostra estratificada proporcional com 379 alunos entrevistados divididos proporcionalmente pelas IES e cursos oferecidos no semestre 2007.1, utilizando instrumento de coleta dos dados em questionários, com perguntas fechadas.
Conhecer os professores que ministram aulas nas universidade e faculdades da cidade, quem são, qual a origem, onde residem, local de formação universitária, quais os meios de locomoção utilizados para chegar ao trabalho.	Pesquisa de campo utilizando os métodos de abordagem quantitativa e qualitativa, através de amostra estratificada proporcional com 100 professores entrevistados divididos proporcionalmente pelas IES no semestre 2007.1, utilizando instrumento de coleta dos dados através de questionários com perguntas fechadas.
Mensurar como os recursos gerados nas universidade e faculdades privadas, através das mensalidades, dos financiamentos dos projetos de pesquisas e da geração de emprego e renda, contribuem com o crescimento da economia do município de Feira de Santana.	Coleta de informações dos valores das mensalidades, gastos com a manutenção, custeio, salários pagos e recursos captados pelos projetos de pesquisas, professores e alunos oriundos de outros municípios, que se deslocam para a cidade, possibilitando embasamento conceitual.

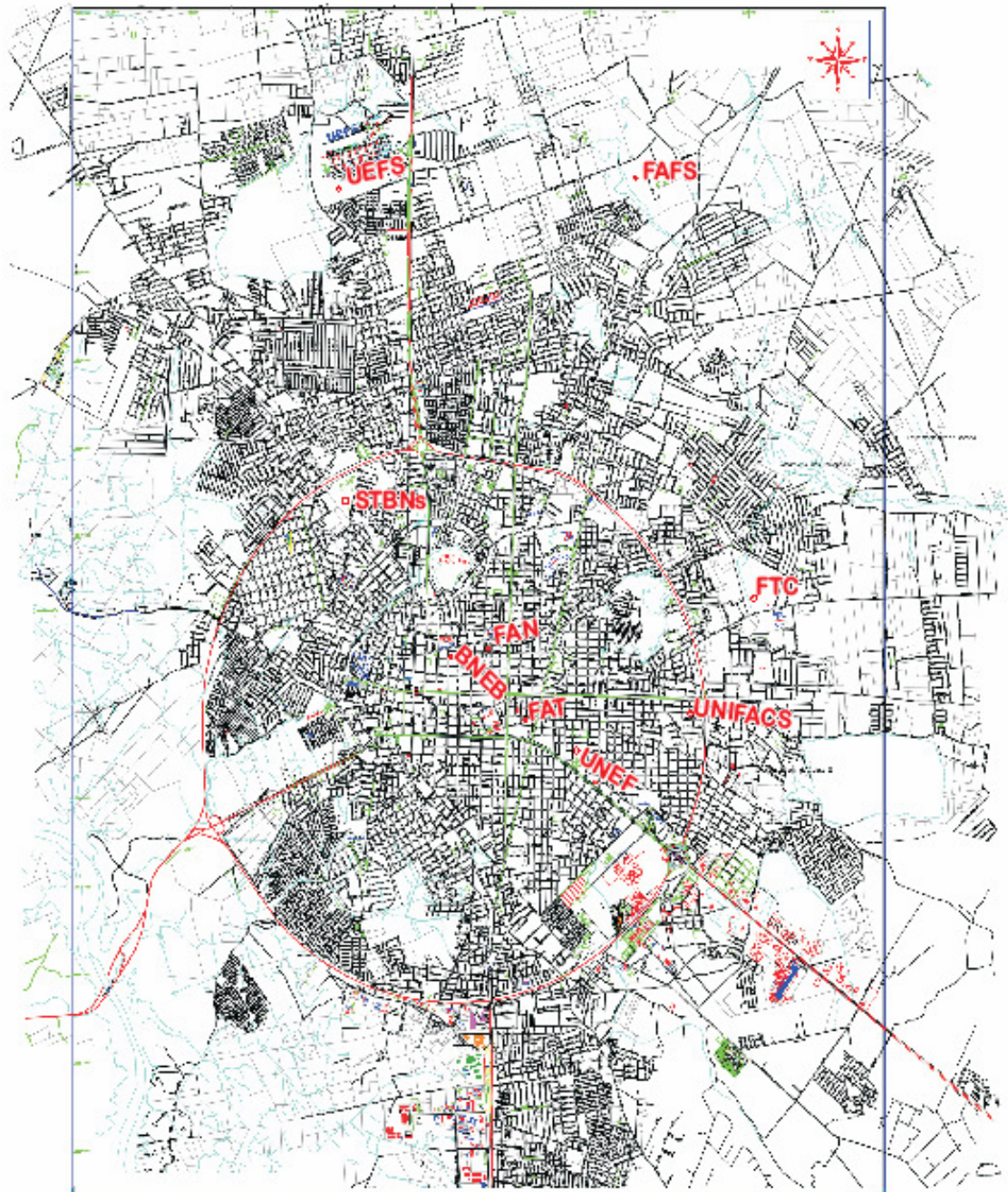
QUADRO 2 – OBJETIVOS E METODOLOGIA

(conclusão)

OBJETIVOS	METODOLOGIA
<p>Aprofundar os estudos sobre a importância da cidade de Feira de Santana como centro regional com amplitude de vínculos econômicos e relações de transações de um complexo de cidades como centro regional de educação superior.</p>	<p>Levantamento bibliográficos sobre o papel desempenhado por Feira de Santana como cidade regional, que vem se destacado no setor de educação superior com nove IES, atraindo estudantes de diversas cidades e de outros Estados, constitui-se um centro regional de terceiro grau.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

(Figura 1) - LOCALIZAÇÃO DAS IES



FONTE: OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO ANTARES

ESCALA: 1: 12.500

3. REFERENCIAL TEÓRICO - CONCEITUAL

A abordagem desse tema torna-se relevante, porque possibilita entender a importância da educação superior para o desenvolvimento da cidade de Feira de Santana. Deste modo, para atingir o proposto, reconhece-se a necessidade, bem como o desafio de enfrentar uma discussão relacionada aos aspectos: região, desenvolvimento e a vinculação entre desenvolvimento regional e educação superior. Isso se dá em razão de entender o processo de expansão da centralidade urbana regional do município de Feira de Santana.

Nas conceituações de região são relevantes as contribuições de Andrade (1977), Correa (1994, 2003), Fonseca (2001), Santos (1994), dentre outros. A influência do pensamento geográfico do Instituto Brasileira de Geografia e Estatística (IBGE) é mostrada por Guimarães (2005). As manifestações sobre o desenvolvimento de Feira de Santana são investigadas em estudos que relatam a história da formação e da colonização regional, como os de Carvalho (1958) e Poppino (1968).

Neste estudo destacamos ainda os conceitos de pólo e centralidade, uma vez que esses contribuem para explicar a organização espacial urbana, através de diferentes modelos e estruturas de desenvolvimento socioeconômico das cidades, em diferentes níveis de pensamentos, contribuindo para um melhor entendimento, como é ressaltado por Silva e Silva (1991), Spinola (2003) baseado em Perroux (1961), considerado como o formulador original da noção de pólo, e Christaller (1985) com a teoria de localidades centrais.

3.1 REGIÃO COMO ESPAÇO DE ORGANIZAÇÃO

Dentro do eixo teórico escolhido, sobressaem algumas abordagens, como a de Lipietz (1979, p. 35-36), na qual as regiões são vistas como produtos das articulações entre o modo de produção capitalista (emergentes e dominantes) e formas econômicas remanescentes de modos de produção anteriores ao capitalismo. A diversidade dessas articulações, no tempo e no espaço, é que determina as diversas configurações regionais e seus respectivos graus de desenvolvimento regional (existentes de espaços dominantes e espaços dominados).

Ressalte-se que o princípio básico norteador desses processos é a divisão internacional/interregional do trabalho: as regiões estariam hierarquizadas segundo a dominância estabelecida pela divisão do trabalho, caracterizando, assim, um sistema com

reais desequilíbrios. Tais desequilíbrios geram, de tempos em tempos, conflitos e crises regionais, pelo desencadeamento de lutas por melhores e maiores inserções dos espaços (quer dizer, de suas classes hegemônicas) na divisão do trabalho.

Ao Estado capitalista cabem, portanto, as tarefas de, inicialmente, remover as barreiras ao pleno desenvolvimento do capitalismo (pela destruição do modo de produção anterior) e, posteriormente, sob a égide do capital (ou de uma fração deste), evitar ou minimizar conflitos sociais que estão localizados no espaço, por meio da intervenção e controle estatais. Dessa perspectiva, merece maior cuidado a análise de conflitos regionais e, segundo Lipietz (1979, p. 69), deve-se atentar para:

[...] poner en guardia contra el riesgo de partir de las regiones desiguales para ver qué relaciones se establecen entre ellas. No sólo son en realidad las relaciones lo que constituye las regiones, y las relaciones entre regiones, sino que además las relaciones de dominación encuentran en los modos dominados correspondências, puntos de apoyo que constuirán la base local de las clases dominantes.

Nessa linha de pensamento, não tem sentido o entendimento da região como entidade preexistente e autodefinida. A região será caracterizada conforme as próprias relações inter-regionais que, por sua vez, representam uma dimensão das relações sociais. A constituição das regiões é um processo integrado à dinâmica do capital, no sentido da sua valorização. Este, de acordo com sua lógica específica, distribui os diversos ramos da divisão do trabalho entre os vários espaços, em função de condições materiais favoráveis ou não, o que inclui formas econômicas remanescentes de modos de produção pré-capitalistas. O espaço diferenciado é, portanto, o resultado do complexo relacionamento entre o capitalismo monopolista, o Estado e as heranças de períodos anteriores.

Já Oliveira (1993) privilegia uma abordagem de região fundamentada nas especificidades da reprodução do capital, nas formas que o processo de acumulação capitalista assume, na estrutura de classes peculiar e essas mesmas formas, bem como nas próprias maneiras de lutas de classes. Em outras palavras, a formação social, política e econômica de um determinado espaço, suas relações com outros espaços diferenciados, sua respectiva estrutura de classes, seus conflitos sociais etc. dão certa conformação ao regional. Mais expressamente Oliveira (1993, p. 29) conceitua a região:

Uma região seria, em suma, o espaço onde se imbricam dialeticamente uma forma espacial de reprodução do capital e, por conseqüência, uma forma espacial de luta de classes, onde o econômico e o político se fusionam e assumem uma forma especial de aparecer no produto social e nos pressupostos da reprodução.

Assim, as diversas formas de reprodução do capital terminariam por configurar também distintas regiões. Cabe ressaltar que as diversas formas de reprodução do capital não se apresentam em estado puro ou isolado (capital comercial, capital industrial, capital financeiro etc.). O que ocorre é uma sobreposição dessas formas, com uma delas emergindo como dominante, comandada por uma classe (ou fração de classe) hegemônica, a qual subjuga as demais. Esse caráter de sobre determinação de uma forma de reprodução do capital sobre as demais é que tende a constituir a homogeneidade de um determinado espaço.

Ademais, a especificidade de cada região se completa num quadro de referências que inclui outras regiões, todas diferenciadas por níveis distintos de relações de produção e da reprodução do capital.

A análise de Oliveira (1993) destaca também certa tendência à homogeneização dos espaços pela própria homogeneização da reprodução capitalista e de suas formas, presidida pelo processo de concentração e centralização do capital. Isto acabaria, supostamente, por acarretar o desaparecimento das regiões, no longo prazo. Contudo, o mesmo autor chama a atenção para o caráter desigual e combinado do capitalismo, em seus diversos esquemas de reprodução. Mais uma vez, deve-se atentar para a idéia de que uma região só tem sentido em relação a outras regiões, pois todas elas referem-se a níveis distintos de reprodução do capital e de suas relações de produção. É o que faz Oliveira (1993, p. 27) quando afirma explicitamente que:

[...] a face interna do imperialismo é essa incoercível tendência à homogeneização do espaço econômico, enquanto sua face externa na maioria das vezes não apenas aproveita as diferenças regionais reais, como as cria para seu próprio proveito.

Ao tratar da crise da noção clássica de região, enquanto resultante predominantemente da relação de grupos humanos com bases geográficas, isto é, foco maior nas relações internas, Santos (1978, p. 10) sentenciava: “Nas condições atuais da economia universal, a região já não é uma realidade viva, dotada de coerência interna. Definida, sobretudo do exterior [...] a região não existe por si mesma”. E, posteriormente, ao propor uma nova maneira de entender a região, enfatizava que:

Compreender uma região passa pelo entendimento do funcionamento da economia ao nível mundial e seu rebatimento no território de um país, com a intermediação do Estado, das demais instituições e dos demais agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos. (SANTOS, 1994, p. 46).

Tais advertências são inteiramente válidas para a noção clássica de região, consagrada durante muito tempo, sobretudo nos estudos geográficos.

Quanto à noção crítica mais atual de que a região é uma resposta localizada dos processos capitalistas amplos (ao menos durante a vigência do próprio capitalismo), cabe salientar que, em relação aos espaços econômicos que nasceram já inseridos na divisão internacional do trabalho do capitalismo mercantil, como fontes para a acumulação primitiva.

No caso do Brasil e de outros espaços que, após a independência política, permaneceram subjugados à divisão internacional do trabalho no capitalismo industrial (periferia capitalista), as determinações externas, desde sempre se constituíram na lógica dominante da própria organização desses espaços.

Com efeito, um dos parâmetros para melhor compreender o fenômeno regional é o modo de produção. A região é, pois, uma categoria de análise que permite apreender como uma mesma forma de produção ocorre em diversas partes do globo terrestre, reproduzindo-se, inclusive, de acordo com suas especificidades regionais. Em outras palavras, a região pode ser encarada como o resultado das possibilidades ligadas a uma presença, nela, de capitais fixos exercendo determinados papéis ou funções técnicas. Santos (1994, p. 46-47), mais uma vez, trata de rebater a idéia de homogeneização do “espaço-mundo” pelo domínio do capital, o que hipoteticamente significaria a falência do ente região:

O mundo como um todo, tornou-se uno para atender às necessidades da nova maneira de produzir, que passa por cima das regiões, países, culturas etc. Mas, enquanto os processos modernos de produção se espalham por todo o planeta, a produção se especializa regionalmente. [...] Se o espaço se torna uno para atender às necessidades de uma produção globalizada, as regiões aparecem como as distintas versões da mundialização. Esta não garante a homogeneidade, mas, ao contrário, instiga diferenças, reforça-se e até mesmo depende delas. Quando mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos.

Diante de tantas assimetrias, verifica-se como um fato irrefutável a constituição das regiões no mundo. Quanto à questão da homogeneização criada pelo capital, deve-se entendê-la precisamente pela ampliação dos espaços mundiais, sob suas

lógicas e regras, e não pela concretização necessária de uma maior igualdade econômica, entre os diferentes espaços. Argumenta-se, afinal, que a aparente inércia, pelos quais os espaços são atualmente organizados ou desorganizados, deve-se, em parte, à mudança de definição do conteúdo funcional das regiões. Ademais, como a difusão da técnica e sua adoção ocorrem de formas descontínuas sobre o espaço, continuarão a existir regiões dominantes (hegemônicas) e regiões dominadas (dependentes). Cada região possui, em regra, uma principal especialização que, no entanto, só se efetiva de acordo com a dinâmica do mercado.

Há, todavia, regiões com múltiplas especializações, o que pode lhes permitir, de acordo com a divisão inter-regional do trabalho e a própria dinâmica do mercado, ocupar uma posição mais privilegiada em relação às demais regiões.

Massey (*apud* BEZZI, 1996, p. 266) enfatiza que a região é uma resultante da produção desigual do espaço conforme a localização de diferentes condições de acumulação, isto é, sua funcionalidade por causa do e para o capital. Por conseguinte, o desigual desenvolvimento existente nos diversos arranjos regionais é permanentemente renovado. Duarte, por vez (*apud* BEZZI, 1986, p. 261), ao abordar as regiões, propõe avançar no entendimento das superestruturas:

Parte-se da premissa de que em uma formação social existem contradições e interesses antagônicos, não só entre ramos de economias, como entre segmentos da classe dominante, entre classes dominantes de diferentes espaços e, por conseguinte, entre espaços. As contradições são reflexos de diferentes formas de reprodução do capital e que tem uma dimensão espacial. Isto é, uma consequência do fato do capitalismo, em uma formação social, se apresentar em diferentes estágios de desenvolvimento, em diferentes espaços. Há então, interesses antagônicos na totalidade social, e estes têm diferentes dimensões espaciais.

Finalmente, cabe salientar que se adote, no presente estudo, uma suposição fundamental, a de que as regiões não são agentes econômicos individualizados, pois, caso contrário, poder-se-ia colher a conclusão, implícita ou explicitamente, de que uma região explora outra, sem se levar em consideração suas classes sociais, suas configurações de poder, suas articulações etc. Entende-se aqui a região, por fim, como uma privilegiada arena dos antagonismos e conflitos sociais. Este é o seu verdadeiro significado, não se justifica que se entenda a região como uma entidade completamente autônoma, isto é, que se basta a si mesma.

3.2 PÓLO COMO ESPAÇO DE CRESCIMENTO

Antes de iniciarmos a discussão sobre pólo como espaço de crescimento, abordaremos alguns pontos sobre os conceitos de crescimento econômico, desenvolvimento econômico e a diferença entre ambos.

Segundo Vasconcellos (2005), o conceito dado a crescimento econômico assenta em um crescimento contínuo da renda per capita, num processo de longo prazo. Quando dizemos que a economia de determinado país obteve índices positivos, em determinado período, em relação ao anterior, estamos na verdade informando que este país teve um crescimento econômico.

Tal acontecimento difere do conceito de desenvolvimento, onde o citado autor o define como sendo as alterações da composição do produto e a alocação dos recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social.

O que Vasconcellos quer dizer, é exatamente a diferenciação entre eles, uma vez que o crescimento econômico refere-se a dados quantitativos (investimento, crescimento populacional, mudança tecnológica, produção industrial etc.) de um país. Já o desenvolvimento econômico trata-se de um avanço em termos qualitativos (redução da pobreza, do desemprego, da desigualdade, melhores condições de saúde, de alimentação, de educação e de moradia).

De forma geral, poderíamos relacionar tais conceitos como: Crescimento econômico, medido pelo Produto Interno Bruto (PIB) e pela renda *per capita* e desenvolvimento econômico pelo Índice de Desenvolvimento Humano - IDH.

Nem sempre o crescimento dá lugar ao desenvolvimento, mas para que este ocorra, necessariamente tem que ter havido crescimento. Por sua vez, crescimento só é possível, e faz sentido, se os obstáculos estruturais tiverem sido previamente ultrapassados.

Se um país apresenta aumento do número de oferta de emprego, mas há redução do poder aquisitivo do trabalhador, pode-se dizer que este país teve crescimento econômico que não foi acompanhado por desenvolvimento econômico. As transformações quantitativas em dado momento dão origem a modificações qualitativas, da mesma maneira que modificações qualitativas conduzem, em certas épocas ou períodos, a modificações quantitativas.

O desenvolvimento econômico traduz o progresso de caráter qualitativo num determinado espaço econômico. Fundamentalmente resulta da permanente transformação dos recursos produtivos, das modificações inovadoras introduzidas no sistema produtivo e da conseqüente adaptação das relações econômicas e sociais. É um efeito das constantes mudanças abrangendo o conjunto das estruturas econômicas e sociais.

Os conceitos de desenvolvimento e de crescimento estão ligados ao de progresso econômico, que a partir do desenvolvimento da produção do caráter criador do trabalho, da técnica, da moderação da dependência dos recursos naturais, exige a melhoria das condições de vida das pessoas e das suas capacidades produtivas. Isto é, crescimento é aumento de produção enquanto desenvolvimento é aumento de produtividade com melhor distribuição de renda.

A expressão original em Perroux é “pólo de crescimento” (ou ponto de crescimento). Posteriormente a expressão “pólo de crescimento” é transformada em “pólo de desenvolvimento”, o que vai introduzir uma primeira confusão conceitual. Confusão essa que não é referendada por Perroux que ao utilizar as duas expressões, teve o cuidado de diferenciá-la conceitualmente. Sabe-se que a diferença entre crescimento e desenvolvimento é fundamental, como vista a acima.

Voltando ao ponto inicial, discorreremos pólo como espaço de crescimento, para Spinola (2003), o conceito de pólo de crescimento e a sua teoria foram originalmente concebidos como instrumentos úteis à descrição e explicação da dinâmica do crescimento econômico das economias capitalistas modernas.

Perroux (1961), considerado como o formulador original da noção de pólo, parte de um dado de observação para derivar o que viria a ser posteriormente designado como “teoria dos pólos de crescimento”. O dado de observação é o de que o crescimento nas modernas economias capitalistas não se manifesta de forma homogênea no interior de um espaço econômico, mas se inicia e se propaga a partir de certos pontos dotados de intensidades variáveis de irradiação, difunde-se por canais diversos e produz efeitos finais distintos para a economia em seu conjunto (PERROUX, 1961, p. 195).

Assim, o crescimento consiste num processo essencialmente polarizado, na medida em que as forças que o induzem operam no sentido de reunirem atividades em torno de sucessivos centros de inovação do que resultam desequilíbrios entre setores e, por extensão, entre as regiões nas quais estes se localizam.

A noção de pólo, formulada por Perroux, considera um espaço econômico abstrato, concebido como um campo de força representado por centros de inovação. São os centros desse campo de força que Perroux denomina pólos de crescimento, pois neles é que se gera o crescimento, e deles, o crescimento é irradiado para o resto da economia. Assim, a noção de pólo é concebida como instrumento conceitual para representar o processo através dos quais as atividades econômicas surgem e se expandem ou estacionam e desaparecem. Em função desse quadro de referências, a noção de pólo ganha sentido em sua formulação original.

Segundo Boudeville (1973, p.12), As cidades polarizadas mantêm ligações de interdependência com as cidades limítrofes. À medida que se desenvolvam e ampliem os canais de comunicação que as unem, as relações sócio-econômicas se intensificam e os problemas urbanos aumentam.

A noção de interdependência é conferida pela região polarizada originada da observação da irradiação comercial das aglomerações urbanas. A cidade mantém um intercâmbio com o campo e com as cidades satélites que gravitam ao seu redor. Constituem-se uma região em torno de uma capital regional... (BOUDEVILLE, 1973, p.14).

Ferrera de Lima (2003) sintetiza as análises de Boudeville (1972) e Perroux (1982) ao afirmar que o espaço polarizado corresponde a um campo de forças ou de relações funcionais. Entre os espaços homogêneos (interdependentes), que consistem em centros (pólos ou nós) emanam forças centrípetas (de atração) e centrífugas (de repulsão). Assim, o espaço ou região polarizada é o lugar onde há o intercâmbio de bens e serviços, associado à intensidade das interações de ordem econômica.

Conforme proposto por (Richardson, 1973) a distribuição desigual da população urbana no espaço advém da eficiência econômica baseada em economias externas de escalas provenientes da concentração em poucos centros urbanos de grande porte da oferta de serviços e, não disponíveis nos centros menores.

Do ponto de vista espacial configura-se, assim, uma hierarquia urbana, formada pelo centro de maior tamanho, que exerce a função de suprir serviços especializados a centros menores em seu entorno, especialmente os serviços ofertados para o setor produtivo regional.

A Teoria do Lugar Central (Christaller 1966), vista sob esse aspecto, enseja claramente uma concepção de área de mercado a ser polarizada pelo centro urbano de maior população e densidade na oferta de serviços.

Por esta razão o nível de terceirização de uma localidade é o melhor indicador de sua capacidade de polarização (Lemos,1991). A concentração das atividades residenciais, próprias do setor de serviços, é que irá diferenciar uma base exportadora de bens de um lugar cujo mercado interno adquiriu o tamanho necessário ao desenvolvimento de algumas atividades terciárias.

Ao adquirir um determinado porte, esse lugar de maior densidade urbana tende a se constituir em um centro de consumo coletivo, que tende a atrair um fluxo de pessoas se deslocando até ele em busca de atividades especializadas.

Esse fluxo de pessoas origina-se de lugares de menor densidade urbana, que constituem as áreas de influência ou entorno do lugar central. Em função de sua estrutura produtiva (ou pela ausência de uma) estas áreas urbanas ou regiões são caracterizados como bases exportadoras (agropecuárias ou industriais), enclaves administrativos, ou, simplesmente vazios econômicos. O conceito de região neste caso é baseado em Perroux (1957), que define uma região por sua natureza “econômica” e posição de força ou dominância. Ou seja, a hierarquia urbana é replicada no espaço enquanto um processo de dominação econômica entre regiões, que resulta na existência de regiões pólo e regiões dominadas.

Diante dessas proposições teóricas, expostas acima, a polarização é caracterizada pela dinâmica específica de um setor, o terciário, e que a área de influência de um pólo está relacionada a um fluxo de trocas, isto é, deslocamento de mercadorias e de pessoas em busca de serviços.

Conforme exposto acima, podemos considerar uma possível relação da cidade de Feira de Santana como pólo regional de desenvolvimento econômico e de educação superior, pelo papel desempenhado pela rede urbana da cidade e sua articulação no âmbito regional, decorrente das relações que exercem efeitos determinantes sobre a organização do território.

Segundo Santos (1999), a divisão territorial do trabalho atribui a alguns segmentos e lugares um papel privilegiado na organização do espaço, seja funcional ou territorial, dotando-os de maiores condições a especializações, visando à maior concentração de capital, mensagens, valores, circulação de mercadorias e pessoas, possibilitando novas divisões espaciais do capital e do trabalho.

Como saldo, tem-se uma assimetria nas relações, com aceleração do processo de alienação dos espaços e dos homens, do qual um componente é a mobilidade das pessoas (SANTOS, 1999, p.142).

Para Perroux, os pólos de crescimentos seriam definidos como espaços econômicos abstratos divididos em três tipos:

- uma planta econômica;
- um campo de força de influências;
- um agregado homogêneo.

O conceito de espaço econômico discutido por Perroux, é um espaço abstrato, histórico e descontínuo, expressando-se em uma linguagem de cálculos diferencial e consistindo fundamentalmente de localidades (nodos) e de uma rede de interconexões (fluxos de bens, capital, trabalho e informações). Os seus agentes principais são as firmas e corporações, que têm como objetivos a obtenção de lucros, buscando sempre maior eficiência na acumulação de excedentes.

Friedman (1983, p. 47) mostra, em termo integrativo e esquemático, a existência de duas geografias conjuntas constituindo uma unidade de opostos: geografia do espaço vital e do espaço econômico. O espaço vital como o lugar da vida, da convivência e de sua expressão. O espaço econômico corresponde às condições de vida, à manutenção da vida. Mesmo observando que as duas geografias são necessárias para a manutenção das sociedades modernas, Friedman destaca que há um conflito entre elas, já que durante os dois últimos séculos, o espaço econômico transtornou, invadiu e fragmentou os espaços vitais dos indivíduos e das comunidades.

Os espaços vitais existem em diferentes escalas e dimensões desde os espaços vicinais, numa concepção mais limitada, abrangendo a maioria das atividades diárias das pessoas até os espaços vitais mais amplos, como a cidade, a região e o país. Os lugares expressão concreta dos espaços também têm nomes, constituindo comunidades cultural e politicamente organizadas visando assegurar a vida em comum, satisfazendo as necessidades individuais e coletivas.

Feira de Santana como um pólo urbano regional compreende, pois, a organização do conjunto das cidades em suas zonas de influência, a partir dos fluxos de bens, pessoas e serviços, estabelecidos entre si, e com as respectivas áreas rurais, constituindo-se em um “reflexo social” e econômico, resultado de complexos e mutáveis processos engendrados por diversos agentes sociais.

O papel de um centro pólo não se limita apenas à distribuição varejista e de prestação de serviços a uma população externa. Os centros urbanos realizam também

outros papéis que encontram correlação com a hierarquia de localidades centrais, como é o caso da cidade de Feira de Santana. O papel de mais alta correlação desempenhada é o da distribuição das vendas no atacado e através de representantes comerciais, o qual se exprime pela crescente concentração nas cidades de nível hierárquico mais elevado, que possuem economias externas para justificar tal concentração. Esta é a vocação da cidade de Feira de Santana como pólo que, desfrutando de uma localização geo-econômica privilegiada, de um comércio que já é parte integrante de sua história, contando com um contingente demográfico considerável em relação aos municípios circunvizinhos.

Os lucros das operações comerciais e de serviços, bem como aqueles produzidos pelo trabalho na indústria, também circulam através da rede bancária, utilizam a rede hierarquizada de centros como pontos de apoio. Do mesmo modo, parcelas consideráveis dos salários acabam circulando em direção aos grandes centros polarizantes, por intermédio do comércio varejista e da rede bancária situados nas localidades centrais. É neste contexto que a cidade de Feira de Santana se enquadra como cidade pólo da macrorregião, liderando 96 municípios (IBGE/REGIC, 1987, 2003). Além de constituir-se em uma cidade pólo, que articula através da distribuição dos processos de produção, circulação e consumo de bens e serviços, constitui-se em um conjunto de local de decisão, gestão e controle do sistema social, através da localização das elites e dos órgãos das administrações regionalizadas.

O papel desempenhado por Feira de Santana na evolução urbano regional mostra as sucessivas fases de formação e expansão de um quadro regional complexo, chegando hoje a uma nova realidade de uma maior inserção num quadro de relação metropolitana. Isto é, concomitante ao papel de uma capital regional (IBGE/REGIC 1987, 2003), onde ocorre a estruturação de subáreas, repercutindo nos níveis atuais da centralidade exercendo papel de principal pólo urbano regional.

3.3 CENTRALIDADE URBANA COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O papel regional urbano de Feira de Santana reflete o grau de interação nas relações política, econômica e social, de cidades que guardam uma importante interdependência, como ressaltou Silva, Silva e Leão (1985, p.26, baseado em Pred).

O espaço organizado por um determinado sistema de cidades, sobretudo a partir de seu centro mais importante, é a região, ou seja, um espaço funcionalmente integrado e delimitado pelo conjunto de suas relações.

A cidade de Feira de Santana é entendida, portanto, como um sistema dentro de um sistema de cidades, integrada a um quadro urbano-regional dentro de um sistema de regiões.

As semelhanças entre o tamanho das cidades inseridas em uma hierarquia, numa determinada relação urbana regional, e certos aspectos da vida econômica e social destas relações, reside no fato de que é das cidades que as ligações econômicas se realizam, delas derivando o desenvolvimento.

A cidade é entendida como uma localidade central de uma região e, neste sentido, pode-se defini-la como um sistema dentro de um sistema de cidades. E, a partir daí, é fácil entender o quadro urbano-regional como um sistema dentro de um sistema de regiões (SILVA, SILVA e LEÃO, 1985, p.28, baseado em Berry).

Assim, a centralidade demonstra-se como uma via da abordagem da Teoria de Localidades Centrais de Christaller, a rede urbana é uma das principais vias de estudo das redes geográficas, e neste momento terá maior destaque, pois verifica-se uma relação com a posição urbana regional de Feira de Santana.

Tomando por base Corrêa (1989), esse conceitua a rede urbana como:

[...] conjunto de centros funcionalmente articulados, tanto nos países desenvolvidos como subdesenvolvidos, reflete e reforça as características sociais e econômicas do território, sendo uma dimensão sócio-espacial da sociedade. (CORRÊA, 1989, p. 8).

Na visão de Carlos (1992), a centralidade urbana pode ser caracterizada como uma forma sócio-espacial de um ciclo de exploração. Esse, por sua vez, pode ser definido num primeiro nível, como a cidade grande que, de certo modo, usufrui das cidades menores e das áreas rurais, através de todas as possibilidades (mão-de-obra, alimentos, renda financeira, etc.). Num segundo nível, que está diretamente atrelado ao primeiro, realiza-se o mesmo processo, porém num sentido inverso, é a cidade grande que entrega, para usufruto destes espaços citados, recursos financeiros, infra-estrutura e tudo o que as cidades menores necessitam. Nesse contexto, a uma possível relação com a posição da cidade de Feira de Santana, como um sistema urbano regional de um sistema de cidade, assume o papel de cidade regional.

Na perspectiva de Porto (2003, p.111), na análise das funções desempenhadas de cada cidade, deve-se lembrar que estas não atingem determinado nível de crescimento ou importância, perante as demais, por seu desempenho isolado. Ao contrário, isso vai ocorrer devido à sua maior ou menor ligação com outras cidades de porte diferenciado que se apresentam distribuídas espacialmente no território.

Santos (1979, p. 73), assim como Corrêa (2001, p. 265) contribuem inúmeras vezes com subsídios na tentativa de explicar a formação e consolidação de redes. A preocupação de Santos, nesse período, se volta para a rede urbana e os circuitos econômicos dos países subdesenvolvidos. Esse autor aponta a diferença de significado da rede urbana entre as diferentes classes econômicas. A cidade local pode ter funções diferenciadas para cada uma delas. Ao mesmo tempo em que fornece bens e serviços gerais, ela também atua como totalitária para quem tem baixa condição de mobilidade.

Já Rochefort (1998, p.98) defende a teoria de que as redes urbanas organizam-se quando a modernidade, através dos transportes, permite grandes deslocamentos. Para o desenvolvimento desta teoria, este autor tomou como base o setor terciário da economia de países desenvolvidos, o que não invalida a presente discussão. Segundo ele, a caracterização de uma rede depende de dois elementos fundamentais, que podem ser explicados como: primeiro, evidenciar quais são os tipos de cidades presentes na região de interesse de estudo; e segundo, definir os espaços de influências das cidades que se determinam como os primeiros níveis da hierarquia.

Cardoso e Azevedo (1982) fazem um estudo sobre as redes de localidades centrais, onde abordam este conceito para explicar a disposição destas no país. Segundo as autoras:

Este estudo, calcado na teoria das localidades centrais e suas extensões recentes, considera a importância dos centros urbanos brasileiros enquanto locais de distribuição varejistas e de prestação de serviços para uma população residindo fora dos limites (CARDOSO e AZEVEDO 1982, p. 639).

A formação e consolidação das redes vão contribuir para o processo de organização do espaço urbano, em áreas anteriormente difíceis de interligar, ou mesmo, manter contatos, transformando, a partir desse fenômeno, seus espaços e suas economias. É o que afirma Corrêa (1989, p. 5): “No bojo do processo de urbanização a rede urbana passou a ser o meio através do qual produção, circulação e consumo se realizam efetivamente”. Percebe-se, então, que nem todo o espaço de uma cidade, ou mesmo de

uma região, pode estar urbanizado e dotado dos mais diversos equipamentos. Mesmo assim, a produção e o consumo se realizam independente do local, e pode ser formada uma rede – capaz de realizar tais atividades.

Pode-se considerar a cidade como um dos elementos permissivos à concentração de variadas atividades, com o poder de centralizar serviços, técnicas e decisões diretamente influentes na vida dos cidadãos. Percebe-se a atenção dos estudiosos, onde a organização do espaço e a estruturação das redes assumem posição singular na relação entre as diferentes áreas e, principalmente, como instrumento de análise dos espaços urbanos. É importante ressaltar, como faz Corrêa (2000), os vários caminhos que devem ser seguidos para análise profunda das relações articuladas num dado centro urbano. O autor destaca como essa diversidade é promotora de combinações, de tal modo particular, assumido especificidades locais:

A literatura sobre redes urbanas aponta já há algum tempo, para a diversidade dos inúmeros conjuntos articulados de centros urbanos. (...) A diversidade diz respeito às possíveis combinações dos mesmos elementos que, entretanto, ao se concretizarem o fazem de modo específico, pois cada um desses elementos assume a própria especificidade. (CORRÊA, 2000, p. 121).

Segundo o autor, é inegável, não destacar a importância das diversas redes geográficas na vida econômica, social, política e cultural. De um modo ou de outro, todos estão em mais de uma rede geográfica e, simultaneamente, excluídos de um número ainda maior de redes. (CORRÊA, 2000, p. 132).

Christaller, na década de 1930, formulou a Teoria de Localidades Centrais, onde conceitua a abordagem sobre centralidade da seguinte forma: “A centralidade de um lugar é igual ao seu excedente de importância, isto é, a relativa importância deste lugar em relação a uma região a ele pertencente” (CHRISTALLER apud SILVA; SILVA, 1991, p. 120), que serviu de base para a construção e discussão de um número considerável de estudos sobre a formação de redes urbanas.

A teoria desse autor sobressai entre os clássicos estudos sobre a formação das redes urbanas, estabelecendo hierarquia de cidades do ponto de vista espacial, entre cidades, através do volume de impostos e pela circulação de mercadorias no espaço, como escreve Corrêa (1988, p. 61).

O papel desempenhado por Feira de Santana, calcado na teoria das localidades centrais, como importante centro urbano regional, enquanto local de

distribuição varejista e de prestação de serviços, como centro de região, das relações espaciais e dos ritmos de crescimentos demográfico, econômico e político, e do nível de eficiência no atendimento das necessidades dos habitantes da região, pode ser caracterizada como uma forma sócio-espacial de um ciclo de exploração, com um conjunto de centros urbanos dentro de uma hierarquia de cidades, funcionalmente articulados, entre cidade dominante e cidades dominadas.

O município de Feira de Santana ocupa historicamente posição estratégica no Estado da Bahia, entrecruzado por rodovias que ligam o Norte/Nordeste do País com as regiões do Sul e Sudeste, e Salvador com todo o interior, beneficiando o processo de organização da rede urbana através da facilidade de acessos e dos transportes, permitindo grandes deslocamentos. Estas características foram e são importantes para o desenvolvimento econômico do município e da cidade, atraindo capitais e população num processo de crescimento urbano, adquiriu características de capital regional, segundo as Regiões de Influência das Cidades Brasileiras (REGIC) do IBGE.

Portanto, a rede urbana será aqui considerada como o conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si, algo socialmente produzido, historicamente contextualizado, cujo papel principal é articular a sociedade numa dada porção do território. As cidades não se constituem numa rede funcional em si, mas para si. Quem se estabelece em rede é a sociedade, que tem a cidade como base desse processo, sendo essa a escala da análise.

4. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA, ECONOMICA E SOCIAIS DE FEIRA DE SANTANA

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A origem do atual Município de Feira de Santana remonta ao século XVII, período inicial do povoamento de sua região impulsionado pela criação de gado e instalação de currais. O povoamento surgiu com a doação de terras pelos reis portugueses a alguns súditos. Nas terras que deram origem a Feira de Santana, a família Peixoto Viegas foi detentora das terras nas quais teve início a freguesia, chamadas Jacuípe, Água Fria e Itapororocas (POPPINO, 1968, p. 51).

Feira de Santana, ainda povoado, aparece numa posição estratégica, localizada no caminho direto entre o Recôncavo e as imensas pastagens de Mundo Novo, Jacobina e Médio São Francisco. Além disso, o povoado estava rodeado de excelentes pastagens naturais. Um terceiro fator, a presença de água suficiente para os animais que por aqui passavam, a região era atravessada por dois rios e numerosos riachos. Salvo nos períodos de seca prolongada, o suprimento de água dessa área bastava para milhares de cabeças de gado (POPPINO, 1968, p. 56).

Essa vocação para sediar núcleos de criação e engorda de gado resultou, entre os séculos XVII e XVIII, numa crescente afluência de pessoas que periodicamente vinham para essas terras, favorecendo a implantação de um pequeno arraial e, com o passar do tempo, de uma feira semanal. Como herança dos tempos de arraial, a feira semanal propiciou o surgimento do comércio feirense que além de favorecer a economia local, configurou-se como uma das características marcantes da sociedade que a fomentou.

A influência das relações comerciais de compra e venda de gado bovino, ampliou-se devido à rota que ligava o sertão ao litoral, dando à feira uma importância crescente no cenário regional daquela época, constituindo-se em uma feira semanal, que se tornou um centro de permuta comercial e pousos obrigatórios de tropas e viajantes, oriundos do alto sertão da Bahia, Minas Gerais, Piauí e Goiás, em demanda do porto de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, à margem do rio Paraguaçu, principal ligação com a metrópole Salvador, onde se localizavam grandes estabelecimentos de tecidos e mercadorias diversas.

Localizada na estrada das boiadas, três léguas ao sul do arraial de São José das Itapororocas, chamava-se fazenda Santana dos Olhos D'água, com quase uma légua de

comprimento e meia légua de largura, pertencente ao português Domingos Barbosa de Araújo e à sua esposa Ana Brandoa, que nela se instalaram no princípio do século dezoito onde construíram uma capela próxima da casa de residência, dedicada a Santana e a São Domingos, em torno da qual a cidade se desenvolveu. A devoção era tal que, quando faleceram em 1833, a fazenda foi considerada propriedade da capela, não podendo ser dividida nem vendida (CARVALHO, 1958, p. 19).

Na fazenda citada, diversos acontecimentos permitiram uma concentração populacional significativa para a época: as senzalas dos escravos, os casebres dos trabalhadores livres que arrendavam terras dos grandes fazendeiros para plantações e a pequena capela – importante local para uma comunidade católica. Tais fatores, atrelados à localização, permitiram o seu crescimento e transformação: “Uma dessas fazendas privilegiadas, localizada na principal estrada de gado (a estrada das boiadas) era Santana dos Olhos D’água. Posteriormente daria origem à cidade de Feira de Santana” (CARVALHO, 1958, p.21).

A construção da capela tornou-se ponto de encontro para o povo da freguesia que aí se reunia para fazer orações, visitas e negócios. A feira, que teve início por volta de 1840, deu o seu nome à atual Feira de Santana. Conhecida a princípio como a Feira de Santana dos Olhos D’água, depois se chamou simplesmente Feira de Santana. Uma vez localizada, a feira tornou-se uma parte da vida econômica e social de toda a circunvizinhança, suficientemente importante para ser considerado um arraial florescente junto à capela de Santana dos Olhos D’água (POPPINO, 1968, p. 21).

Em 1833, foi elevada à condição de vila, com o território desmembrado de Cachoeira e constituído pelas freguesias de São José das Itaporocas (atual distrito de Maria Quitéria), Sagrado Coração de Jesus do Pedrão (atual município de Pedrão) e Sant’Anna do Comissão (atual município de Ipirá). A lei provincial número 320, de 6 de junho de 1873, concedeu foros de cidade à sede municipal, com a denominação de Cidade Comercial de Feira de Santana. Os decretos estaduais de números 7.479 e 7.566 de 23 de junho e 8 de agosto de 1931, respectivamente, simplificaram o nome para Feira.

Esta denominação, todavia, foi modificada mais uma vez para o atual topônimo de Feira de Santana, a partir da vigência do decreto estadual nº. 11.089, de 30 de novembro de 1938, constituído de onze distritos: Feira de Santana (sede), Anguera (atual município do mesmo nome), Bonfim de Feira, Humildes, Ipuacu (hoje distrito Governador João Durval Carneiro), Jaguará, Jaíba, Maria Quitéria, Pacatu (atual município de Santa

Bárbara), Tanquinho (atual município do mesmo nome) e Tiquaruçu. (Enciclopédia dos municípios do Brasil, 1957, p. 221).

Historicamente, Feira de Santana é marcada pela vitalidade da atividade comercial, desde os tempos coloniais, como um importante entreposto de comercialização de mercadorias. Durante todo o século XIX, era fonte de prestígio e *status* a centenária feira livre desenvolvida no arraial, responsável pela circulação cada vez maior de pessoas, oriundas das regiões vizinhas.

Ao longo da primeira metade do século XX, sua importância permaneceu. A cidade, em processo de modernização, constituía-se no centro comercial líder do interior, na fronteira da capital Salvador com o sertão, do recôncavo aos tabuleiros do semi-árido da Bahia (POPPINO, 1968, p. 76).

Em menos de um século e meio, Feira de Santana transformou-se de região pastoril, quase desconhecida, de escassa população, numa das comunidades mais ricas e mais densamente povoadas do sertão baiano. Essa importância explica-se pela feliz combinação de fatores geográficos e humanos que fazem de Feira de Santana a "Princesa do Sertão" (POPPINO, 1968, p. 246).

Feira de Santana é muito mais do que um pouso nas estradas da Bahia. Desde os tempos coloniais tornou-se conhecida como um entreposto comercial de vida própria. As atividades comerciais cresceram consideravelmente na cidade e por mais de um século a cidade gozou da reputação de empório líder do sertão baiano. Como tal, há muito tempo, é o ponto de convergência de quase todas as matérias-primas embarcadas do interior para a metrópole, bem como mercado principal e o mais importante centro de distribuição para os produtos provenientes da Capital. A atividade comercial verifica-se não somente pelo grande número e pela variedade de estabelecimentos comerciais localizados na cidade, como também pelo volume de negócios pecuários e agrícolas que realizavam na feira semanal.

Feira de Santana, "a Princesa do Sertão", como foi apelidada por Ruy Barbosa, em 1919, (Gama, 2005, p. 72) traz, então, desde suas raízes, características que ainda hoje fazem parte de seu cotidiano: a religiosidade de seu povo, a situação de entroncamento de estradas, as intensas atividades econômicas.

A década de 20 do século XX foi marcada pela necessidade de aprimoramento cultural da sociedade feirense, sendo instalada a escola Normal Rural de Feira de Santana, a qual formava várias professoras com o objetivo de exercerem o magistério, e o ginásio Santanópolis, criado no início da década de 30, com o curso

secundarista. Esses, pois, são considerados fatos sintomáticos da preocupação com a formação de profissionais habilitados no Município, destaque no cenário regional.

Nos anos 50, Feira de Santana era um mercado importante para a comercialização dos produtos agrícolas e pastoris, conhecida em todo o nordeste do Brasil. Os compradores viajavam dos municípios circunvizinhos e da costa, para a aquisição dos artigos produzidos em regiões distintas da Bahia e dos outros estados.

Ao final da década de 60 inicia-se uma nova fase de expansão econômica no País, resultado de uma nova divisão inter-regional do trabalho, na qual as regiões brasileiras teriam que se especializar em função da expansão dos capitais industriais, promovendo um novo surto de desenvolvimentismo, influenciando os principais estados do Nordeste, que se inseriram nessa expansão econômica, por meio da especialização de determinados bens industrializados. Feira de Santana, o mais importante pólo de desenvolvimento do interior baiano, dentro desse contexto, sofreu a influência de todo esse ideário desenvolvimentista a partir da instalação do centro industrial de Subaé, nos anos 1970, que permanece até os dias de hoje.

4.2 INFLUÊNCIA DO ENTROCAMENTO RODOVIÁRIO

O município de Feira de Santana ocupa historicamente posição estratégica na região Nordeste e no Estado da Bahia, entrecruzados por rodovias ele se constitui num importante eixo rodoviário do país, do Nordeste e do Estado da Bahia, formado por um anel de contorno, interligadas pelas BR- 324, BR- 116, BR - 101 e as BA - 052, BA - 502, BA - 503 e BA - 504, com acessos para as BR - 242 e BR - 110, interligando o Norte/Nordeste do País com as regiões do Sul, Sudeste, Centro Oeste e Salvador com o interior.

Esta característica de encruzilhada de estradas foi no passado ponto-chave na formação da cidade e, ainda hoje, é um dos fatores responsável pelo desenvolvimento econômico e social do município, atraindo capitais e população que, num processo de crescimento urbano, adquiriu porte de cidade regional.

Esta posição privilegiada, explica sua dinâmica interna, marcada pela contribuição ao desenvolvimento regional e nacional, e pelos benefícios que colhe devido à sua posição estratégica em relação ao mercado nacional e regional.

Inserida num espaço geográfico centralizado em relação às demais regiões brasileiras, funciona como centro regional de passagem de pessoas e produtos, exercendo

papel de entroncamento de vias de transporte, ligando a região Metropolitana de Salvador com municípios do interior do Estado da Bahia; interliga-se com as regiões de fronteira agrícola do Oeste da Bahia, com a região Centro-Oeste do país e, mais ainda, com o Distrito Federal, centro de decisões políticas, além do acesso aos Estados industrializados do Sudeste e Sul do País.

A história regional chama atenção para a precocidade da inserção de Feira de Santana na divisão inter-regional do trabalho, e da mercantilização regional desde o início do século XX, ocorrendo forte grau de sintonia da dinâmica regional com a nacional. Feira de Santana funciona como centro de região, posto avançado ou ponte dos grandes interesses do capital do litoral às áreas de fronteira do sertão.

Contando com forte expansão comercial e maior articulação com a metrópole Salvador, consolidou-se uma maior concentração do capital comercial, possibilitando o direcionamento de capitais para serviços urbanos, modernizando a infraestrutura da cidade, o que permitiu sua diversificação econômica.

O capital agrário e comercial se desloca nos anos 70 na direção de uma base industrial, implantando nas cidades mais dinâmicas os distritos industriais, com equipamentos básicos para o desenvolvimento das atividades secundárias, diversificando a produção regional, principalmente via aplicações agro-industriais. A região firmou-se como pólo armazenador, processador de produtos agropecuários e (re)distribuidor atacadista de mercadorias. Esta dinâmica positiva da economia regional de Feira de Santana permitiu a expansão do emprego, através da ampliação das oportunidades de trabalho e investimentos, atraindo maiores contingentes de migrantes.

Tanto Poppino (1968) como Carvalho (1958) em suas pesquisas, observaram a importância que teve a localização estratégica da fazenda Santana dos Olhos D'água, entre caminhos e estradas de boiadas, isto é, um entroncamento de acessos, que faziam a ligação entre o interior e a metrópole Salvador, de onde surgiu a feira de gado bovino, posteriormente dando origem à cidade de Feira de Santana.

Poppino (1968, p. 195) descreve a evolução dos transportes no período de 1860 a 1950. A cidade sendo elevada à categoria de principal centro comercial do interior da Bahia. Essa posição era devida especialmente ao desenvolvimento das comunicações ferroviárias e rodoviárias, que ligavam o município às outras regiões do Estado.

A introdução do transporte ferroviário, ligando a cidade de Feira de Santana ao litoral, via Cachoeira, inaugurado em 2 de dezembro de 1876, interligando a região do recôncavo, foi o primeiro grande benefício para a agricultura, pecuária e o

comércio da cidade no período. Uma viagem entre Feira de Santana e Salvador durava menos de sete horas. Assim, tornara-se possível os moradores de Feira de Santana deslocarem-se à capital pela manhã e voltarem na manhã seguinte. A viagem antes durava em torno de três dias. A cidade tornava-se centro do sistema de transportes do sertão baiano, estradas e caminhos daí irradiavam para as principais cidades do interior.

A estrada de ferro Feira de Santana a Cachoeira, conhecida como estrada de ferro Central da Bahia, tinha de comprimento 48 quilômetros, bitola 1,067 metro, construída pela companhia de capital inglesa *The Brazilian Imperial Central Bahia Railway, Company Limited*, criada em agosto de 1875, em Londres, na Inglaterra, que sucedera a companhia *Paraguassu Steamer Tramroad Company Limited*, de capital inglês, que iniciara a construção, falindo em 1870. O material rodante consistia de 56 unidades: seis carros de primeira classe, quatro de segunda, um carro imperial, dois carros de bagagem e 40 para transporte do gado e das cargas.

A estrada de ferro constituiu um sucesso imediato. No primeiro ano de operação a companhia transportou mais de 25 mil passageiros, e mais de 6 mil toneladas de carga, principalmente fumo e gêneros alimentícios para os mercados da capital e das cidades do recôncavo. (POPPINO, 1968, p. 203).

A partir da segunda metade dos anos 30 do século passado, o papel das ferrovias como principal meio de transporte na Bahia começa a perder dinamismo, entrando em decadência nos anos seguintes, principalmente pela abertura das estradas de rodagem.

Com a introdução do automóvel e a construção da rodovia que ligava a cidade de Salvador a Feira de Santana, aumentaram consideravelmente as relações econômicas e sociais entre a capital e o interior da Bahia. Os movimentos de cargas e passageiros entre o interior e a costa estimularam o comércio e a indústria local.

Em 1940, o município tornara-se um mercado importante, como centro de distribuição das mercadorias desembarcadas pelo porto de Salvador, provenientes do exterior, Rio de Janeiro e São Paulo, em direção ao interior do Estado.

Feira de Santana, por se situar em uma área estratégica, entre o Recôncavo propriamente dito e o Sertão, passou a exercer, gradativamente, importante papel no inter-relacionamento regional. Durante longo tempo, as relações ainda tênues com a metrópole eram realizadas via Cachoeira, até o início da década de 30 do século XX.

Na segunda metade do século XX, o país assistiu à revolução dos transportes marcada pela consolidação do uso dos automóveis e construção das rodovias em substituição às vias férreas. Segundo Carvalho (2002, p. 98), a revolução nos transportes, ao mesmo tempo em que assegurou papel de entreposto que a cidade vinha exercendo, foi responsável por estabelecer novas relações com Salvador, incluindo nova função, a de centro secundário da capital.

O fato de se constituir em entroncamento rodoviário propiciou fluxo de pessoas e de mercadorias, que tinham em Feira de Santana um ponto de chegada e escoamento, de modo que no comércio local eram encontrados produtos de variadas procedências, das diferentes regiões do país: Nordeste, Sul e Sudeste, além dos produtos oriundos da economia local. Em análise sobre as relações da cidade com Salvador e outros núcleos, Brandão (1998, p. 148) sublinhou a importância regional de Feira de Santana em razão do entroncamento rodoviário:

[...] o fato de que a maior parte das mercadorias que devem abastecer o comércio de Salvador, proveniente das fábricas de São Paulo e do Rio, vem por caminhão e passa obrigatoriamente por Feira de Santana, torna mais econômica a parada aí, quando se trata da distribuição num perímetro menor. São essas mercadorias que Salvador não fabrica [...] Comercializando ela própria os produtos de sua zona de influência, passa a ser uma subcapital regional de novo tipo, o que se torna ainda mais evidente ao se verificar que concorre, e até vantajosamente, com Salvador, na prestação de certos serviços [...] Por essa razão esta localidade assume cada vez mais o papel de uma autêntica capital regional.

Fica evidente o papel de Feira de Santana como centro secundário regional e suas relações com a metrópole deveriam ser diretas e intensas. Isto foi possibilitado com a construção da rodovia Salvador-Feira (BR-324), principal ligação rodoviária da capital com interior do Estado.

Construída no final da década de 20 a ligação rodoviária entre Feira de Santana e Salvador sem pavimentação, e inteiramente asfaltada nos anos 60, possibilitou o aprofundamento das relações econômicas e sociais entre a capital e boa parte do interior do Estado via Feira de Santana. De acordo com a matéria publicada no Jornal Folha do Norte, de 12 de março de 1960, para construir o asfaltamento da BR - 324, o governo Federal através do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), investe cerca de 700 milhões de cruzeiros (moeda da época), sendo desse montante, 300 milhões de cruzeiros entregue ao governo estadual, mediante convênio, e 400 milhões foram

aplicados diretamente pelo órgão rodoviário federal (DNER) (Jornal Folha do Norte, 1960, p. 2).

Ampliada nos anos 80, a BR - 324 parte da cidade de Balsas no Estado do Maranhão, com 626 km de extensão, e tem ponto final em Salvador. A duplicação do trecho entre Salvador e Feira de Santana, foi realizada entre os anos de 1983 e 1988.

A ideologia desenvolvimentista nos moldes cepalino, abraçada no Brasil a partir do governo de Juscelino Kubitschek no final dos anos 50 e início dos anos 60, tinha como pressuposto o discurso da superação das desigualdades regionais, tendo o Nordeste como um dos seus maiores catalisadores através das políticas implementadas pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE fez com que essa ideologia fosse transplantada para os marcos da região, com maior integração com as regiões do Sul e Sudeste.

Os anos 60 celebravam uma nova fase de expansão econômica no país, resultado de uma divisão inter-regional do trabalho, na qual as regiões brasileiras teriam que se especializar em função da expansão capitalista.

É nesse cenário que a BR - 116 foi construída nos anos 1960 com 4.385 km de extensão. Dividida em duas artérias: BR- 116 Sul, denominada rodovia Rio-Bahia, partindo da cidade de Jaguarão no Rio Grande do Sul, corta as regiões Sul e Sudeste até Feira de Santana, e a BR - 116 Norte, conhecida como rodovia Transnordestina, iniciando no perímetro urbano da cidade, cortando toda a região Nordeste, com ponto final na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, principal elo rodoviário entre os Estados do Sul, Sudeste e Nordeste.

A integração inter-regional entre as regiões Nordeste, Sudeste e Sul, através da BR – 116, como principal via de acesso, permanece até o início dos anos 80, com a construção da BR - 101, novo eixo rodoviário, com extensão de 4.551 km, denominada rodovia litorânea, cortando o país de Norte a Sul, partindo da cidade de Touros, no Rio Grande do Norte, margeando o litoral do Brasil até a cidade de São José do Norte, no Estado do Rio Grande do Sul, passando pelo município de Feira de Santana. Surgindo mais uma opção de integração nas relações econômicas e sociais inter-regional entre Feira de Santana, com as regiões Nordeste, Sul, Sudeste e o interior do estado.

Assim, ao lado da ampliação do mercado regional, surgem novos mercados decorrentes da abertura da região, com a construção das BR - 116 e BR - 101, no quadro das novas relações inter-regionais processadas no país.

Por outro lado, novas estradas (ou melhor, velhos caminhos) em torno de Feira de Santana reforçaram-na como centro da região.

A partir da segunda metade da década de 1970, é implantado um novo programa de desenvolvimento econômico por parte do governo do Estado da Bahia, com a construção e pavimentação de estradas estaduais. É neste quadro de uma política de integração regional estadual, por meio de rodovias estaduais asfaltadas: BA - 052 denominada estrada do Feijão, ligando Feira de Santana ao Rio São Francisco no município de Xique-Xique; BA - 502 Feira de Santana – São Gonçalo dos Campos – Conceição da Feira – BR 101, interligando as cidades do recôncavo Sul; BA - 503 Feira de Santana – Coração de Maria e BA - 504 Feira de Santana – Irará – Alagoinhas, ligando cidades do recôncavo Oeste .

Os processos de ligações regionais e interestaduais das BRs 101, 116, 324 com acesso à BR – 242 (interliga a Bahia com Brasília, Goiás e Tocantins) e as rodovias estaduais: BAs 052, 502, 503 e 504, interligadas ao anel rodoviário, que circula o tecido urbano da cidade de Feira de Santana, em forma de um círculo, com 12 km de extensão, construído no final dos anos 60.

A interligação da cidade de Feira de Santana com as BRs e BAs através do anel rodoviário, antigamente denominada Av. de Contorno, hoje conhecida como Av. Dr. Eduardo Frões da Mota, constituem-se em um dos maiores entroncamento rodoviário do país e o maior do Norte e Nordeste, arcabouço do tráfego rodoviário que dá sustentação ao funcionamento do mercado regional em expansão, elevando o *status* de Feira de Santana no cenário econômico-social em nível nacional.

4.3 ASPECTOS ECONÔMICOS

O município de Feira de Santana ocupa uma posição privilegiada no cenário econômico confrontado com outras regiões do Estado da Bahia. É uma zona de transição, ou melhor, o portal que separa o Litoral do Sertão e se mistura na confluência de dois eixos econômicos, sendo que um margeia o litoral, com algumas localidades acenando prosperidade industrial, e outro se expande para o interior adentro, com baixa densidade de organização econômica e, em muitos lugares, ainda ostentando enormes dificuldades para formar sua própria matriz de produção e de consumo, surgindo assim, relação de dependência, que muitas vezes é comparada com outras regiões dentro do próprio Estado da Bahia.

Feira de Santana uma dos principais municípios da Bahia, ancorada na polivalência de uma economia diversificada: produção primária com foco na agropecuária, (agricultura de subsistência e pecuária extensiva), importador de matéria-prima e insumos para as industriais, comércio varejista e atacadista distribuidor de mercadorias e prestação de serviços de apoio urbano.

Este último setor tem se comportado nos últimos 10 anos, com grande potencial de desenvolvimento da economia local, interagindo com uma grande área macrorregional.

Feira de Santana com tamanha diversificação de negócios incorporou nas últimas três décadas, uma importância econômica que age como pólo gravitacional na confluência da produção e distribuição de bens e serviços, transformando-se num eixo básico da região, expandindo suas atividades às áreas do recôncavo, do semi-árido baiano, atingindo outros Estados da Federação.

Essa dinâmica do Município de Feira de Santana está comprometida com a estratégia de articulação regional, tendo como referência sua posição geo-econômica, situada na confluência de rodovias federais e estaduais, incorporando escalas de aglomeração de tráfegos econômicos, de regiões do Estado da Bahia, exercendo papel de ligações entre os pólos industriais: Complexo Petroquímico de Camaçari, Centro Industrial de Aratu, Refinaria Landolfo Alves e a Região Metropolitana de Salvador.

Assim, argumenta-se que essa permeabilidade locacional é atribuída a Feira de Santana, considerando o seu papel de centro modal de transporte e distribuição, emergindo desta forma um espaço urbano promissor para absorver unidades industriais, produtivas de serviços e distribuição, cuja localização é mais pertinente do que em outras regiões do Estado.

A importância que Feira de Santana exerce se baseia em trocas macrorregionais que, em muitos casos, extrapolam as fronteiras do Estado e envolvem nestes fluxos a produção, bem como toda cadeia de distribuição, combinando as riquezas geradas pelos agentes agropecuários, industriais, comerciantes e prestadores de serviços.

A dinâmica provocada pela integração regional tem contribuído para melhorar o desempenho da economia de Feira de Santana e, em certo sentido, pressioná-la para ampliar sua modernização, revertendo o processo de industrialização e distribuição regional, para outra plataforma econômica de convergência supra-regional, voltada para uma estrutura mais competitiva de produção e distribuição a nível nacional.

No momento, o papel desta nova inserção tem gerado um conjunto de oportunidades para investimentos, possibilitando maior flexibilização de capital gerado na economia, surgindo outras modalidades capazes de mudar o padrão de renda e de emprego na região.

Essas forças que aglutinam os investimentos na economia local interagem com os fatores agregadores de uma nova visão que surgiram nas últimas três décadas: educação superior e os serviços de assistência médica sanitária público e privado, os cursos técnicos, as agências bancárias, novos meios de comercialização, expansão do setor imobiliário, novos meios de comunicação em massa, expansão do sistema de transporte, rede de saneamento, oferta de água potável, reserva de força de trabalho com capacitação variada e disponível, serviços de suporte urbano com qualidade e variedade e comércio diversificado (varejista e atacadista).

Todo esse complexo-meio de infra-estrutura para o desenvolvimento local se expande de forma a exercer influências nas forças internas do espaço geográfico local e macrorregional.

É importante, nos dias atuais, desenvolver estratégias voltadas para a descompressão da economia, cuja finalidade está limitada ao âmbito da localização entre as regiões pobres e ricas, o que neste último caso tem caracterizado, até os anos 70, a tendência do Brasil-industrial-urbano-litorâneo.

Feira de Santana absorveu muito dos aspectos do processo de descompressão regional que foi transformada em uma alternativa tanto de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento industrial regional, quanto pelas opções privadas, buscando novas oportunidades de negócios.

Não é por acaso que o crescimento demográfico do município se expandiu três vezes da década de 70 até então (tabela 9).

Devido às tendências setoriais de desenvolvimento do Estado, a cidade de Feira de Santana passou a ser vista e concebida como uma espécie de portal da macrorregião do semi-árido e adjacências, redefinindo-se como uma área geográfica sujeita a absorver impactos de um novo processo de industrialização e influenciada por este (Pólo Petroquímico de Camaçari e o Centro Industrial de Aratu) e mais tarde, na década de 90, com a inserção do setor automotivo (Projeto Amazon-Ford) com todo seu efeito multiplicador.

Neste sentido, Feira de Santana é inserida como elemento de descompressão e integração, abrigando indústrias periféricas ou operando a logística de

abastecimento e distribuição, inserida nesse novo contexto da economia do Estado da Bahia.

A estratégia de desconcentração industrial e o redirecionamento natural dos negócios na região são também sustentados pelas atividades comerciais e de serviços, que se aproximam mais dos mercados consumidores do Estado da Bahia e de outras regiões do Brasil. Assim, a economia do município vem se alterando a partir do seu estágio original de produtora de insumo agropecuário, para industrialização, comercialização e prestação de serviços.

A dinâmica provocada pela integração regional tem contribuído para melhorar o desempenho da economia de Feira de Santana e, em certo sentido, pressioná-la para ampliar sua modernização, revertendo o processo de industrialização e distribuição regional para outra plataforma econômica de convergência supra-regional, voltada para uma estrutura mais competitiva de produção e distribuição a nível nacional.

No momento, o papel desta nova inserção pode gerar um conjunto de oportunidades para investimentos e possibilitar uma maior flexibilização de capital gerado na economia, surgindo outras modalidades capazes de mudar o padrão de renda e de emprego na região.

Os equipamentos e agentes que operam no interior do município são capazes de proporcionar oportunidades contidas na nova economia. Esses elementos se organizam na utilização racional do trabalho, na alocação de recursos que gera lucro-capital, na tecnologia que se incorpora para exploração de novas atividades, são elementos estruturantes deste novo cenário que vem descortinando e se integrando à economia de Feira de Santana. Essa estrutura de aglomeração que se junta a outros aspectos intraestruturais são premissas contidas na plataforma de produção e distribuição tipicamente capitalista e conveniente para gerar novas oportunidades de produção e riqueza.

4.3.1 Evolução do Produto Interno Bruto - PIB

Apresentamos, a seguir, uma breve análise da evolução das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de Feira de Santana, como indicador econômico utilizado para calcular o processo de desenvolvimento da economia de um município, Estado ou país, em um determinado período, calculando pelo IBGE, possibilitando mensurar a produção de bens e serviços, isto é, riquezas. Sua taxa de

crescimento é obtida pela comparação entre o que se produz em um ano, com o total do ano anterior. Em 2005, último dado disponível do PIB divulgado pelo IBGE, a preços correntes, Feira de Santana com R\$ 3.500.550 mil, cresceu 13% em relação a 2004, que era de R\$ 2.830.029 mil. O município é o 86º mais rico do país em 2005. Na avaliação em 2004 era o 97º, subindo onze posições em um ano no *rank* nacional (vide tabela 3).

Na Bahia, Feira de Santana ocupa a quarta colocação entre os municípios baianos, atrás de Salvador, São Francisco do Conde, que tem renda centrada nos impostos gerados pela produção de petróleo e Camaçari, onde fica localizado o pólo petroquímico.

Quanto ao PIB per capita em 2005, conforme tabela 3, também deu um salto significativo, passando de R\$ 5.451 em 2004, para R\$ 6.635 em 2005, com variação positiva de R\$ 1.184, representando crescimento de 21,7% no intervalo de um ano.

Na composição do PIB municipal por setores econômicos, comércio e serviços é o setor que teve maior participação em 2005, contribuindo com R\$ 2.229 bilhões, representando 63,70% do total do PIB arrecadado no município, ocupando a 70ª posição entre os municípios que mais contribuíram no país. No setor secundário (indústria), o PIB gerou 639 milhões, correspondendo a 18,28% no total do PIB municipal. O setor primário (agropecuária) teve participação insignificante, contribuindo com 58 milhões, representando 1,66% do PIB municipal, mostrando a decadência do setor na economia feirense, que já foi a atividade mais dinâmica da economia da cidade.

Tabela 3: EVOLUÇÃO DO PIB A PREÇO DE MERCADO E PIB PER CAPITO NO MUNICÍPIO FEIRA DE SANTANA - 1999-2005

ANO	PIB (R\$ 1.000)	Per capita (R\$)
1999	1.494.585	3.130,00
2000	1.657.584	3.412,00
2001	1.772.638	3.588,00
2002	1.960.709	3.903,00
2003	2.264.303	4.437,00
2004	2.830.029	5.451,00
2005	3.500.550	6.635,00

Fonte: IBGE

4.3.2 Setor primário: agropecuária

A economia de Feira de Santana, desde os anos 20 do século passado, era fortemente baseada na criação de gado bovino e na agricultura de subsistência,

responsável pela formação do seu núcleo urbano original. Com a chegada do capital industrial, na década de 70, os fluxos migratórios da zona rural em direção à zona urbana (êxodo-rural) e as secas dos últimos anos acentuaram a incorporação de áreas que eram eminentemente rurais passaram a fazer parte do tecido urbano, diminuindo o rebanho bovino do município e a cultura de produtos agrícolas de subsistência. A tabela 4 mostra a evolução do PIB da agropecuária entre os anos 1999 a 2005.

Feira de Santana é considerado um dos mercados de referência nacional na cotação do preço da arroba do boi, sendo um centro de comercialização e abate de gado bovino. O rebanho de gado bovino vem diminuindo nos últimos anos, em função da redução das áreas de pastagens e das últimas secas que assolaram a região.

Nos últimos anos, tem-se fortalecido a criação de animais de pequeno porte, suíno e caprino, com o abate e produção de seus derivados para o mercado interno e externo, através de matadouros frigoríficos instalados na cidade.

A avicultura tem apresentado bons resultados, com a implantação de quatro grandes matadouros frigoríficos na região, impulsionando a criação de frangos, principalmente com a implantação do complexo Avipal, através das unidades de produção de ovos, rações e matadouro frigorífico. A atividade avícola vem-se consolidando como um novo pólo de desenvolvimento econômico na cidade e na região de Feira de Santana.

Quanto à agricultura, com o processo acelerado de urbanização do município, territorialmente pequeno com 1.362,88 km² de área e fortemente urbanizado, tende, a exemplo do que já acontece com os municípios da região metropolitana de Salvador, a forçar a diminuição da importância da agricultura tradicional, que tanta importância teve no passado, na formação e consolidação de Feira de Santana, como cidade líder do interior da Bahia.

Conforme tabela 4, o PIB gerado na agropecuária nos últimos anos tem ostentado momentos de crescimento puxado pela pecuária e momentos de decréscimos. A participação do setor no PIB municipal representa apenas 1,66%, contribuição insignificante, na geração de riqueza para a cidade.

Tabela 4: VALOR DO PIB A PREÇOS CORRENTES DO SETOR ECONÔMICO DA AGROPECUÁRIA EM FEIRA DE SANTANA - 1999-2005

ANO	PIB A PREÇO DE MERCADO CORRENTE (R\$ milhões)
1999	13,38
2000	29,29
2001	41,75
2002	63,10
2003	71,04
2004	45,60
2005	58,21

Fonte: IBGE

4.3.3 Setor secundário: indústria

O processo de industrialização ocorrido em Feira de Santana foi consequência dos fatores locacionais e econômicos presentes no município e de uma nova fase de expansão econômica no País, resultado de uma nova divisão inter-regional do trabalho iniciado nos anos 60 e consolidado nos anos 70 (milagre econômico), na qual as regiões brasileiras teriam que se especializar em função da expansão dos capitais industriais, promovendo um novo surto de desenvolvimentismo, influenciando os principais estados do Nordeste, que se inseriram nessa expansão econômica por meio da especialização de determinados bens industrializados.

Segundo Spinola (2003, p. 184), Feira de Santana, o mais importante pólo de desenvolvimento do interior baiano, sofreu a influência de todo esse ideário desenvolvimentista, a partir da instalação do Centro Industrial de Subaé (CIS) nos anos 1970, com espaços dotados de toda infra-estrutura básica, incentivos fiscais e facilidades de acesso ao crédito barato e abundante, disponibilizado pelas fontes de financiamentos públicos, visando a descentralizar o processo de industrialização baiana, através da instalação de pólos que induzissem não só o crescimento produtivo de núcleos considerados estratégicos, como também de todo o seu espaço de influência.

O Centro Industrial do Subaé foi concebido nos mesmos moldes do Centro Industrial de Aratu, entretanto constituído a partir de uma iniciativa municipal. Pelo decreto municipal número 3.304, de 12 de junho de 1969, a prefeitura iniciou o processo de desapropriação da área onde seria localizado o referido distrito e, através da lei municipal número 690, de 14 de dezembro de 1970, foi criada a autarquia municipal vinculada diretamente ao prefeito, sendo o primeiro distrito industrial do interior do Estado (SPINOLA, 2003, p. 194). Sobre a criação do Centro Industrial do Subaé (CIS), Spinola aborda a seguinte expressão:

Tratava-se de um fato inédito na história econômica do Estado, notadamente no período mais autoritário do regime militar, que uma prefeitura municipal do interior do Nordeste (de oposição ao regime político da época grif do autor), ousasse interferir nos ares de planejamento que era um “feudo” da tecnocracia federal e estadual.

Concordamos com Spinola (2003, p.189, 196), quando ele afirma que a implantação do CIS não foi significativa para o processo de crescimento econômico de Feira de Santana. O seu planejamento constituiu na racionalização *a posteriori* de um processo que ocorreu e continua ocorrendo independentemente da sua criação, que foi, em essência, influenciada pelo modismo na época da implantação de distritos industriais pelo interior do Estado e do Nordeste. O processo de industrialização em Feira de Santana não proporcionou impactos positivos sobre o padrão de vida da população.

Em 1983, em forma de autarquia, o CIS é transferido para a esfera estadual, através do Decreto Estadual número 29.946, de 10 de outubro, na administração do então governador João Durval Carneiro, ex-prefeito de Feira de Santana, como política de fortalecimento industrial do município.

O CIS, com apenas 61 empresas em funcionamento no ano de 1998, não abrigava o maior contingente de indústrias do município, o qual se espalhava e ainda continua pelo tecido urbano da cidade.

Pouco mais de 30 anos depois, o perfil industrial de Feira de Santana era diferente. Se, por um lado, as pequenas manufaturas e indústrias tradicionais continuam a representar a parcela mais numerosa do segmento, por outro, a atividade já era bem diversificada e marcada pela presença de grandes empreendimentos, notadamente de filiais de empresas do Sudeste do país que se instalaram no Centro Industrial de Subaé (CIS), em

ramos como: química, material elétrico, transportes, bebidas, alimentos, vestuário, calçados, artefatos de tecidos, metalurgia, papel, papelão e embalagem.

Estão instaladas no centro industrial empresas do porte: Pneus Pirelli, Cervejaria Kaiser, Frigorífico Avipal/Perdigão, Química Geral do Nordeste, Brasfrut Frutos do Brasil, Nestlé, Yazaki Autoparts do Brasil, Belgo Bekaert Arames, Brasquímica Lubrificantes, Klabin, Rigesa, Savon, Adinor Aditivos, Labovet Produtos Veterinários, Primor Agropecuária do Nordeste etc.

O setor arrecadou, em 2006, R\$ 63.774.609 de ICMS, correspondendo a 27,49% do total arrecadado no município. Conforme dados da relação anual de informações sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) de 2006 existiam no mercado formal (estabelecimentos constituídos juridicamente) 1.239 unidades fabris instaladas no município, espalhadas pelo tecido urbano da cidade e no Centro Industrial de Subaé (CIS) nos dois núcleos: Tomba e BR - 324, gerando 19.548 empregos diretos e mais de 58 mil empregos indiretos.

Conforme tabela 5, o PIB a preços correntes do setor industrial de Feira de Santana, em 2005, foi de 639,61 milhões, o maior dos últimos seis anos. Comparado com o mesmo período do ano anterior (PIB de 2004), houve um crescimento de 35,96% no período de um ano. Quanto à participação do PIB industrial no PIB total do município em 2005, o setor contribuiu com 18,25%.

Tabela 5: VALOR DO PIB A PREÇOS CORRENTES DO SETOR ECONOMICO DA INDÚSTRIA EM FEIRA DE SANTANA-199-2005

ANO	PIB A PREÇO DE MERCADO CORRENTE (R\$ milhões)
1999	430,63
2000	484,75
2001	517,61
2002	593,53
2003	395,42
2004	470,34
2005	639,61

Fonte: IBGE

4.3.4 Setor terciário: comércio e serviços

O setor terciário; comércio (varejista e atacadista) e serviços (públicos e privados) congregam a atividade de maior importância na estrutura econômica do município em arrecadação de impostos e geração de emprego e renda.

As mercadorias distribuídas e os serviços prestados em sua área de influência configuram Feira de Santana como um lugar central na rede urbana regional, para onde fluem grupos de pessoas, mercadorias e dinheiro, de toda a macrorregião, abrangendo 96 municípios. Essa área abriga um mercado em torno de três milhões de consumidores (REGIC 2003). É este mercado inter-regional, e até mesmo interestadual, que garante ao comércio e serviços posição de setor econômico de maior dinamismo.

Tradicionalmente, a cidade de Feira de Santana tem, no comércio, o reconhecimento de sua principal atividade econômica, a ponto de ser chamada o “empório do sertão baiano” ou a “cidade comercial de Feira de Santana”, conforme Lei Provincial número 1.320, de 6 de junho de 1873, que lhe atribuiu a condição de cidade.

O surgimento da cidade, diretamente relacionada à comercialização de gado bovino, favoreceu a inserção de um número crescente de produtos que passam a ser negociados nos dias voltados para a compra e venda de animais. Esses fatores inserem Feira de Santana nas redes de comércio regional e nacional, contribuindo para o seu destaque em relação aos municípios de sua macrorregião geográfica e, de forma diferenciada, perante outros municípios do interior da Bahia.

Feira de Santana torna-se um centro comercial estrategicamente necessário nas relações econômicas regionais, para os seus produtores agrícolas e das cidades vizinhas, para a efetivação de seus negócios.

O crescimento econômico gerado pela comercialização dos produtos agrícolas, impulsiona a produção e o consumo, como destaca Freitas (1998, p. 71):

A cidade de Feira de Santana, um centro de convergência regional, pela capacidade de concentração de uma maior quantidade de bens e serviços na região, com ascensão crescente do comércio e a presença de um centro industrial têm papel de comando na região, apoiados inicialmente na pecuária e hoje, nos setores secundários e terciários.

Segundo dados da RAIS 2006 do Ministério do Trabalho e Emprego, existiam no mercado formal (empresas constituídas juridicamente) 6.078 estabelecimentos, gerando 52.644 empregos diretos e 150 mil empregos indiretos, sendo

4.097 estabelecimentos comerciais (81,4% varejista e 18,6% atacadista), distribuídos em diversos ramos de atividades, com maior destaque para mercadinhos e supermercados; vestuário; auto peças; materiais para construção; distribuidoras de produtos alimentícios; farmácias, calçados etc., gerando 24.574 empregos diretos e mais de 70 mil indiretos.

A prestação de serviços é o ramo de atividade econômica que mais se expande no município de Feira de Santana, também é o que apresenta maior índice de informalidade, segundo o censo empresarial realizada em 1998, pelo foro empresarial (entidade que reúne as classes empresariais da cidade e os poderes públicos municipal e estadual), a informalidade no setor era da ordem de 69,68%.

Esta informalidade explica-se pela própria natureza de muitos negócios compreendidos como serviços, a exemplo de pequenos negócios de bairros: botecos, mercearias, salões de beleza, oficinas (bicicletas, máquinas e equipamentos, eletro-eletrônicos e mecânica), barracas de lanches fixas, borracharias, hotéis, pensões etc. são estabelecimentos que funcionam muito mais como complemento orçamentário das famílias, do que como empreendimentos inseridos numa lógica de mercado, geradores de emprego e dotados de uma estrutura de controle e planejamento mínimo.

Trata-se, em síntese, de empreendimentos que não poderiam ser tomados como empresas num sentido mais estrito do termo, por isso nascem e têm sua existência na informalidade, não havendo, inclusive, a intenção de inserir-se na organização formal do mercado.

A partir dos anos 90, dois seguimentos começam a se destacar. Primeiro, a oferta de serviços de educação, que vem se ampliando e se diversificando tanto na área pública, quanto da área privada. Isso pode ser observado no ensino médio e profissionalizante, com surgimento de novas escolas, cursos pré-vestibulares e a multiplicação de cursos de informática e de idiomas. O ensino superior tem experimentado crescimento expressivo nos últimos anos, como discutido no decorrer desta dissertação.

O segundo segmento é constituído pelos serviços de saúde pública e privado, que têm ampliado e desenvolvido, aumentando o número dos serviços prestados, com surgimento de novas clínicas e laboratórios, que utilizam, na sua maioria, tecnologia de ponta, assim como os serviços de assistência médico-sanitária pública, internações hospitalares principalmente na rede pública e conveniada pelo Sistema Único de Saúde (SUS): hospital regional Clériston Andrade e hospital regional Lopes Rodrigues, mantidos pelo governo estadual com 604 leitos, hospital da mulher e hospital da criança, mantidos pela prefeitura municipal com 216 leitos, hospital Dom Pedro de Alcântara, mantido pela

santa casa de misericórdia com 177 leitos; atraindo população de toda macrorregião em busca de atendimento.

Além dos serviços de educação e saúde, o município oferece serviços especializados em diversas áreas de consultorias e assessorias: contábil, empresarial, telecomunicações, informática, engenharia, imobiliária e transportes, assim como modernos hotéis, bons restaurantes, agências de viagens e empresas de segurança.

Atualmente em fase de construção, um moderno centro de convenções, em convênio entre a prefeitura municipal e o governo do Estado, possibilitará inserir Feira de Santana nos circuitos regional, nacional e internacional de grandes eventos: congressos, seminários, palestras, feiras de negócios etc.

Dentro da estrutura econômica do setor, a cidade conta com o shopping Iguatemi com 86 mil metros quadrado de área, gerando 6 mil empregos diretos e indiretos, divididos em 130 lojas: hipermercado Bom Preço; McDonald's, C&A, Lojas Americanas, Marisa, Riachuelo, Insinuante etc. e quatro salas de cinema Multiplex.

O crescimento dos serviços e do comércio contribuiu para a desconcentração da renda no município. Embora, ainda, relativamente concentrada, sua distribuição, atualmente, é bem mais equânime que nos tempos de predomínio da agropecuária. Isso pode ser notado pelo crescimento do número de pequenas empresas formadas por ex-funcionários e pelo surgimento de pequenas empresas de serviços formadas por jovens recém-formados.

Outro aspecto associado ao crescimento do setor de serviços e do comércio é a emergência de novos grupos influentes na economia do município. Nos últimos anos, o comércio varejista vem passando por transformações, com a chegada de novos capitais, através de redes varejistas regionais, nacionais e multinacionais, juntamente com ampliação das redes existentes na cidade, dando nova dinâmica nas relações de mercado.

Outro equipamento importante dentro da estrutura econômica comercial da cidade, o Centro de Abastecimento de Feira de Santana (CAF), autarquia ligada à Prefeitura Municipal, concentrando comerciantes de carnes, cereais, artesanatos e hortifrutigranjeiros varejistas e atacadistas, exercendo papel importante na cotação e regulação de preços e no abastecimento da macrorregião de influência de Feira de Santana, reunindo 2.162 comerciantes, gerando mais de 7 mil empregos diretos e indiretos.

Nos últimos anos, surgiu na estrutura econômica da cidade um novo centro de comercialização de produtos importados, denominado Feiraguai, reunindo cerca de 600

comerciantes de produtos importados de outros países, que abastece a macrorregião de influência da cidade, gerando mais de 1.800 empregos diretos e indiretos, segundo a associação dos vendedores ambulantes do Feiraguai. Por ser um comércio informal, não temos muitas informações disponíveis.

Conforme dados da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, em 2006, foram arrecadados R\$ 161.612.078 de ICMS, representando 67,54% do total arrecadado no município, sendo R\$ 100.254.173 no comércio varejista e R\$ 61.357.905 no comércio atacadista. De ISS, segundo a Secretaria Municipal da Fazenda, em 2006, foram arrecadados aos cofres da prefeitura municipal R\$ 30.787.037.

Na formação do PIB municipal, em 2005, o setor participou com 63,7%, ou seja, mais da metade do PIB de Feira de Santana é representado pelo setor terciário, mostrando a importância do comércio e dos serviços na economia do município.

Os dados da tabela 5 apontam crescimento de 130% no PIB do setor, a preços correntes, no período de seis anos, saindo, em 1999, de R\$ 967,49 milhões para R\$ 2.229,58 bilhões em 2005, demonstrando uma evolução significativa no período.

Tabela 6: VALOR DO PIB A PREÇOS CORRENTES DO SETOR ECONÔMICO DE SERVIÇOS EM FEIRA EM SANTANA - 1999-2005

ANO	PIB A PREÇO DE MERCADO CORRENTE (R\$ milhões)
1999	967,49
2000	992,42
2001	1.037,25
2002	1.141,02
2003	1.656,54
2004	1.845,29
2005	2.229,58

Fonte: IBGE

4.4 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E SOCIAIS

A ocupação demográfica do território feirense reflete a evolução, as formas e as relações atuais de produção e ocupação sobre o espaço. A referida ocupação ocorre de maneira diferenciada e com ritmos e movimentos diversificados, na medida em que a cidade vem recebendo, principalmente nas últimas três décadas, contingentes cada

vez maiores de pessoas, que se deslocam da zona rural para a zona urbana (êxodo-rural) em conjunto com as migrações externas, provenientes de outras cidades e estados.

A área do município de Feira de Santana com 1.362,88 km² representa 0,24% da área total do Estado da Bahia. Em 1970, segundo dados do censo demográfico do IBGE, o município tinha uma população de 187.290 habitantes que representava 2,5% da população do Estado; no censo demográfico de 2000, a população recenseada de 480.949 habitantes, correspondendo a 3,68% do Estado, isto é, aumentando a participação da população do município em relação à população do Estado em 1,18%. Comparando a população de 1970 a 2000, o município representou um acréscimo populacional de 293.659 habitantes em 30 anos, ou seja, em três décadas a população do município dobrou uma vez e meia de tamanho.

Segundo dados do Censo demográfico do IBGE de 2000, Feira de Santana (480.692 habitantes) ocupa a segunda posição em população do Estado, atrás de Salvador e a primeira do interior, correspondendo aproximadamente ao somatório das cidades de Vitória da Conquista (262.585 habitantes) e Ilhéus (221.883 habitantes), terceira e quarta em população (tabela 7).

Tabela 7: OS 10 MUNICÍPIOS MAIS POPULOSOS DA BAHIA-2000

MUNICÍPIOS	COLOCAÇÃO	CENSO 2000
Salvador	1º	2.440.886
Feira de Santana	2º	480.692
Vitória da Conquista	3º	262.585
Ilhéus	4º	221.883
Itabuna	5º	196.456
Juazeiro	6º	174.101
Camaçari	7º	161.151
Jequié	8º	147.115
Barreiras	9º	131.335
Alagoinhas	10º	129.617

Fonte: IBGE. Censo demográfico 2000

No *rank* nacional (tabela 8) Feira de Santana é o 34º município em população, maior que oito capitais; Aracaju, Vitória, Florianópolis, Rio Branco, Palmas,

Porto Velho, Boa Vista e Macapá. Na região Nordeste, Feira de Santana ocupa a décima colocação conforme dados do IBGE (Censo demográfico 2000).

Tabela 8: CAPITAIS COM POPULAÇÃO MENOR QUE A POPULAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA - 2000

CAPITAIS	CENSO DEMOGRÁFICO
	2000
Aracaju - SE	460.898
Florianópolis - SC	331.784
Porto Velho - RO	334.585
Macapá - AP	282.745
Vitória - ES	291.889
Rio Branco - AC	252.800
Boa Vista - RR	200.383
Palmas - TO	136.554

Fonte: IBGE. Censo demográfico 2000

A tabela 9 mostra a evolução da população total, urbana e rural do município entre 1940 e 2000. Destaca-se o grande crescimento da população urbana com participação 23,61% na população total em 1940, subindo em 2000 para 89,77%. Por outro lado a participação da população rural caiu de 76,39% para 10,23% no mesmo período.

Tabela 9: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL DE FEIRA DE SANTANA POR SITUAÇÃO URBANA E RURAL - 1940-2000

CENSO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	(%)	POPULAÇÃO RURAL	(%)
1940	83.268	19.660	23,61	63.608	76,39
1950	107.205	34.277	31,97	72.928	68,03
1960	141.757	69.884	49,30	71.873	50,70
1970	190.076	134.263	70,64	55.813	29,36
1980	291.504	233.905	80,24	57.599	19,76
1991	405.848	348.973	85,99	56.875	14,01
2000	480.949	431.730	89,77	49.219	10,23

Fonte: IBGE. Censos demográficos

Nota: O censo demográfico de 1990 foi realizada em 1991, interrompendo uma seqüência de dez em dez anos

De acordo com os resultados do censo demográfico de 1940, a população rural era 3,24 vezes maior que a população urbana. A partir da década de 60 o efetivo

rural começa a diminuir, enquanto a urbana cresce a taxas elevadas. Nas décadas seguintes este processo se acentua.

O censo demográfico de 2000 revelou a continuidade do processo de urbanização acelerado com 431.730 pessoas que residem na zona urbana e 49.219 na zona rural. A taxa de urbanização do município passou de 23,61% em 1940 para 89,77% em 2000. O aumento da população urbana foi basicamente em consequência de três fatores:

- Crescimento vegetativo da população;
- Êxodo-rural;
- Incorporações de áreas rurais pelo tecido urbano;
- Migração externa.

Outro dado da evolução da população do município com relação ao estado e o país é o crescimento geométrico anual. Conforme a tabela 10, a taxa média geométrica de crescimento anual de Feira de Santana foi, em todos os anos, bem acima das taxas da Bahia e do Brasil, mas nas últimas décadas com menores taxas de crescimento.

Tabela 10: TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA E BRASIL - 1940-2000

ANOS	TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL					
	1940-1950	1950-1960	1960-1970	1970-1980	1980-1991	1991-2000
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Feira	3,00	3,80	4,50	4,50	3,05	1,96
Bahia	2,12	2,04	2,41	2,35	2,06	1,11
Brasil	2,39	2,99	2,89	2,48	1,93	1,38

Fonte: IBGE. Censos demográficos

Quanto ao crescimento da população da cidade de Feira de Santana (distrito sede), em 1970, 126.972 habitantes moravam no perímetro urbano e 6.801 na zona rural. Em 2000, o contingente de moradores da zona urbana atinge 419.816 habitantes e a rural 5.545 habitantes. A população urbana da cidade aumentou 3,3 vezes em trinta anos, enquanto a rural diminuiu no mesmo período. O crescimento acentuado da população urbana da cidade nas últimas décadas tem aumentado as demandas por bens e serviços

públicos, enquanto os investimentos em infra-estrutura não acompanham as necessidades da população, deteriorando o tecido urbano.

Analisando os aspectos sociais de Feira de Santana, utilizamos os dados sociais do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) da Organização das Nações Unidas (ONU), baseados nos resultados dos censos demográficos do IBGE de 1991 e 2000, possibilitando comparações com outros municípios.

Criado em 1990, o IDH-M tem como objetivo radiografar as condições de vida econômica e social (educação, longevidade e renda) dos habitantes dos municípios, seus valores variam de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Índice até 0,499 são considerados de desenvolvimento humano baixo, entre 0,500 e 0,799 desenvolvimento humano médio e maiores que 0,800, desenvolvimento humano alto.

Entre as décadas de 1970 a 1991, o IDH-M de Feira de Santana, apresentou crescimento de 57,5%, passando de 0,409 em 1970 para 0,644 em 1991. De 1991 a 2000 cresce 14,95% passando para 0,740 (índice médio).

Comparando com outros municípios do Brasil (5.506 municípios), Feira de Santana apresenta uma situação intermediária, ocupa a 2141ª posição, sendo que 2.140 municípios (38,9%) estão em situação melhor e 3.366 municípios (61,1%) estão em situação pior ou igual.

Em relação ao Estado da Bahia (417 municípios), Feira de Santana apresenta uma situação confortável, ocupando a 4ª posição. Os três primeiros municípios colocados representam (0,7%) dos municípios em situações melhores e 413 municípios (99,3%) em situação pior ou igual (tabela 11).

Tabela 11: EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL IDH-M BRASIL, BAHIA E FEIRA DE SANTANA - 1970 - 2000

ANO	IDH-M		
	BRASIL	BAHIA	FEIRA DE SANTANA
1970	0,462	0,332	0,409
1980	0,685	0,515	0,596
1991	0,742	0,601	0,644
2000	0,757	0,693	0,740

Fonte: PNDU: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Quanto aos indicadores sociais, a taxa de mortalidade infantil do município diminuiu 42,44%, passando de 62,94 por mil nascidos vivos em 1991 para 36,23 por mil nascidos vivos em 2000, e a esperança de vida ao nascer cresceu 5,67 anos, passando de 61,62 anos em 1991 para 66,80 anos em 2000. A taxa de fecundidade total (filhos por mulheres em idade fértil) diminuiu durante o período, passando de 2,9 filhos por mulheres para 2,3 filhos (tabela 12).

Tabela 12: INDICADORES DE LONGEVIDADE, MORTALIDADE E FECUNDIDADE EM FEIRA DE SANTANA - 1991-2000

INDICADORES	1991	2000
Mortalidade até um ano de idade (por 1.000 nascidos vivos)	62,90	36,20
Esperança de vida ao nascer	61,20	66,80
Taxa de Fecundidade Total (filhos por mulheres)	2,90	2,30

Fonte: IBGE

Já os indicadores de renda, a renda *per capita* média do município cresceu 27,83%, passando de R\$161,92 em 1991 para R\$ 206,99 em 2000, correspondendo a 1,37 salários mínimos da época (salário mínimo em agosto de 2000 R\$ 151,00).

A pobreza medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar *per capita* inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000, diminuiu 17,66%, passando de 49,4% em 1991 para 40,7% em 2000.

A desigualdade na concentração da renda tem crescido. O Índice de Gini (índice que mede a concentração de renda e varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 1, maior é a concentração da renda) passou de 0,61 em 1991 para 0,62 em 2000 (tabela 13).

Tabela 13: INDICADORES DE RENDA, POBREZA E DESIGUALDADE EM FEIRA DE SANTANA - 1991- 2000

INDICADORES	1991	2000
Renda Per Capita Média (R\$ de 2000)	161,9	207,00
Proporção de Pobres (%)	49,4	40,70
Índice de Gini	0,61	0,62

Fonte: IBGE

4.5 REGIONALIZAÇÃO E AS DIVISÕES GEOGRÁFICAS ENVOLVENDO FEIRA DE SANTANA

A partir da década de 1970, o processo de urbanização brasileira sofre profundas transformações, conforme Corrêa (2001), determinada por mudanças ocorridas na organização socioespacial. Dentre as muitas mudanças, destacam-se a desconcentração, a ampliação e diversificação das atividades industriais, com o surgimento de centros industriais diversificados e especializados; modernização e subsequente industrialização e capitalização do campo, com ênfase na constituição de complexos agroindustriais; inovações organizacionais junto aos setores industriais, comerciais e de serviços, com destaque para a terceirização e constituição de grandes corporações empresariais; ampliação de uma base técnica associada, primordialmente, aos transportes e às comunicações, possibilitando a diversificação das interações espaciais e também, associadas à produção e distribuição de energia; incorporação de novas áreas ao processo produtivo global e a refuncionalização de outras áreas, com destaque para as especializações regionais das atividades; novos padrões de mobilidade espacial da população; aumento quantitativo e qualitativo da urbanização; e uma estratificação social, ampla e complexa, gerando maior fragmentação social, com ampliação das classes médias e aumento do consumo.

O urbano brasileiro caracterizava-se, de acordo com Corrêa (2001, p. 360), por uma pequena complexidade funcional dos seus centros urbanos, por um pequeno grau de articulação entre estes referidos centros, com interações espaciais predominantemente regionais e pela existência de padrões espaciais simples, com que o urbano estava construído. Corrêa ressalta ainda as modificações que vão caracterizar o urbano brasileiro;

A continuidade da criação de novos núcleos urbanos, a crescente complexidade funcional dos centros urbanos, a mais intensa articulação entre centros e regiões, a complexidade dos padrões espaciais da rede e as novas formas de urbanização (CORRÊA, 2001a, p. 428).

Trata-se, portanto, de uma nova geografia, como apontou Santos (1994) com mudanças no contexto, no conteúdo e nas formas de uso do espaço, cujos resultados combinados configuram um novo Brasil urbano, no qual se destaca um complexo e variado processo de reestruturação de um urbano regional, a partir da redefinição dos

conteúdos e dos papéis das cidades, sejam elas metrópoles, grandes cidades, cidades médias ou cidades pequenas.

Nesse contexto das transformações no urbano brasileiro, Feira de Santana, segunda cidade do Estado da Bahia, localizada a cerca de 108 km de Salvador, enquadra-se como exemplo da importância crescente das cidades médias brasileiras (cidades com população entre 50 e 500 mil habitantes segundo o IBGE) a partir dos anos 1970, apresentando considerável desenvolvimento econômico, caracterizado pela ampliação e diversificação da produção material, agropecuária e industrial, e da produção não-material, comércio e prestação de serviços. Paralelamente, ocorreu o desenvolvimento da infraestrutura econômica, marcado pela implantação de sistemas associados aos transportes e às comunicações.

Após a década de 1990, Feira de Santana presenciou e vem presenciando mudanças importantes na economia local, com fortalecimento das atividades econômicas nos setores secundário e terciário, pelas modernas estruturas da indústria de transformação, do comércio varejista com a implantação de grandes redes de lojas regionais, nacionais e multinacionais, hipermercados e shopping center, e pelas novas atividades associadas à prestação de serviços.

Assim a cidade de Feira de Santana exerce papel de integração regional, como articuladora na circulação e distribuição de produtos e serviços, em toda área de influência, o que representa polarização espacial regional, constituindo aumento quantitativo e qualitativo das interações espaciais, que passaram a ocorrer em escalas local, regional e nacional.

Nesse sentido, a abordagem cidade/região mantém e reforça laços de interdependências, dentro do território geográfico regional de Feira de Santana.

De modo geral, a interação das relações econômicas urbano/regional promove o surgimento de ocupações e empregos de elevado grau de especialização e, conseqüentemente, uma remuneração mais elevada. Assim surgem, no urbano regional, novos profissionais, novas rendas, que modificam as características sociais e culturais da cidade. Aqui, exemplifica-se uma das características da nova urbanização brasileira dada por Santos (1993), quando este afirma que há, nessas cidades, um aumento do volume de trabalho intelectual, o que impõe novos consumos e uma nova vida de relações no lugar.

4.5.1 Feira de Santana e as diferentes regionalizações

A análise do que venha a ser espaço geográfico, incluindo sua organização e o seu funcionamento em partes, ou seja, em regiões, corresponde a uma tarefa não muito fácil, em função da complexa natureza das questões envolvidas: histórico, cultural, locacional, aspectos físico, econômico, social etc. e da existência de diversidade de conceitos e metodologias pertinentes à geografia, desde os espaços vicinais, numa concepção mais limitada, abrangendo a maioria das atividades diárias das pessoas, até os espaços vitais mais amplos, como a cidade, região ou país.

Os estudos de organização e divisão regional feita no Brasil nas últimas décadas pelo IBGE: macrorregião, mesorregião, microrregião e REGIC e na Bahia, pelo governo estadual em regiões de planejamento, regiões administrativas, regiões econômicas, demonstram os diversos e diferentes conceitos e metodologias utilizadas nas divisões geográficas.

Na divisão geográfica do Estado da Bahia, em regiões econômicas, organizada pela Secretaria Estadual de Planejamento, Feira de Santana pertence à região econômica Paraguaçu, composto por 42 municípios com população de 1.359.581 habitantes (tabela 14 e figura 2).

Na divisão regional do Estado da Bahia realizadas pelo IBGE através da Resolução de número 11, de 5 de junho de 1990 da presidência do IBGE, em mesorregiões e microrregiões e REGIC (1987 e 2003), o município de Feira de Santana está inserido na Microrregião que levou seu nome, abrangendo 24 municípios (inclusive Feira de Santana), com população de 978.881 habitantes (tabela 15 e figura 3), Mesorregião Centro Norte Baiano compreendendo as microrregiões Feira de Santana, Irecê, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim com população de 2.221.075 habitantes (tabela 16 e figura 4) e REGIC como capital regional (tabela 17 e figura 5).

Os dados populacionais nas diferentes regionalizações do município de Feira de Santana foram utilizados as informações do IBGE de 2007: contagem da população realizada nos municípios de até 170 mil habitantes e estimativa populacional dos municípios acima de 170 mil habitantes.

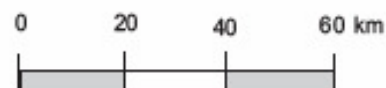
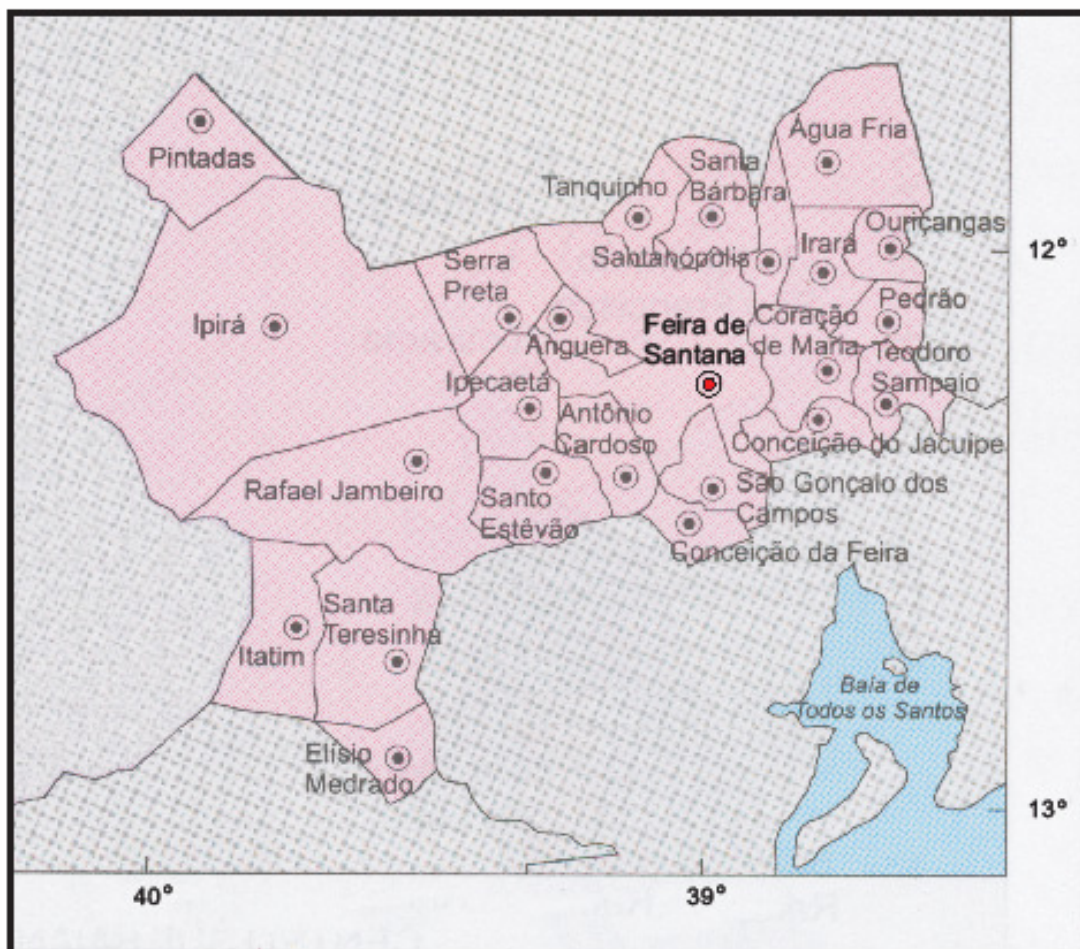
Em nossas análises, adotamos a divisão geográfica Regiões de Influência das Cidades – REGIC do IBGE (1987 e 2003), onde descreve as regiões de influências das cidades brasileiras, ou seja, o conjunto de centros urbanos em sua hierarquia como localidades centrais e suas áreas de influência.

Tabela 14: POPULAÇÃO DA REGIÃO ECONÔMICA
PARAGUAÇU - 2007

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO
Total	1.359.581
Amélia Rodrigues	21.783
Anguera	9.529
Antônio Cardoso	12.110
Baixa Grande	20.433
Boa Vista do Tupim	17.709
Candeal	9.011
Capela do Alto Alegre	11.593
Conceição da Feira	19.063
Conceição do Jacuípe	27.424
Coração de Maria	23.047
Feira de Santana	571.997
Gavião	4.443
Iaçu	27.691
Ibiquera	5.037
Ichú	5.867
Ipecaetá	15.843
Ipirá	59.674
Irá	23.787
Itaberaba	58.264
Itaetê	13.694
Lajedinho	4.248
Macajuba	11.463
Mairi	19.103
Marcionílio Souza	10.688
Mundo Novo	23.569
Nova Fátima	23.959
Pé de Serra	14.161
Pintadas	10.760
Piritiba	23.943
Rafael Jambeiro	21.589
Riachão do Jacuípe	32.464
Ruy Barbosa	29.112
Santa Bárbara	19.358
Santanópolis	8.629
Santo Estevão	44.409
São Gonçalo dos Campos	29.342
Serra Preta	15.274
Tanquinho	7.742
Tapiramutá	17.345
Teodoro Sampaio	8.289
Terra Nova	12.281
Várzea Nova	13.854

Fonte: IBGE. Contagem da população e estimativa da população 2007

Figura 3 - MICRORREGIÃO DE FEIRA DE SANTANA



FONTE: IBGE
ATLAS ESCOLAR BAHIA
ESPAÇO GEO-HISTÓRICO E CULTURAL

Tabela 15: POPULAÇÃO DA MICRORREGIÃO DE FEIRA DE SANTANA - 2007

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO
Total	978.881
Água Fria	14.776
Anguera	9.529
Antônio Cardoso	12.110
Conceição da Feira	19.063
Conceição do Jacuípe	27.424
Coração de Maria	23.047
Elisio Medrado	7.908
Feira de Santana	571.997
Ipecaetá	15.843
Ipirá	59.764
Irará	23.787
Itatim	14.633
Ouriçangas	8.048
Pedrao	6.900
Rafael Jambeiro	21.589
Santa Bárbara	19.358
Santa Terezinha	9.420
Santanópolis	8.629
Santo Estevão	44.409
São Gonçalo dos Campos	29.342
Serra Preta	15.274
Tanquinho	7.742
Teodoro Sampaio	8.289

Fonte: IBGE. Contagem da população 2007 e estimativa da população 2007

Tabela 16: POPULAÇÃO DA MESORREGIÃO CENTRO NORTE BAIANO - 2007

MESORREGIÃO	POPULAÇÃO
Total	2.224.075
Feira de Santana	993.796
Irecê	373.790
Itaberaba	250.764
Jacobina	326.074
Senhor do Bomfim	279.651

Fonte: IBGE. Contagem da população 2007 e estimativa da população 2007

Figura 4 - MESORREGIÃO CENTRO-NORTE BAIANO



Tabela 17: POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE INFLUÊNCIA
DE FEIRA DE SANTANA SEGUNDO O REGIC - 2007

(continua)	
MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO
TOTAL	3.035.969
FEIRA DE SANTANA (Capital Regional)	571.997
AMÉLIA RODRIGUES	21.783
ANGUERA	9.529
ANTONIO CARDOSO	12.110
CONCEIÇÃO DO JACUÍPE	27.424
IPECAETÁ	15.843
SANTA BÁRBARA	19.358
SANTO ESTEVÃO	44.409
SÃO GONÇALO DOS CAMPOS	29.342
TEODORO SAMPAIO	8.289
CACHOEIRA (centro de zona)	32.203
SÃO FÉLIX	15.291
CONCEIÇÃO DA FEIRA	19.063
MARAGOGIPE	41.411
MURITIBA	27.158
CRUZ DAS ALMAS (centro de zona)	51.582
GOVERNADOR MANGABEIRA	19.793
SAPEAÇU	16.041
SANTO AMARO (centro de zona)	57.460
SÃO FRANCISCO DO CONDE	29.258
SÃO SEBASTIÃO DO PASSÉ	39.518
TERRA NOVA	12.281
CONCEIÇÃO DO COITÉ (centro de zona)	59.548
QUEIMADAS	25.625
RETIROLÂNDIA	11.960
SANTA LUZ	33.294
VALENTE	21.563
EUCLIDES DA CUNHA (centro de zona)	54.897
CANSAÇÃO	32.912
MONTE SANTO	51.257
QUIJINGUE	27.203
UAUÁ	24.364
IPIRÁ (centro de zona)	59.674
BAIXA GRANDE	20.433
MAIRI	19.103
SERRA PRETA	15.274
RUI BARBOSA (centro de zona)	29.112
LAJEDINHO	4.248
MACAJUBA	11.463
UTINGA	19.088
WAGNER	8.612
MUNDO NOVO (centro de zona)	23.959
PIRITIBA	23.943
TAPIRAMUTÁ	17.345

Tabela 17: POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIO DE INFLUÊNCIA
DE FEIRA DE SANTANA SEGUNDO O REGIC - 2007

(continuação)	
MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO
SEABRA (centro de zona)	40.479
BONINAL	13.234
BROTAS DE MACAÚBAS	11.272
IBITIARA	15.758
IRAQUARA	22.579
PALMEIRAS	7.971
SOUTO SOARES	18.036
BARRA (centro de zona)	47.202
MORPARÁ	8.770
SANTA RITA DE CÁSSIA	25.867
SANTANA (centro de zona)	25.864
BREJOLÂNDIA	9.069
CATOLÂNDIA	3.473
SERRA DOURADA	17.368
TABOCAS DO BREJO VELHO	12.258
BOQUIRA (centro de zona)	22.351
IBIPITANGA	13.610
MACAÚBAS	45.866
OLIVEIRA DOS BREJINHOS	21.426
ITABERABA (centro sub-regional)	58.264
BOA VISTA DO TUPIM	17.709
IAÇU	27.691
IBIQUERA	5.037
ITAETÊ	13.694
LENÇÓIS	9.621
MARCIONÍLIO SOUZA	10.688
ANDARAÍ (centro de zona)	14.020
IBICOARA	15.768
MUCUGÊ	14.108
IRECÊ (centro sub-regional)	62.211
BARRA DO MENDES	14.022
CAFARNAUM	17.249
CANARANA	23.357
CENTRAL	17.259
IBIPEBA	16.548
IBITITÁ	17.972
JUSSARA	14.849
MORRO DO CHAPÉU	33.541
PRESIDENTE DUTRA	13.820
UIBAÍ	13.407
XIQUE-XIQUE (centro de zona)	44.665
GENTIO DO OURO	11.478
IPUPIARA	8.931

Tabela 17: POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE INFLUÊNCIA
DE FEIRA DE SANTANA SEGUNDO O REGIC - 2007

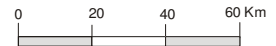
(conclusão)	
MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO
Senhor do Bonfim (Centro Sub - Regional)	72.372
Antônio Gonçalves	10.655
Itiúba	34.696
Jaguarari	28.846
Campo Formoso (Centro de Zona)	64.999
Pindobaçu	20.200
Saúde (Centro de Zona)	11.493
Caém	10.345
Caldeirão Grande	12.866
Água Fria	14.776
Coração de Maria	23.047
Elísio Medrado	7.908
Ipecaetá	15.843
Irará	23.787
Itatim	14.633
Ouriçangas	8.048
Pedrão	6.900
Pintadas	10.760
Rafael Jambeiro	21.589
Santanópolis	8.629
Santa Terezinha	9.420
Candeal	9.011
Tanquinho	7.742
Capela do Alto Alegre	11.593
Conceição do Jacuípe	27.424
Gavião	4.443
Iaçu	27.691
Ichu	5.867
Ibiquera	5.037

Fonte: IBGE. Contagem da população 2007 e estimativa da população 2007

Figura 5
RÉGIC - REGIÃO DE INFLUÊNCIA DAS CIDADES
REDES DE LUGARES CENTRAIS E ÁREA DE ATUAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA



Fonte: IBGE, 1987.



Esta imensidão territorial possui, por um lado, características físicas peculiares de relevo, clima, solo e vegetação, mas, por outro lado, unifica-se na história da sua ocupação e nos problemas de desenvolvimento enfrentados ao longo do tempo, sobretudo de organização social, econômica e estrutural.

Como visto acima, a divisão do espaço regional de Feira de Santana e sua área de influência, com diferentes maneiras, valoriza, cada vez mais, a associação dos aspectos funcionais, em diferentes níveis e escalas, aos aplicados na busca de um adequado quadro operacional de intervenção. Em outras palavras, isto corresponderia à superposição dos espaços vital e econômico, resultando em espaços caracterizados por um determinado padrão de interação, nos quais o papel das cidades é fundamental, uma vez que estas asseguram o relacionamento entre os elementos socioeconômicos em nível espacial.

4.5.2 Feira de Santana como capital regional

Feira de Santana como cidade média não metropolitana assim definida pelo IBGE (Censo Demográfico de 2000) com população entre 100 mil e 500 mil habitantes, durante boa fase de sua existência, atuava como parte de um sistema urbano primaz, dependente de Salvador, servindo de apoio às atividades econômicas e sociais, passou a exercer importante papel no inter-relacionamento regional.

Neste crescimento da expansão do mercado intra-regional processado para o interior do Estado, com destaque para o papel de intermediação de Feira de Santana, ficou evidente sua função de centro da dinâmica regional e seu relacionamento com a metrópole Salvador tornava-se mais intenso.

Na composição do sistema urbano regional de Feira de Santana e sua área de influência, entendida como a área onde se processa uma interação expressiva entre ela e um conjunto de cidades, adotamos a divisão das Regiões de Influência das Cidades (REGIC), constituída em regiões funcionais urbanas, publicadas pelo IBGE em 1987 e 2003.

Dentro da divisão regional do REGIC, Feira de Santana é classificada como capital regional, abrangendo 96 municípios. Três cidades são consideradas como centros sub-regional subordinadas à capital regional (Feira de Santana): Itaberaba, Irecê e Senhor do Bonfim. As cidades classificadas como centro de zona subordinadas aos centros sub-

regionais são: Cachoeira, Cruz das Almas, Santo Amaro, Conceição do Coite, Euclides da Cunha, Ipirá, Rui Barbosa, Mundo Novo, Seabra, Barra, Santana, Boquira, Andaraí, Xique-Xique, Campo Formoso e Saúde, liderando os municípios de suas jurisdições (tabela 17 e figura 5).

A influência do sistema urbano regional de Feira de Santana como capital regional representa 23,02% dos municípios do estado, abrangendo aproximadamente 156.099 km², representando 27,88% da área territorial do Estado, com população de 3.035.969 habitantes, correspondendo a 20,72% do total de habitantes do Estado da Bahia (contagem da população e estimativa de 2007 do IBGE).

O papel desempenhado por Feira de Santana na evolução urbano - regional mostra as sucessivas fases de formação e expansão de um quadro regional complexo, chegando hoje a uma nova realidade de uma maior inserção num quadro de relações metropolitanas. Isto é, concomitante ao papel de uma capital regional, onde ocorre a estruturação de subáreas, repercutindo nos níveis atuais da centralidade, exercendo papel de principal centro urbano regional.

A refuncionalização urbana de Feira de Santana foi capaz de alterar a natureza, a intensidade e os padrões espaciais das interações, uma vez que a cidade tornou-se capaz de regular e controlar a circulação de mercadorias, pessoas, capitais e informações em um raio de aproximadamente 280 km, indicando a presença de importantes solidariedades horizontais estruturadas em torno da cidade, isto é, a manutenção de relações contíguas no seu espaço de polarização.

As interações espaciais são estabelecidas também por meio das especializações presentes em Feira de Santana, apontando para a existência de verticalidades, ou seja, o estabelecimento de interações em um espaço descontínuo e a possibilidade de relações diretas com a metrópole nacional e também com cidades mundiais, uma vez que se tornam dispensáveis algumas intermediações regionais que, anteriormente, obedeciam a uma rígida hierarquia regional, especialmente na base inferior da hierarquia urbana.

Assim, é possível detectar uma ampliação dos horizontes espaciais, indicando, além de horizontalidades, a existência de verticalidades, cujas racionalidades coexistem e se interpenetram. A indústria, os atacado-distribuidores e os serviços associados às telecomunicações são especializações que asseguram a manutenção de relações com a economia nacional e também internacional.

[...] a horizontalidade é o resultado da vizinhança, da coabitação, da coexistência do diverso. [...] as verticalidades perturbam as horizontalidades - embora as horizontalidades também perturbem as verticalidades - porque as primeiras visam a eficácia e agem com este sentido sobre as segundas" (SANTOS, 1999, p.118).

Haveria, assim, em Feira de Santana, dois níveis fundamentais de interações espaciais: um relativamente horizontalizado vinculado à ordem regional e outro pertencente à ordem nacional, esboçando a existência de interações verticais. Essas horizontalidades e verticalidades, fundamentadas em uma complexa divisão territorial do trabalho indispensáveis ao desenvolvimento das atividades econômicas e sociais, levam a uma crescente articulação entre as cidades da área de polarização, por meio de uma rede urbana regional cada vez mais articulada sob o comando de Feira de Santana, levando ao surgimento de novas interações espaciais, pois as articulações entre as cidades deixaram de ser realizadas a curta distância e entre um limitado número de centros, para se tornarem mais intensas e abrangentes, envolvendo um número maior de nós/pontos que, apesar de descontínuos, estão interligados através da circulação, do intercâmbio e de suas regulações.

O papel desempenhado por Feira de Santana como centro de região tem se destacado nas últimas décadas no setor terciário de educação superior, exercendo forte polarização regional nos território de influência, tornando-se, assim, instrumentos de desenvolvimento econômico e social, como veremos a seguir.

5. EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESENCIAL

5.1 O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Múltiplos são os papéis desempenhados pelas instituições de educação superior, a formação de recursos humanos habilitados para atender as demandas do mercado, a realização de pesquisa básica e aplicada, a promoção de atividades de extensão, em diferentes áreas disciplinares. Estes papéis são exercidos pelas instituições, na qualidade de agentes de serviços públicos e privados, socialmente responsáveis tanto pela produção, recuperação, organização e disseminação do conhecimento, quanto por atividades de suporte e de estímulo ao desenvolvimento da região em que se situam.

No exercício destes papéis institucionais, as Instituições de Ensino Superior (IES) materializam, no dia a dia, sua parcela de contribuição ao esforço de transformações da sociedade, pela elevação dos padrões de competência de contingentes intelectuais que, dedicados ao ensino e à pesquisa, irão reproduzir as condições essenciais de produção econômica, científica e cultural no conjunto da sociedade. Quanto mais competentes se revelarem os recursos humanos egressos das IES, mais factíveis serão as possibilidades de maximização do esforço da sociedade, no sentido de promover o crescimento da riqueza, o desenvolvimento da ciência e da cultura, a serviço do homem e do seu bem-estar social.

Em uma economia assentada no conhecimento, o papel das IES no desenvolvimento regional é, assim, de fundamental importância. Isso já está claro há muito tempo. O que não é tão evidente é como o papel das IES é redimensionado na economia contemporânea. Ocorre um crescimento significativo das IES no Brasil. Assim, o número de universitários salta de 95.691 em 1960 para 2.693.098 em 2000, em quatro décadas (ALMEIDA, 2002, p.144). Há, também, mudanças qualitativas exigidas pela nova economia, que exige inovação acelerada, inclusive organizacional.

A cidade de Feira de Santana tem-se caracterizado como um centro de crescimento e desenvolvimento, tanto de educação superior, como econômico, onde têm-se instalado, na última década, várias IES, indústrias, estabelecimentos comerciais varejistas e atacadistas e prestadores de serviços, os quais têm contribuído significativamente para o destaque de Feira de Santana, no âmbito regional e nacional, no que se refere ao desenvolvimento educacional de nível superior, econômico e social.

A importância das universidades e faculdades como fator de desenvolvimento regional, enquanto seguidoras dos seus princípios na formação de

recursos humanos e desenvolvimento de novas tecnologias, utilizadas no dia-a-dia pela sociedade, permite também o enfrentamento de um ambiente de alta competitividade.

Outro aspecto importante é o papel das IES como dinamizadoras das economias locais e regionais, onde as mesmas estão instaladas, principalmente no seu entorno, através da geração de emprego e renda, colaborando significativamente no crescimento e desenvolvimento das cidades.

É preciso lembrar que o aumento da escala da educação superior transforma as IES e, notadamente, as universidades públicas em vetores de desenvolvimento local em um sentido mais direto. Estas instituições são partes da expansão e diversificação da economia urbana; elas também produzem empregos, renda e tributos. Mais que isso, elas são importantes para o “balanço de pagamentos” local (BOVO, 1996; LOPES, 2003, p. 86).

As dificuldades dos municípios em formular, financiar e gerir com eficácia determinadas políticas socioeconômicas favorece a interação entre a universidade e a administração pública, colocando para a universidade um papel preponderante nas questões socioeconômicas locais, proporcionando condições de aproximação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. A universidade tem um papel importante nas mudanças socioeconômicas, favorecendo o desenvolvimento econômico, cultural e social, principalmente nos locais onde ela se encontra, buscando, através de suas atividades básicas, identificar as necessidades de formação acadêmica e de sua vinculação às necessidades da sociedade e desenvolvimento dos setores produtivos locais.

As IES estão passando a ter uma função de cumprimento de metas, em função de indicadores estabelecidos pelos órgãos de gestão universitária, sendo que as universidades, mais especificamente as públicas, possuem determinada autonomia para a captação de recursos em fontes alternativas, através da formação de parcerias com a iniciativa privada, procurando, através destas estratégias, pôr em prática os seus princípios.

Segundo Bovo, Silva e Guzzi (1996, p. 95), a Constituição brasileira, em seu artigo 207, estabelece que as universidades devam obedecer ao princípio da não separação entre ensino, pesquisa e extensão, significando que a universidade tem a função de pesquisar, atender aos anseios e problemas da comunidade na qual se encontra inserida, além do seu papel principal de formador de recursos humanos.

Um fator importante para o desenvolvimento da capacidade competitiva de determinadas regiões e até de países tem sido o seu crescimento econômico e desenvolvimento social, advindo do melhoramento da educação. Para que este processo

seja contínuo, é necessário que a educação superior, através de seus programas de ensino, tenha também uma função social, criando oportunidades para o desenvolvimento intelectual dos acadêmicos e, por conseqüência, gerando desenvolvimento para a sociedade, permitindo o acesso a este conhecimento pela sociedade.

Ressalta-se aqui o aspecto qualitativo da educação superior, e não o quantitativo, pois se tem visto, no Brasil e na região, a abertura de um elevado número de IES privadas, com o argumento de transmitir conhecimento e favorecer o desenvolvimento local e regional, o que muitas vezes não condiz com a realidade, sendo o objetivo destas instituições somente a receita financeira como prestadora de serviços, ou seja, vendendo ensino. As demais funções das IES privadas de ampliar o aspecto de ação vinculado com um compromisso social são relegadas ao segundo plano.

Não podemos negar que as IES têm desempenhado papéis importantes no desenvolvimento socioeconômico e cultural, contribuindo para o desenvolvimento da cidadania e melhoria da qualidade de vida da sociedade onde elas estão inseridas.

5.2 EVOLUÇÃO DOS CURSOS SUPERIOR NO BRASIL

A educação superior foi introduzido no Brasil pela igreja católica, com a chegada dos padres pertencentes a ordem religiosa da companhia de Jesus, os jesuítas. As aulas eram ministradas em colégios religiosos com os cursos de filosofia e teologia, até 1759, quando os jesuítas foram expulsos. “A igreja católica era, então, uma instituição privada que se mesclava ao Estrado pelo regime do padroado” (CUNHA, 1999, p. 39).

Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil, foram criadas instituições de educação superior estatais. Após a independência, o processo de estatização se intensificou de modo que, em 1889, toda a educação superior no Brasil era centralmente mantido e controlado pelo Estado (CUNHA, 1999, p. 43).

A primeira universidade no país surge em 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro. Em 1934, é criada a Universidade de São Paulo (USP). A partir da década de 30, as universidades se disseminam pelo país, baseadas no modelo da USP.

Utilizando a expressão de Cunha (1985, p. 38), a “universidade temporã” só se institucionaliza a partir da década de 20 do século XX. É na década de 30 que a

Legislação do Ensino Superior passa a atribuir à universidade a responsabilidade sobre a pesquisa.

Durante a década de 50, faculdades estaduais e privadas foram federalizadas e reunidas, formando universidades, mantidas e controladas pela União.

As mudanças políticas ocorridas no Brasil, a partir do golpe militar de 1964, trouxeram uma perspectiva nacionalista de desenvolvimento. Chauí (1980, p.38) aponta três idéias que nortearam as reformas da educação em geral e da universidade em particular: “vincular a educação à segurança nacional, ao desenvolvimento econômico e à integração nacional”. Essas idéias iriam dar suporte à Reforma Universitária de 1968.

O surgimento das políticas voltadas ao Ensino Superior, tanto no Brasil como em qualquer país, independente de sua condição de desenvolvimento, estão intimamente ligadas a fatores como o desenvolvimento da força produtiva (crescimento econômico) e às novas funções da sociedade e o novo papel do Estado. No Estado brasileiro estes fatores foram iniciados a partir do Estado do Bem-Estar Social, na década de 60.

Segundo Cunha (1999, p. 40), a educação superior, em sua formação no estado brasileiro, se deu em três vetores:

- a) A presença do governo nos estados (em geral nas capitais) pela criação e manutenção das faculdades;
- b) A projeção das elites locais e regionais no ensino superior na reprodução de quadros intelectuais, pela criação e manutenção de faculdades estaduais em capitais e cidades politicamente mais desenvolvidas e importantes no interior;
- c) A criação de faculdades por agentes privados, confessionais e/ou empresários conforme a demanda não atendida pelo setor público e de acordo com projetos hegemônicos.

Em 1968, ocorre a Reforma Universitária, num cenário em que a Educação Superior é fator relevante para a ascensão da classe média. Por outro lado, está presente o Regime Militar que se estende até a década de 70, responsável pela disseminação da valorização da educação como fator de hegemonia e controle social.

De acordo com Silva Jr. e Sguissardi (1999), a educação superior, neste período, foi orientado, prioritariamente, à reprodução e ampliação da classe média,

importante mercado consumidor no modelo de desenvolvimento econômico associado ao capital internacional e fonte de legitimidade do regime militar.

Mas não era apenas nos grandes centros que a educação superior iria estabelecer-se. Uma das razões atribuídas por Silva Jr. e Sguissardi (1999), tanto para os processos de expansão quanto para os processos de interiorização seriam os benefícios trazidos pela diplomação no nível superior. Nesta fase, as populações mais carentes ingressavam em cursos técnicos, que respondiam às necessidades do mercado (mão-de-obra), mas não obtinham o mesmo prestígio e poder daqueles que passaram por uma formação superior. Por esta razão, Silva Jr. e Sguissardi (1999, p.178) justificam uma maior flexibilidade na abertura de instituições superiores “isoladas”, sem o mesmo padrão estrutural das universidades localizadas nos grandes centros.

A educação superior iria sofrer o seu primeiro grande processo expansionista, de 1962 a 1973, de 100.000 para 800.000 estudantes universitários e o ensino superior privado passava de 40.000 para 500.000 (SILVA JR; SGUISSARDI, 1999, p.178). A expansão não se deu apenas no campo do ensino superior público, ocorreu também com a participação da iniciativa privada, em duas frentes principais: uma composta por empresários do ramo da educação, até então especializada nos 1º e 2º graus e outra, formada por empreendedores do ramo de prestação de serviços, que viram na educação superior um mercado em larga ampliação, sustentável e de grande lucratividade.

As políticas educacionais alicerçadas em financiamentos de organismos internacionais, aliadas à grande expansão na educação superior, ocorrida no final dos anos 60, favoreceram para que a década de 70 fosse caracterizada por fortes investimentos na área de pós-graduação. Nesse período, os cursos de pós-graduação em nível de especialização e mestrado ganham força e se proliferam. Este modelo, em grande parte, obedeceu ao padrão norte-americano, impulsionado por inúmeros professores que voltavam ao Brasil após concluírem seus cursos de pós-graduação naquele país.

Os reflexos da expansão da educação superior no Brasil, ocorridos na década de 70, cujas políticas em favor de mais oportunidades na área educacional partiram principalmente da classe média, criaram uma ameaça aos egressos deste nível de ensino, haja vista o crescimento do número de graduados a cada ano. Em decorrência, durante toda a década de 80, o governo adotou uma nova política que exerceu um controle maior sobre o processo de abertura de novas instituições.

Há, nesse período, uma acomodação da Educação Superior, tanto por parte da esfera privada como da estatal expressa pela contenção dos processos de expansão,

efetivada por meio da burocratização da política educacional, que instituiu regulamentações, decretos e avaliações, o que dificultava e tornava excessivamente moroso o processo de implantação de novos cursos no caso privado. Enquanto isto, no setor público, as dificuldades financeiras do estado condenariam as IES ao contínuo corte orçamentário para áreas como pesquisa e extensão, bem como capacitação dos docentes.

De acordo com Silva Jr. e Sguissardi (1999) o ponto culminante deste período é a falência do estado brasileiro que, segundo os autores, não se orientava por uma política de investimentos no setor social, tudo isto em um contexto internacional de transição de regimes de acumulação do capitalismo mundial.

A nova ordem mundial produziu reflexos, alterando o projeto político nacional, inclusive educacional, por novos meios de financiamento da educação. Os empréstimos por parte de organismos internacionais, na área da educação, aumentaram de 63,9 milhões de dólares de 1970 a 1979 para algo em torno de 1 bilhão de dólares de 1990 a 1997, com contrapartidas governamentais em torno do mesmo valor, segundo dados do BIRD apud HADDAD (1999, p. 78).

O motivo de tamanho interesse por parte dos organismos internacionais é que, ao realizar tais empréstimos, ao mesmo tempo, torna-se possível orientar os recursos sob uma perspectiva econômica.

Fazendo da educação um campo auxiliar dos desafios colocados para o desenvolvimento da economia mundial. Suas principais orientações educacionais para os países de Terceiro Mundo acabam por se adequar a orientações de reforma do Estado e da organização da economia, frente aos desafios da globalização (HADDAD, 1999, p.146).

As políticas educacionais e o modelo econômico e estatal, surgido no governo Collor, ganharam força e se estabeleceram durante o período do governo Fernando Henrique Cardoso. As reformas administrativas, desse período, trouxeram consigo toda uma atmosfera de clientelismo e competitividade, própria da economia de mercado e do setor privado. Após um agressivo processo de descentralização e flexibilização das atividades até então exclusivamente estatais, o Estado partiria para o que Silva Jr. e Sguissardi (1999) denominaram de programa de publicização, a parceria entre o Estado e a sociedade, para seu financiamento e controle. Na visão dos autores, o Estado age como regulador, promotor e provedor, tão somente permitindo a criação de serviços chamados não-exclusivos, tais como universidades, escolas técnicas, centro de pesquisa, hospitais e museus, portanto, campos passíveis de atuação do setor privado.

As políticas para a educação foram orientadas com a perspectiva do estado mínimo. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 serviu como um dos instrumentos para orientar este modelo, que se configurou principalmente pela priorização do ensino fundamental e médio para atender as novas demandas do mercado.

Nesse contexto, a Educação Superior, principalmente as universidades públicas, sofreram um processo de corte de verbas e a fragmentação das áreas do conhecimento. A Lei criou a possibilidade de universidades especializadas por campo do saber, tratando a universidade como pluridisciplinar, não sendo mais necessário como característica universitária o cultivo de áreas fundamentais do campo do conhecimento. A LDB, seguindo as políticas do MEC naquele período, estabeleceu a possibilidade das IES terem variados graus de abrangência ou especialização, valorizando alternativas institucionais aos modelos existentes para o mercado de trabalho, especialmente para a formação de professores. Esse foi um dos fatores que facilitaram a expansão do ensino superior nos anos 90. As IES criaram modelos alternativos como ensino à distância, cursos sequenciais e instituições voltadas somente para o ensino.

O modelo econômico que se configurava e as políticas educacionais flexíveis proporcionaram a expansão da educação superior pela iniciativa privada. A educação superior, neste modelo, deixa de ser prioritário em detrimento da responsabilidade assumida pelo governo, com a educação básica e fundamental.

De acordo com Haddad (1999) as principais características da educação neste contexto foram: a flexibilização de políticas de regulamentação, desprezando, na maioria das vezes, conquistas sociais anteriores e a privatização de setores da educação, criando um mercado para a iniciativa privada.

Como relata Silva Jr. e Sguissadi (1999, p, 68), o setor privado da educação superior depois de passar por uma ampla expansão nos anos 70, teve sua expansão limitada legal e economicamente nos anos 80, entrou na década de 90 sob condições precárias e interferências políticas debilitadas. O ensino é a atividade principal da maioria das IES, secundada apenas pela pesquisa aplicada ao ensino.

O contexto das reformas do estado e as possibilidades abertas a partir da LDB/96 à iniciativa privado, impulsionaram o processo de expansão da Educação Superior em direção às cidades médias. No final da década de 90, estas cidades vivenciaram o processo de maior expansão da educação superior. O processo ocorreu a partir de três frentes, uma a partir da verticalização do ensino médio para o superior de

escolas particulares, outra a partir da iniciativa de grupos empresariais. Esse processo manteve as características da expansão ocorrida na década de 70 nas principais capitais no Brasil, quando a ascensão da classe média e o crescimento econômico impulsionaram a Educação Superior.

Estas cidades apresentavam algumas potencialidades para instalação do ensino superior. Entre elas pode-se destacar o grande número de egressos do ensino médio com poder aquisitivo que possibilitava a continuação dos estudos no ensino superior, o que acabava realizando-se, na sua maioria, nas capitais.

Essas potencialidades incentivaram a expansão do ensino superior, principalmente, de IES privadas que buscaram atender a um setor da educação não atendido até então.

5.3 EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA BAHIA

Segundo Siqueira (2001), a oferta da educação superior no Estado da Bahia limitava-se, até o início dos anos sessenta, a duas universidades: uma pública a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e uma privada confessional, Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e as seguintes faculdade: Salvador (FACS), que dará origem, nos anos 90, à Universidade Salvador (UNIFACS), primeira universidade privada laica do Estado, Escola Superior de Estatística da Bahia (ESEB), Escola Baiana de Medicina, Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia (FACCEBA), Faculdade de Educação da Bahia (FEBA) e Faculdade de Ciências Contábeis da Fundação Visconde de Cairu, todas localizadas em Salvador.

A centralização da educação superior na capital leva a um baixo alcance da população do Estado para este serviço. Aliado a este fato, encontra-se, também, o aumento da população que, conseqüentemente, ocasionou uma demanda por vagas. Surge a preocupação do governo do Estado com o oferecimento de ensino superior para outras regiões além da capital. Diante dessa demanda, sentiu-se a necessidade de concretizar uma política educacional para a educação superior no território baiano.

A expansão da educação superior em direção ao interior do Estado se deu a partir da década de 70 com a intervenção do Estado, o qual assumiu a educação superior, fato que não ocorreu com outras unidades federativas, que contaram com a iniciativa e ação do sistema federal e de empresas privadas.

A partir da década de 80, as ações de implementação da educação superior intensificaram-se, caracterizando-se numa interiorização formada por quatro universidades, distribuídas pelo território baiano com características diferenciadas, abrangem todas as regiões econômicas, sendo duas multicampi; Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando em 21 municípios, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atua em três municípios Vitória da Conquista, Itapetinga e Jequié); duas unicampi: a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) atua em um município (Feira de Santana) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) atua em dois municípios (Ilhéus e Itabuna).

No início dos anos 90, inicia-se a expansão da educação superior privado, intensificando-se ao longo de toda década, principalmente em Salvador, atingindo o interior do Estado, atendendo uma demanda reprimida pelo rápido incremento no número de concluintes do 2º grau, bem como da flexibilização em nível nacional das políticas de autorização para abertura de novos cursos e instituições.

A evolução do sistema de ensino superior na Bahia, entre 1995 e 2000, pode ser detalhada a partir dos censos do MEC (MEC/INEP). Primeiramente, o número de instituições públicas de ensino superior não se altera (duas federais e quatro estaduais), mas a quantidade de instituições privadas passa de 14 para 43 – duas universidades (UCSal e UNIFACS) e 41 faculdades isoladas, faculdades integradas e centros universitários. Dados mais recentes, levantados a partir dos resultados do censo superior do MEC/INEP em 2006, apontam para a existência de 118 instituições de ensino superior na Bahia, 111 privadas e 7 públicas (tabela 18).

Mensurando a evolução das IES no Estado da Bahia por categoria administrativa pública e privada, por localização capital e interior, no período 2000 a 2006, constata-se que houve um crescimento de 140,82% no número de IES, saindo de 49 estabelecimentos em 2000 para 118 em 2006. Por categoria administrativa, as IES públicas, em 2000, eram seis: UFBA, CEFET e UNEB na capital e UEFS, UESC e UESB no interior. Em 2005, o número sobe para 7, com a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRBA) na cidade de Cruz das Almas, representando crescimento de 16,76%. As IES privadas aumentaram de 43 instituições, em 2000, para 111, em 2006; registrando, assim, um crescimento de 158,14%.

Quanto à localização das IES no período analisado, Salvador continuou com 3 IES públicas e as privadas subiram de 25 instituições, em 2000, para 46 em 2006; com crescimento de 72,00%. Quanto às IES localizadas no interior, as públicas

aumentaram 33,34%, saindo de 3 para 4 unidades e as IES privadas saltaram de 18, em 2000, para 65 unidades, em 2006; o que significa um crescimento de 261,1%.

Tabela 18: EVOLUÇÃO DAS IES POR CATEGORIA ADMINISTRATIVA, POR LOCALIZAÇÃO CAPITAL E INTERIOR COMPARADAS COM ANOS ANTERIORES - 2000-2006

ANO	TOTAL	PÚBLICA	PRIVADA	CAPITAL		INTERIOR	
				PÚBLICA	PRIVADA	PÚBLICA	PRIVADA
2000	49	6	43	3	25	3	18
2001	63	6	57	3	27	3	30
2002	79	6	73	3	32	3	41
2003	89	6	83	3	35	3	48
2004	99	6	93	3	39	3	54
2005	116	7	109	3	47	4	62
2006	118	7	111	3	46	4	65

Fonte: MEC/ INEP

Outro aspecto do crescimento da educação superior é o número de inscritos no vestibular entre 1995 e 2000, de 2.817 candidatos para 3.861 nas federais (UFBA e CEFET), crescimento de 37%, nas estaduais, de 3.918 candidatos para 8.725, crescimento de 123% e nas privadas, de 6.337 candidatos para 16.995; evolução de 168%.

Em terceiro lugar, o número de matrículas em cinco anos conhece evolução nunca vista antes: nas federais, passando de 18.012 alunos para 19.170, incremento modesto de 6,4%; nas estaduais, aumento considerável de 77,4%, de 17.356 estudantes matriculados para 30.782; nas privadas houve expansão extraordinária, saltando de 20.359 alunos para 39.239, representando crescimento da ordem de 92,7%.

Como ocorre no conjunto do país, a demanda de ensino superior na Bahia cresce, basicamente, por duas razões:

- expansão do número de concluintes do 2º grau, aumentando a demanda de candidatos ao 3º grau;
- associação cada vez mais forte entre empregabilidade e grau de instrução.

A tabela 19 e o gráfico 1 mostram a evolução das matrículas do sistema de educação superior presencial na Bahia por localização capital e interior. Em 2006, a matrícula total da educação superior do Estado da Bahia alcançou 208.370 alunos. Assim, comparando com a matrícula de 2000, cresceu 133,62% em sete anos.

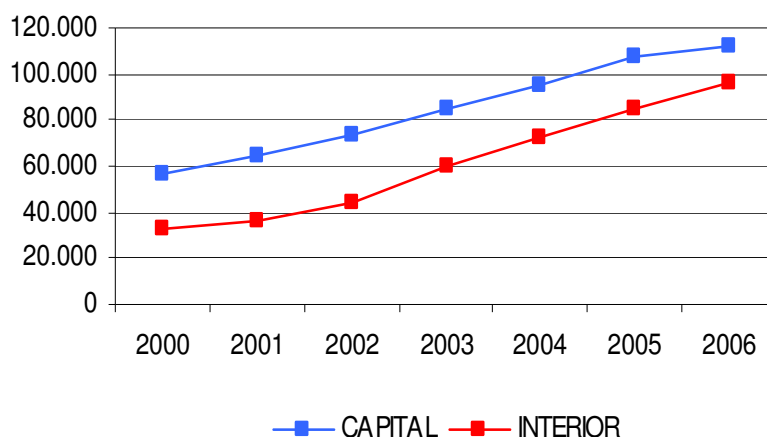
Comparando a evolução das matrículas capital e interior 2000/2006, constata-se que Salvador tinha, em 2000, 56.360 alunos matriculados, representando 63,19% do estado, enquanto que no interior matriculara-se 32.831 alunos, perfazendo 36,81%. Em 2006, Salvador alcançou 112.524 alunos matriculados, representando 54,00% e, no interior, 95.846 alunos com 46,00%, isto é, Salvador cresceu a taxas decrescentes, caindo sua participação proporcional no total das matrículas no Estado de 63,19%, em 2000, para 53,93%, em 2006, enquanto o interior cresce a taxas crescentes, aumentando sua participação proporcionalmente, saindo de 36,81%, em 2000, para 46,07%, em 2006.

Tabela 19: EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR POR LOCALIZAÇÃO CAPITAL E INTERIOR - 2000 - 2006

ANO	TOTAL	MATRÍCULAS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL			
		CAPITAL	(%)	INTERIOR	(%)
2000	89.191	56.360	63,19	32.831	36,81
2001	100.067	64.054	64,01	36.013	35,99
2002	117.625	73.142	62,18	44.483	37,82
2003	144.853	84.682	58,46	60.171	41,54
2004	167.557	94.851	56,61	72.706	43,39
2005	193.036	108.041	55,97	84.995	44,03
2006	208.370	112.524	54,00	95.846	46,00

Fonte: MEC/INEP

Gráfico 1: EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NO EDUCAÇÃO SUPERIOR POR LOCALIZAÇÃO CAPITAL E INTERIOR 2000 - 2006



Fonte: MEC/INEP

Comparando as porcentagens de crescimento anual das matrículas na educação superior na Bahia por localização capital e interior, no período 2000/2006, verifica-se que a capital, Salvador, teve o maior crescimento no período 2002/2003, com 13,63%, e a menor porcentagem de 3,98%, no período 2005/2006. Quanto ao interior, a maior porcentagem de crescimento foi entre 2002/2003 com 26,07%, e a menor no período 2000/2001 com 8,84% (tabela 20). No período 2000/2006 Salvador manteve uma taxa média anual de crescimento de 14,23%, enquanto às matrículas no interior cresceram 19,95%.

Tabela 20: EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR POR LOCALIZAÇÃO CAPITAL E INTERIOR COMPARADAS COM ANOS ANTERIORES - 2000-2006

ANO	TOTAL	MATRÍCULAS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL			
		CAPITAL	(%)	INTERIOR	(%)
2000	89.191	56.360	-	32.831	-
2001	100.067	64.054	12,01	36.013	8,84
2002	117.625	73.142	12,43	44.483	19,04
2003	144.853	84.682	13,63	60.171	26,07
2004	167.557	94.851	10,72	72.706	17,24
2005	193.036	108.041	12,21	84.995	14,46
2006	208.370	112.524	3,98	95.846	11,32

Fonte: MÊS/INEP

5.4 EXPANSÃO RECENTE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FEIRA DE SANTANA

O papel desempenhado por Feira de Santana como centro de região, das relações espaciais, inclusive entre os centros urbanos, das especializações dos ritmos de crescimento demográfico e econômico, e do nível de eficiência no atendimento das necessidades dos habitantes da região, vem-se destacando, na última década, no setor terciário de educação superior presencial, com a existência de uma universidade pública estadual e oito instituições de ensino superior privado, oferecendo diversos cursos, atraindo estudantes que querem ingressar no cursar superior da microrregião, mesorregião e de outros Estados.

A primeira instituição de educação superior de Feira de Santana é a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no processo de interiorização da educação superior na Bahia, como resultado de estratégia do governo do Estado, com objetivo de suprir o interior com o acesso ao terceiro grau, até então, circunscrita à capital Salvador.

O fortalecimento das grandes cidades baianas em seu processo de articulação com suas regiões de influência, a partir da formação de capital humano, produção de pesquisas e dos gastos relacionados ao funcionamento das instituições: como manutenção, investimentos, pagamentos dos salários dos professores e funcionários, desembolsos dos alunos oriundos de outros municípios, ganha um significado diferente, quando inserido no contexto das economias destas cidades, como fonte de dinamismo para a economia municipal.

Assim, o processo de interiorização teve início na década de 60, com a instalação de Faculdades de Formação de Professores nas principais cidades interioranas, sedes das regiões administrativas do Estado, que passam a atuar como distritos geoeducacionais.

É no âmbito dessa política que Feira de Santana, município caracterizado no Plano Integral de Educação, pelos seus indicadores econômicos e sociais, como o mais importante centro polarizador de desenvolvimento do interior do Estado, é contemplada em 1968, com a Faculdade de Educação, primeira instituição de nível superior da cidade. No início dos anos 1970, é transformada em universidade, com a criação da Fundação Universidade de Feira de Santana (FUFES), através da Lei Estadual número 2.784, de 24 de janeiro de 1970. Uma vez autorizada, a Universidade é instalada em 31 de maio de 1976, funcionando inicialmente com dez cursos.

De 1996 a 2005, surge a maioria das IES na cidade (tabela 21). A primeira instituição de ensino superior privado da cidade foi instalada em 1996. É o Instituto de Ensino Superior UNYAHNA, instituição criada em Salvador, com unidades em Feira de Santana e Barreiras, oferecendo três cursos: administração, ciências contábeis e ciências econômicas. A partir de 1997, a UNYAHNA, unidade de Feira de Santana, é incorporada pela União das Faculdades de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana (UFTC). Posteriormente passa à denominação de Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC), unidade de Feira de Santana, integrante da rede FTC, com unidades em Salvador, Vitória da Conquista, Itabuna e Jequié.

A partir da década de 2000, seguindo as tendências de crescimento da educação superior, surgem duas vertentes expansionistas, uma típica de escolas particulares do ensino médio para o superior, com as transformações de escolas de ensinos fundamental e médio da cidade, ingressando no ensino superior, surge, em 2001, a Faculdade Nobre de Feira de Santana (FAN) oriunda do colégio Nobre, com curso de graduação em Serviço Social e a Faculdade Anísio Teixeira de Feira de Santana, oriunda

do colégio Anísio Teixeira, com o curso de Ciências Contábeis, fortalecendo o papel da cidade como centro especializado de educação superior, com surgimento de instituições oriundas da cidade.

Por iniciativa de grupos empresariais interessados nesse nível de empreendimento, surge, em 2001, a Escola de Negócios do Estado da Bahia (ENEB), com os cursos de [Administração Geral](#), [Ciências Contábeis](#) e [Engenharia de Produção Agroindustrial](#). Em 2002, é criada a Faculdade de Ensino Superior da Cidade de Feira de Santana (FAESF/UNEF) com os cursos de [Administração](#), [Comunicação Social](#) e [Turismo](#). Em 2005, a Universidade Salvador (UNIFACS), com a política de expansão, descentraliza-se de Salvador, criando unidades de ensino no interior do Estado, com isto, é criado o campus de Feira de Santana com os cursos de Graduação Tecnológica Superior de curta duração: Gestão de Pessoas, Gestão de Varejo e Gestão de Agronegócios, atualmente oferece os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Sistema de Informação e Marketing e Comunicação.

Existem ainda na cidade duas instituições de ensino superior confessional, Seminário Teológico Batista do Nordeste (STBNe), oriundo do antigo Instituto Bíblico Batista do Nordeste, ligado à igreja Batista mundial, instalado na cidade nos anos 1960, como escola teológica de nível médio, oferecendo curso de Teologia, e a Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana (FAFS), instalada em 2004, ligada À arquidiocese de Feira de Santana, oferecendo o curso de Teologia e Filosofia (tabela 21).

Em 20 anos, a cidade de Feira de Santana tornou-se um centro especializado de educação superior, com nove IES, principalmente a partir dos anos 2000, dando uma nova dinâmica às atividades econômicas, sociais e culturais do município e sua região de influência.

Tabela 21 - INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA E INÍCIO DE FUNCIONAMENTO EM FEIRA DE SANTANA

INSTITUIÇÕES	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	INÍCIO DE FUNCIONAMENTO
UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana	Pública	1976
FTC - Faculdade de Tecnologia e Ciências	Privada	1997
STBNe - Seminário Teológico Batista do Nordeste	Privada confessional	1999
FAN - Faculdade Nobre	Privada	2001
FAT - Faculdade Anísio Teixeira	Privada	2001
ENEB - Escola de Negócios do Estado da Bahia	Privada	2001
FASF/UNEF - Faculdade de Ensino Superior da Cidade de Feira de Santana	Privada	2002
UNIFACS - Universidade Salvador	Privada	2005
FAFS - Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana	Privada confessional	2005

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor

6. PERFIS DOS ESTUDANTES E PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR LOCALIZADAS EM FEIRA DE SANTANA

Para melhor compreender o perfil dos estudantes matriculados e professores em exercício nas IES instaladas em Feira de Santana no semestre 2007.2, realizamos pesquisa de campo exploratória através de questionário em papel com perguntas fechadas e semi-abertas (em anexo), com 479 entrevistas, sendo 379 realizadas com alunos e 100 entrevistas com professores, divididas proporcionalmente entre as nove IES levantadas, através da técnica estatística de amostra estratificada proporcional (tabelas 1 e 2), realizadas nos meses de setembro e outubro de 2007, auxiliado por 4 pesquisadores contratados, conforme metodologia descrita no item 2.2.

A pesquisa foi realizada para identificar quem são os alunos e professores das instituições instaladas na cidade, qual a origem, onde residem, o que fazem profissionalmente, qual o montante de alunos e professores oriundos de outras cidades, quais os meios de transporte utilizados para chegar à universidade e às faculdades; ano, onde, turno e curso que concluíram no ensino médio e condição de moradia; formação acadêmica, instituição e titularidade mais elevada dos docentes.

Após a coleta dos questionários, as informações foram digitadas, gerando um banco de dados, condensados em 27 tabelas e 20 gráficos, divididas em 17 tabelas e 12 gráficos com dados dos discentes e 10 tabelas e 8 gráficos com informações dos docentes.

As informações foram sintetizadas e analisadas, possibilitando entender a dinâmica do perfil dos alunos e professores das IES existentes em Feira de Santana, descritos a seguir, identificando os principais pontos que se estacaram.

6.1 PERFIL DOS ESTUDANTES MATRICULADOS NAS IES LOCALIZADAS EM FEIRA DE SANTANA

Procurando identificar o perfil dos discentes das IES instaladas em Feira de Santana, foram pesquisados o sexo, faixa etária, estado civil, local de nascimento e moradia, assim como antecedentes escolares, condições de moradia, inserção no mercado de trabalho e locomoção, possibilitando entender a dinâmica econômica e social da trajetória dos estudantes do ensino superior matriculados nas IES da cidade.

6.1.1 Características dos estudantes

Analisando os dados da tabela 22 sobre a distribuição dos alunos segundo o sexo, percebe-se um percentual maior de mulheres que estudam. Elas representam 53,30% do total de 379 entrevistadas. 46,70% dos estudantes são do sexo masculino.

Tabela 22 - SEXO DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA SANTANA - 2007

SEXO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Feminino	202	53,30
Masculino	177	46,70

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

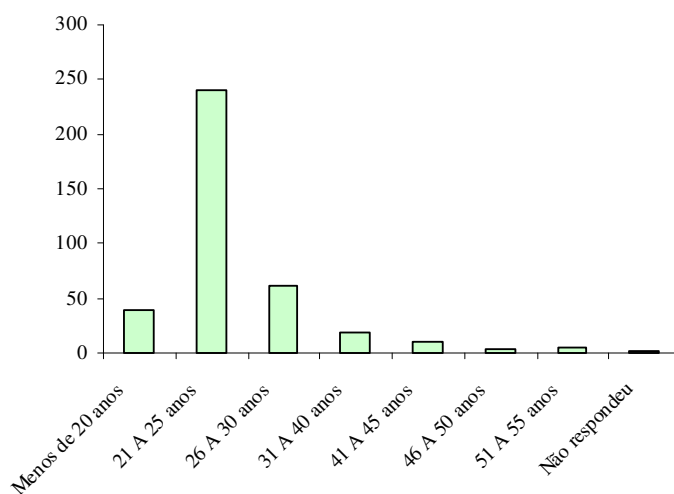
Com relação à distribuição dos estudantes por faixa etária, a maior concentração está entre 21 e 25 anos, com 63,32%, e a segunda maior incidência está na faixa entre 26 a 30 anos com 16,36%; assim, a grande maioria dos estudantes, ou seja, 79,68% têm idade entre 21 e 30 anos. Somente 10,29% dos alunos têm menos de 20 anos (tabela 23 e gráfico 2).

Tabela 23 - FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

FAIXA ETÁRIA	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Menos de 20 anos	39	10,29
21 A 25 anos	240	63,32
26 A 30 anos	62	16,36
31 A 40 anos	18	4,75
41 A 45 anos	11	2,90
46 A 50 anos	3	0,79
51 A 55 anos	5	1,32
Não respondeu	1	0,26

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 2: FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS NAS IES DE FEIRA DE SANTANA



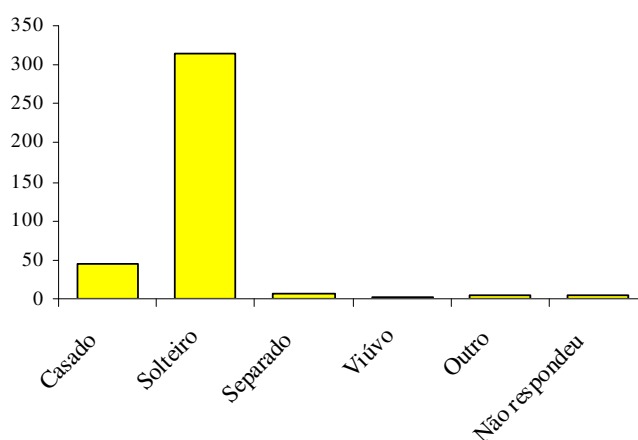
Quanto ao estado civil dos entrevistados, os dados da pesquisa indicam que a maioria absoluta, com 83,11%, são solteiras; 11,61% dos estudantes são casados; 2,11% separadas e 0,79% viúvos (tabela 24 e gráfico 3).

Tabela 24 - ESTADO CIVIL DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

ESTADO CIVIL	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Casado	44	11,61
Solteiro	315	83,11
Separado	8	2,11
Viúvo	3	0,79
Outro	5	1,32
Não respondeu	4	1,06

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 3: ESTADO CIVIL DOS ALUNOS ENTREVISTADOS NAS IES DE FEIRA DE SANTANA



As informações referentes ao local de nascimento indicam que a grande maioria dos alunos entrevistados nasceram em outras cidades do Estado da Bahia, representando 54,09%. Os que são naturais de Feira de Santana representam 40,63%, sendo 14,51% em Salvador e apenas 4,75% são de outros Estados. Assim, mais da metade dos alunos não nasceram em Feira de Santana (tabela 25 e gráfico 4).

Comparando com a pesquisa realizada por Silvia, Silva e Leão (1985, p.299), onde foram levantados dados dos estudantes matriculados na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) em 1983, única instituição de educação superior existente na cidade a época, 34,50% dos alunos pesquisados nasceram em Feira de Santana, 56,64% nasceram em outros municípios do Estado da Bahia, sendo 7,70% em Salvador e 8,86% em outras unidades da federação.

Comparando os dados das duas pesquisas em termos proporcionais, entre 1983 a 2007, a quantidade de alunos nascidos em Feira de Santana passou de 34,50% em 1983 para 40,63% em 2007, crescendo 6,13 pontos percentuais. Quanto à participação de estudantes nascidos em outros municípios do Estado da Bahia, houve queda de 2,55 pontos percentuais, saindo de 56,64% para 54,09% no mesmo período. Comparando a participação de alunos nascidos em Salvador, houve crescimento de 6,81 pontos percentuais, saindo de 7,70% para 14,51%. Quanto aos estudantes nascidos em outros Estados da federação, observou-se uma diminuição de 8,86% para 4,75%.

Os dados comparados refletem os fluxos migratórios dos alunos e o grande peso regional da cidade de Feira de Santana, como pólo de atração de pessoas.

Tabela 25: CIDADE DE NASCIMENTO DOS ALUNOS
DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

(continuação)

CIDADE DE NASCIMENTO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Alagoinhas	11	2,90
Amélia Rodrigues	4	1,06
Andaraí	1	0,26
Anguera	2	0,53
Araci	1	0,26
Baixa Grande	1	0,26
Barreiras	1	0,26
Cabaçeiros do Paraguau	1	0,26
Cachoeira	6	1,58
Castro Alves	2	0,53
Central	1	0,26
Conceição do Coité	3	0,79
Conceição da Feira	2	0,53
Conceição do Almeida	1	0,26
Conceição do Jacuípe	5	1,32
Coração de Maria	3	0,79
Cruz das Almas	5	1,32
Curaçá	1	0,26
Feira de Santana	154	40,63
Ibotirama	1	0,26
Inhambupe	1	0,26
Ipiauí	3	0,79
Irará	5	1,32
Ipirá	4	1,06
Irecê	6	1,58
Itaberaba	3	0,79
Itabuna	2	0,53
Itapetinga	1	0,26
Jacobina	3	0,79
Jequié	1	0,26
Macaçuba	2	0,53
Mairi	1	0,26
Muritiba	2	0,53
Paulo Afonso	1	0,26
Retirolândia	2	0,53
Riachão do Jacuípe	7	1,85
Ribeira do Pombal	2	0,53

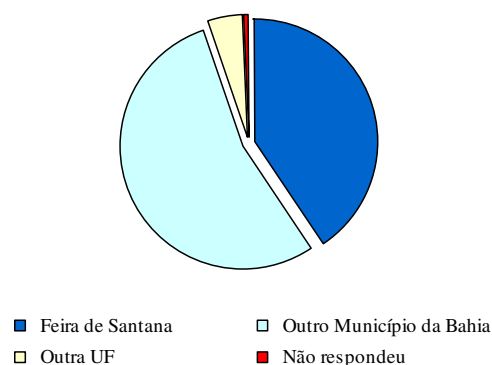
Tabela 25: CIDADE DE NASCIMENTO DOS ALUNOS
DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

(conclusão)

CIDADE DE NASCIMENTO	FREQUÊNCIA	(%)
Rio Real	1	0,26
Ruy Barbosa	2	0,53
Salvador	55	14,51
Santa Bárbara	2	0,53
Santa Luz	2	0,53
Santanópolis	2	0,53
Santo Amaro	6	1,58
Santo Antônio de Jesus	2	0,53
Santo Estevão	5	1,32
São Domingos	2	0,53
São Félix	1	0,26
São Gonçalo dos Campos	2	0,53
Sapeaçu	1	0,26
Saubara	1	0,26
Serra Preta	2	0,53
Serrinha	12	3,17
Teodoro Sampaio	1	0,26
Tocantis Palmas	1	0,26
Ubaíra	1	0,26
Valente	4	1,06
Vitoria da Conquista	2	0,53
Outra Unidade de Federação	18	4,75
Não Respondeu	2	0,53

Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor em 09/2008

Gráfico 4: LOCAL DE NASCIMENTO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS NAS IES DE FEIRA DE SANTANA



A tabela 26 destaca o local de moradia dos estudantes das IES em Feira de Santana. Para melhor visualizar o papel desempenhado por Feira de Santana como centro regional de educação superior, atraindo estudantes de diversas cidades da Bahia e de outros Estados da federação, estabelecemos quatro áreas geográficas de influência da cidade de Feira de Santana, com distâncias médias em quilômetros, em relação às cidades de residência dos estudantes.

Primeira área, com distância média até 50 km, abrange os municípios de Amélia Rodrigues, Cachoeira, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Conceição do Almeida, Coração de Maria, Cruz das Almas, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho e Teodoro Sampaio. Estes municípios abrigam 99 alunos.

Segunda área, com a distância média entre mais de 50 a 100 km, reúne os municípios de Alagoinhas, Cabaceiras do Paraguaçu, Catu, Governador Mangabeira, Ipirá, Irará, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara, Serrinha, Teofilândia e Terra Nova. 92 alunos residem neste anel.

Terceira área, com distância média entre mais de 100 a 200 km, agrupa os municípios de Dias D'Avila, Entre Rios, Inhambupe, Lauro de Freitas, Mairi, Queimadas, Rio Real, Salvador, Santa Luz e Valente. Nestes municípios residem 36 estudantes.

Quarta área, com distância de mais de 200 km, abrangendo os municípios de Barreiras, Central, Caitité, Irecê, Jequié, Mucugê, Ruy Barbosa, São Gabriel, Ubatubã, Utinga e Vitória da Conquista. Nestes municípios residem 16 alunos.

Assim, 131 estudantes entrevistados moram em Feira de Santana, 99 estudantes com distância até 50 km, 92 alunos residem entre 50 a 100 km de distância, 36 estudantes moram entre 100 a 200 km de distância e 15 alunos têm moradia a mais de 200 km (tabela 26, gráfico 4 e figura 6).

Mostra-se assim, o potencial de atração que a cidade exerce como centro regional de educação superior, atraindo estudantes de 50 municípios de diferentes microrregiões da Bahia e de Aracaju, Estado de Sergipe (2 estudantes).

Figura 6
CIDADES DE RESIDÊNCIAS DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA

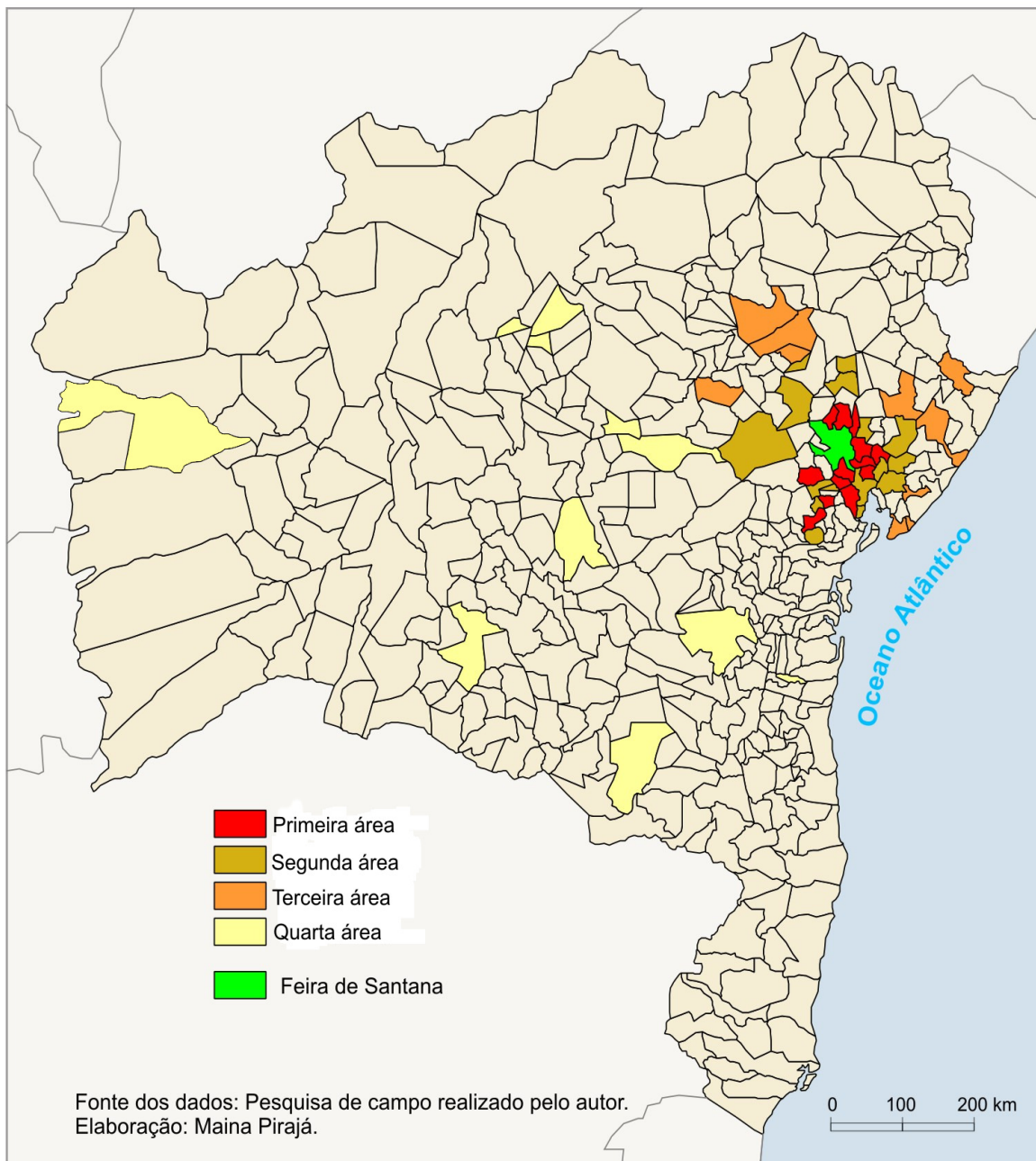


Tabela 26: CIDADES DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

(continua)

CIDADE DE RESIDÊNCIA	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Alagoinhas	11	2,90
Amélia Rodrigues	7	1,85
Aracaju	2	0,53
Barreiras	1	0,26
Conceição do Jacuípe	10	2,64
Cabaças do Paraguaçu	1	0,26
Cachoeira	9	2,37
Caitité	1	0,26
Catu	2	0,53
Central	1	0,26
Conceição do Coité	11	2,90
Conceição da Feira	5	1,32
Conceição do Almeida	4	1,06
Coração de Maria	8	2,11
Cruz das Almas	10	2,64
Dias D'Ávila	2	0,53
Entre Rios	1	0,26
Feira de Santana	131	34,56
Governador Mangabeira	5	1,32
Inhambupe	1	0,26
Ipirá	6	1,58
Irará	7	1,85
Irecê	5	1,32
Jequié	1	0,26
Lauro de Freitas	1	0,26
Mairi	2	0,53
Mucugê	1	0,26
Queimadas	3	0,79
Retirolândia	7	1,85
Riachão do Jacuípe	17	4,49
Rio Real	1	0,26
Ruy Barbosa	2	0,53

Tabela 26: CIDADES DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS DAS
DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

CIDADE DE RESIDÊNCIA	(conclusão)	
	FREQUÊNCIA	(%)
Salvador	21	5,54
Santa Bárbara	6	1,58
Santa Luz	4	1,06
Santanópolis	5	1,32
Santo Amaro	4	1,06
Santo Antônio de Jesus	6	1,58
Santo Estevão	9	2,37
São Gabriel	1	0,26
São Gonçalo dos Campos	11	2,90
São Sebastião do Passé	1	0,26
Sapeaçu	3	0,79
Saubara	2	0,53
Serrinha	11	2,90
Tanquinho	4	1,06
Teofilândia	5	1,32
Teodoro Sampaio	2	0,53
Terra Nova	4	1,06
Ubatabã	1	0,26
Utinga	1	0,26
Valente	1	0,26
Vitória da Conquista	1	0,26

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

6.1.2 Antecedentes escolares

Quanto aos antecedentes escolares, com os dados das tabelas 27 a 32, procuramos identificar o ano de conclusão do ensino médio ou equivalente, onde cursou, se escola pública ou privada, turno e curso que frequentou, motivo de escolha pela IES que frequenta e se pretende cursar pós-graduação, após a conclusão da graduação.

Conforme dados da tabela 27 e gráfico 5, dos 379 alunos entrevistados 29,55% concluíram o ensino médio ou equivalente antes do ano de 2000, mostrando, assim, uma parcela representativa dos estudantes que ingressaram no ensino superior mais tarde.

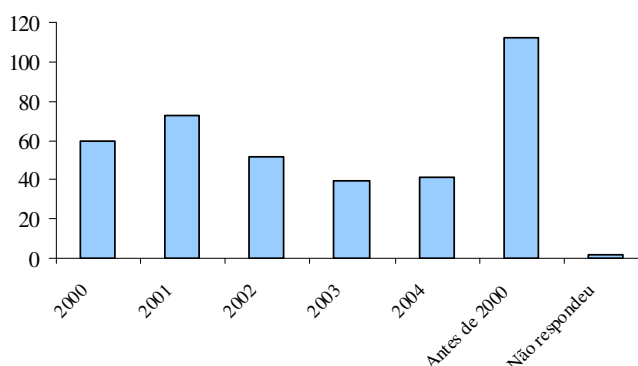
Com a expansão do terceiro grau a partir dos anos 2000, surgiram diversas IES, principalmente as privadas, com ofertas de novos cursos de graduação, ampliando a quantidade de matrículas, possibilitando atender uma demanda reprimida de alunos concluintes do ensino médio, que as universidades públicas não atendiam.

Tabela 27 - ANO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

ANO	FREQUÊNCIA	(%)
TOTAL	379	100
2000	60	15,83
2001	73	19,26
2002	52	13,72
2003	39	10,29
2004	41	10,82
Antes de 2000	112	29,55
Não respondeu	2	0,53

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 5: ANO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA



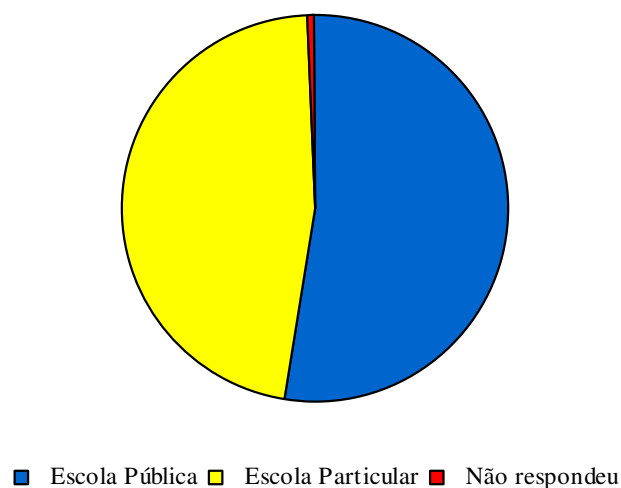
Segundo os dados da tabela 28 e gráfico 6, 52,51% dos alunos entrevistados são provenientes da escola pública, isto é, mais da metade dos alunos matriculados no ensino superior. A ampliação das vagas nas IES, principalmente as privadas, possibilitou acesso aos alunos egressos da escola pública. Podemos observar que a maior parte dos alunos oriundos do ensino médio da rede pública de educação está cursando o nível superior nas IES privadas, enquanto os alunos provenientes do ensino médio das escolas privadas estão nas IES públicas.

Tabela 28 - ONDE OS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA CURSARAM O ENSINO MÉDIO - 2007

ENSINO MÉDIO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Escola Pública	199	52,51
Escola Particular	178	46,97
Não respondeu	2	0,53

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 6: CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO DOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA



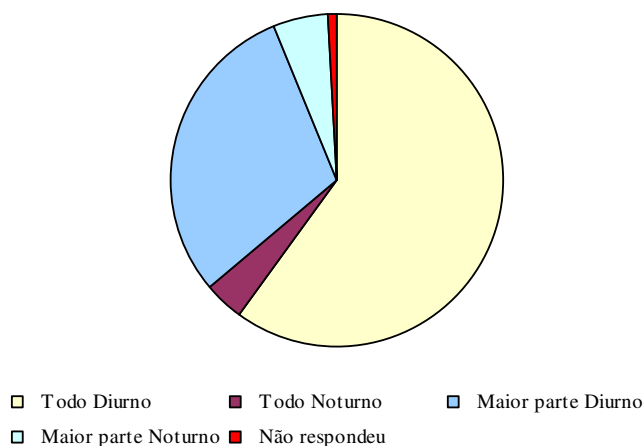
Segundo o turno de frequência durante o ensino médio ou equivalente, a grande maioria dos alunos pesquisados 59,89% cursou no turno diurno; 30,08% maior parte diurno; 3,96% todo noturno e 5,28% maior parte noturno. A predominância é de alunos que estudaram no período do dia com 89,97%, isto é, são estudantes que não trabalham, apenas estudam, possibilitando um melhor aproveitamento no processo de aprendizado, por se dedicar exclusivamente aos estudos (tabela 29 e gráfico 7).

Tabela 29 - TURNO QUE OS ALUNOS ENTREVISTADOS CURSARAM NO ENSINO MÉDIO - 2007

TURNO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Todo Diurno	227	59,89
Todo Noturno	15	3,96
Maior parte Diurno	114	30,08
Maior parte Noturno	20	5,28
Não respondeu	3	0,79

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 7: TURNO QUE OS ALUNOS ENTREVISTADOS CURSARAM NO ENSINO MÉDIO



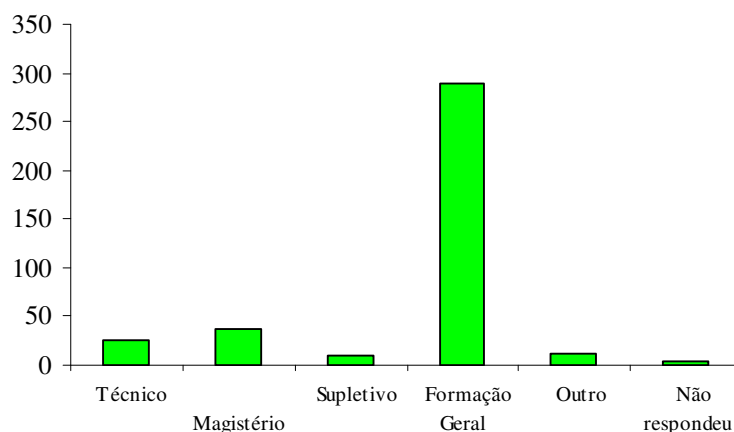
A grande maioria, ou seja, 76,52% dos alunos entrevistados freqüentaram curso de formação geral no ensino médio ou equivalente; em segundo lugar figura o curso de magistério com 10,03%; o técnico com 6,60%; em terceiro lugar, o supletivo com 2,64%; em quarto lugar, e outros, com 3,17%, são cursos que não se enquadraram nas opções de resposta oferecidas (tabela 30 e gráfico 8).

Tabela 30 - CURSO QUE OS ALUNOS ENTREVISTADOS FREQUENTARAM NO ENSINO MÉDIO -2007

CURSO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Técnico	25	6,60
Magistério	38	10,03
Supletivo	10	2,64
Formação Geral	290	76,52
Outro	12	3,17
Não respondeu	4	1,06

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 8: CURSO QUE OS ALUNOS ENTREVISTADOS FREQUENTARAM NO ENSINO MÉDIO



Questionados sobre os motivos da escolha pela instituição onde estão matriculados, 44,85% dos alunos indicaram que optaram por instituição pública, no caso a UEFS, por ser a única no município. 16,36% consideraram o prestígio que a instituição goza na sociedade, 12,66% a influência da família e/ou amigos, 10,03% o turno de oferta do curso, principalmente no período noturno. Das nove IES instaladas na cidade, sete oferecem cursos noturnos, possibilitando aos alunos que trabalham durante o dia estudar

no período da noite. 6,33% dos alunos indicaram o valor da mensalidade compatível com o poder aquisitivo dos entrevistados (tabela 31).

Tabela 31 - MOTIVO DE ESCOLHA PELA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR QUE ESTUDAM - 2007

MOTIVO DE ESCOLHA	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Instituição Pública	170	44,85
Prestígio da Instituição	62	16,36
Influência da Família e/ou amigos	48	12,66
Turno de oferta do curso	38	10,03
Valor da Mensalidade	24	6,33
Outro	36	9,50
Não respondeu	1	0,26

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

De acordo com os dados da tabela 32, quanto à pretensão de fazer curso de pós-graduação, a maioria, 78,63% dos alunos pesquisados, pretende continuar o aprofundamento dos conhecimentos após concluírem a graduação e 19,00% responderam que não.

Tabela 32 - INTENÇÃO DE FAZER PÓS-GRADUAÇÃO

FAZER PÓS GRADUAÇÃO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Sim	298	78,63
Não	72	19,00
Não respondeu	9	2,37

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

6.1.3 Condições de moradia na cidade de origem

Os dados das tabelas 33 e 34 situações do imóvel onde moram e a situação de moradia dos estudantes entrevistados, possibilitaram mensurar as condições de habitação dos discentes, estrutura família e seus vínculos de moradia com a cidade de Feira de Santana.

A grande maioria, 61,48% dos alunos pesquisados, reside em imóvel próprio, pertencentes a familiares. 22,69% são imóveis alugados, 5,01% financiados e 7,39% cedidos (tabela 33).

Tabela 33 - SITUAÇÃO DO IMÓVEL ONDE MORAM OS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

SITUAÇÃO DO IMÓVEL	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Próprio	233	61,48
Alugado	86	22,69
Financiado	19	5,01
Cedido	28	7,39
Outra	11	2,90
Não respondeu	2	0,53

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

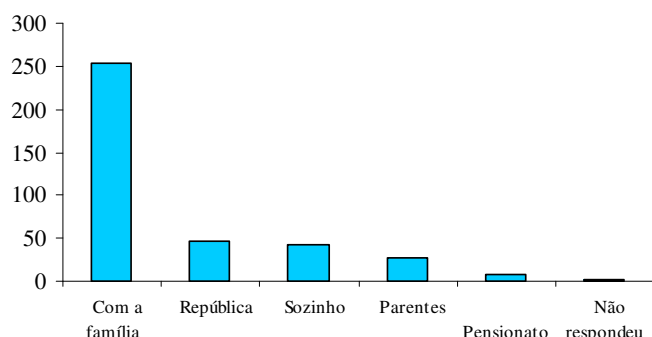
Coerentemente com a situação de solteiros e com o local de residência, a maioria absoluta, 67,02% dos estudantes entrevistados, reside com a família: pai, mãe, marido, esposa e filhos, 12,40% em república de estudantes, 11,08 sozinho, 7,39% com parentes e 1,85% em pensionato (tabela 34 e gráfico 9).

Tabela 34 - SITUAÇÃO DE MORADIA DOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA

SITUAÇÃO DE MORADIA	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Com a família	254	67,02
República	47	12,40
Sozinho	42	11,08
Parentes	28	7,39
Pensionato	7	1,85
Não respondeu	1	0,26

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 9: SITUAÇÃO DE MORADIA DOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA



6.1.4 Inserção no mercado de trabalho

Quanto à forma de inserção no mercado de trabalho e remuneração, a grande maioria dos entrevistados não exerce atividades no mercado de trabalho, em função da condição de estudante. São jovens, que estudam durante o dia, custeados pela família, possibilitando, assim, que os mesmos dediquem-se aos estudos (tabela 35 e gráfico 10). Dos 379 alunos pesquisados, 37,20% não trabalham, são custeados pelos familiares. 24,54% exercem estágio com remuneração, 22,16% possuem emprego, 8,97% trabalham por conta própria, 3,43% são estagiários sem remuneração e 2,64% são empregadores.

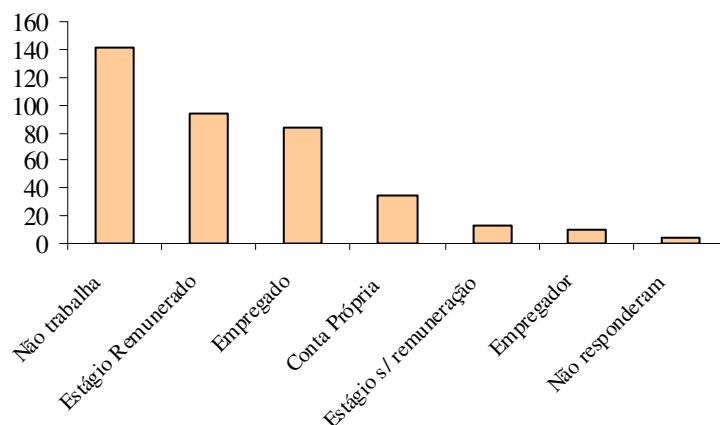
Assim, 65,17% dos alunos não trabalham ou fazem algum estágio com e sem remuneração. Esta condição de não trabalhar, está ligada ao fato de que muitos alunos estudam no período do dia (tabela 35 e gráfico 10).

Tabela 35 - CONDIÇÃO DE TRABALHO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

TRABALHA	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Não trabalha	141	37,20
Estágio Remunerado	93	24,54
Empregado	84	22,16
Conta Própria	34	8,97
Estágio s/ remuneração	13	3,43
Empregador	10	2,64
Não responderam	4	1,06

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 10: CONDIÇÃO DE TRABALHO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA



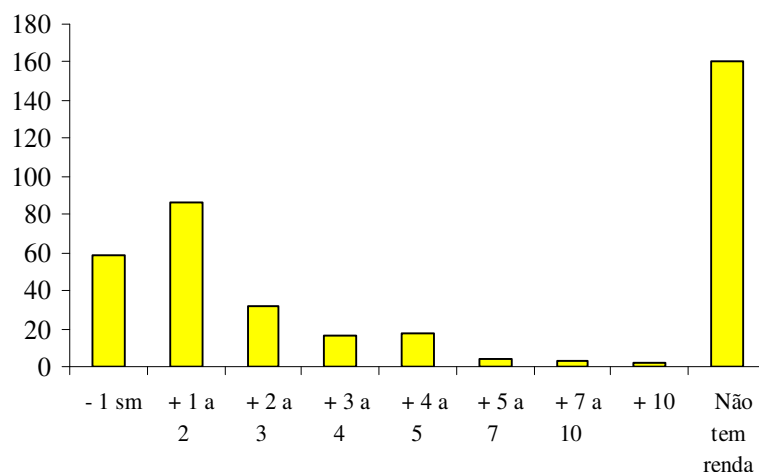
No tocante à remuneração mensal, 42,22% não possui renda. São estudantes que se dedicam aos estudos, não possuindo emprego, sendo custeados por familiares. 15,57% dos estudantes recebem menos de um salário mínimo, 22,69% recebem mais de um a dois salários mínimos. A maior concentração de alunos com remuneração está na faixa entre menos de um a dois salários mínimos, representando 38,26% e a maior faixa, entre mais de cinco a mais de dez salários mínimos, com 2,38% (tabela 36 e gráfico 11).

Tabela 36 - REMUNERAÇÃO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA (em salário mínimo) - 2007

FAIXA DE SALÁRIO	FREQUÊNCIA	(%)
TOTAL	379	100,00
- 1 sm	59	15,57
+ 1 a 2	86	22,69
+ 2 a 3	32	8,44
+ 3 a 4	16	4,22
+ 4 a 5	17	4,49
+ 5 a 7	4	1,06
+ 7 a 10	3	0,79
+ 10	2	0,53
Não tem renda	160	42,22

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 11: REMUNERAÇÃO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA



Com os dados das tabelas 37 e 38, foi possível mensurar se os alunos utilizam algum meio de transporte e quais são, para deslocamento até a universidade e faculdades onde estudam.

O meio de transporte mais utilizado pelos alunos para locomoção até as IES é o transporte coletivo, representando 43,54%. Apenas 15,57% deslocam-se em meio próprio de transporte e 38,26% utilizam outra forma como meio de locomoção (tabela 38 e gráfico 12).

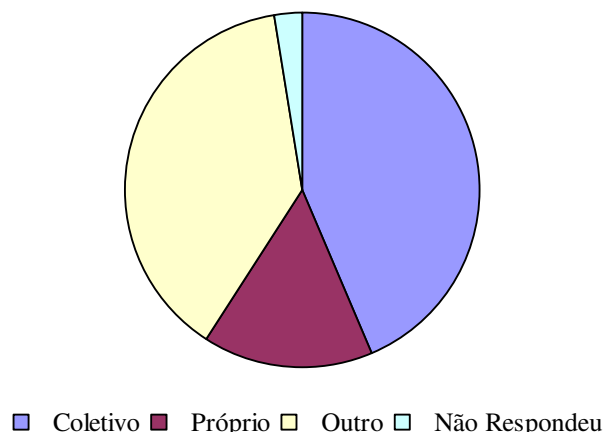
Explica-se que muitos estudantes residirem em áreas distantes das IES, até em outros municípios como revelado na tabela 26.

Tabela 37 - MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PELOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA - 2007

MEIO DE TRANSPORTE	FREQUÊNCIA	(%)
Total	379	100,00
Coletivo	165	43,54
Próprio	59	15,57
Outro	145	38,26
Não Respondeu	10	2,64

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 12: MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PELOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA



Do total de 145 estudantes pesquisados, 42,07% deslocam-se a pé; 19,31% utilizam transporte escolar; 11,03% transporte de particulares; 4,83% transportes alternativos e 1,38% carona (tabela 38 e gráfico 13).

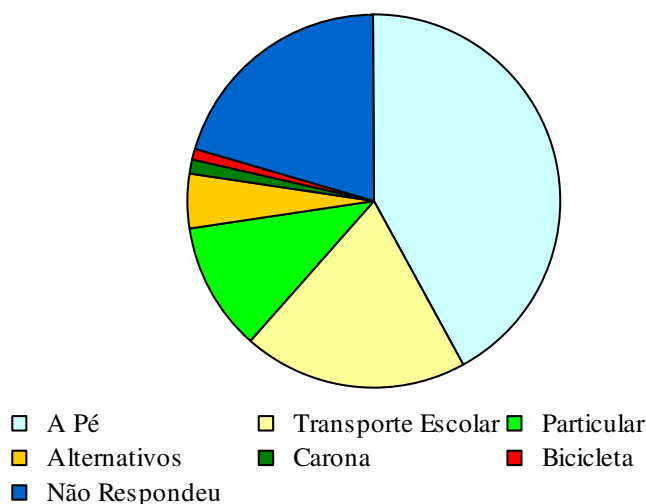
O elevado número de alunos que chegam à universidade e faculdades a pé, explica-se pelo fato de que eles residem próximo das mesmas, principalmente da UEFS, que está localizada nas proximidades do conjunto habitacional Feira VI, construído em 1984 com 530 unidades na época, transformado em conjunto residencial universitário, em razão da quantidade de estudantes da UEFS que residem no local.

Tabela 38 - OUTROS MEIOS DE TRANSPORTES UTILIZADOS PELOS ALUNOS ENTREVISTADOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA

OUTRO TRANSPORTE	FREQUÊNCIA	(%)
TOTAL	145	100
A Pé	61	42,07
Transporte Escolar	28	19,31
Particular	16	11,03
Alternativos	7	4,83
Carona	2	1,38
Bicicleta	1	0,69
Não Respondeu	30	20,69

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 13: OUTROS MEIOS DE TRANSPORTE UTILIZADOS PELOS ALUNOS DAS IES DE FEIRA DE SANTANA



A análise dos dados levantados pelas entrevistas com os 379 alunos das nove instituições de ensino superior instaladas na cidade, possibilitou traçar o perfil dos alunos da educação superior em Feira de Santana.

Assim, pode-se concluir que os estudantes são jovens, não fugindo do perfil dos estudantes universitários do Brasil. São mulheres em sua maioria, faixa etária entre 21 a 30 anos, solteiros, não nasceram e não moram em Feira de Santana, concluíram o ensino médio após o ano de 2000 em escola pública, durante o dia, não trabalham, têm na figura paterna o principal financiador de suas despesas, moram em casa própria com a família, utilizam transporte coletivo e pretendem fazer pós-graduação.

A grande maioria de alunos é oriunda de outros municípios, atestando a importância regional da cidade de Feira de Santana como pólo regional de educação superior. Deve ser destacada, também, a quantidade de alunos provenientes de Salvador, o que representa um bom indicador das relações entre a Metrópole e a cidade de Feira de Santana.

6.2 PERFIL DOS PROFESSORES DAS IES LOCALIZADAS EM FEIRA DE SANTANA

6.2.1 Características dos professores

A pesquisa foi realizada através de entrevista presencial com 100 professores que ministravam aulas no semestre 2007.2, através de amostra estratificada proporcional distribuída equitativamente pelas IES instaladas na cidade. Avaliou-se o perfil dos mesmos: sexo, faixa etária, estado civil, local de nascimento, cidade de moradia, formação acadêmica, instituição de graduação, titularidade, remuneração, se trabalha em outras instituições de ensino superior e meio de transporte utilizado para chegar as IES. Os dados resultaram em um conjunto de tabelas e gráficos analisados a seguir.

A distribuição dos professores entrevistados segundo o sexo indica que o número de professores do sexo feminino com 51,00% do total de 100 entrevistadas, supera o número de docentes masculinos, que representam 49,00% (tabela 39).

Possivelmente a predominância de docentes mulheres é reflexa de a quantidade de estudantes do sexo feminino ser maior do que masculino nas IES, como vimos na tabela 22.

Tabela 39 - SEXO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

SEXO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Feminino	51	51,00
Masculino	49	49,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo em 09/2007

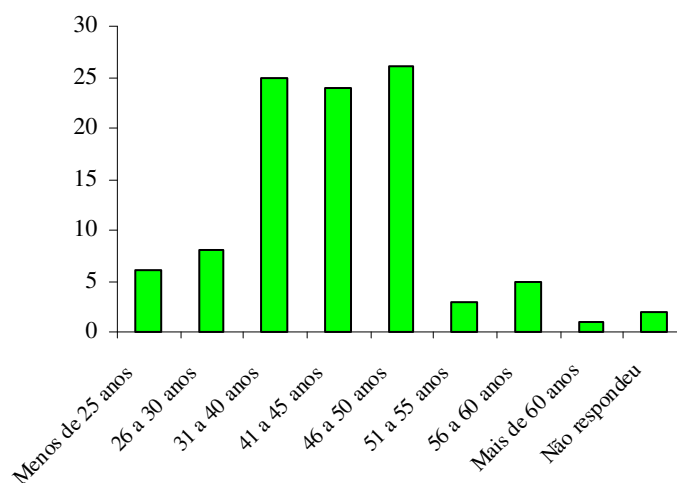
Com relação à distribuição dos professores por faixa etária, a maior concentração está entre as faixas etárias de 31 e 40 anos, com 25,00%; 41 a 45 anos 24,00% e 46 a 50 anos 26,00%. Estas três faixas, com 75,00% dos professores, representam a maioria absoluta dos docentes, que estão em pleno processo produtivo (tabela 40 e gráfico 14).

Tabela 40 - FAIXA ETÁRIA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

FAIXA ETÁRIA	FREQUÊNCIA	(%)
TOTAL	100	100
Menos de 25 anos	6	6,00
26 a 30 anos	8	8,00
31 a 40 anos	25	25,00
41 a 45 anos	24	24,00
46 a 50 anos	26	26,00
51 a 55 anos	3	3,00
56 a 60 anos	5	5,00
Mais de 60 anos	1	1,00
Não respondeu	2	2,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 14: FAIXA ETÁRIA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



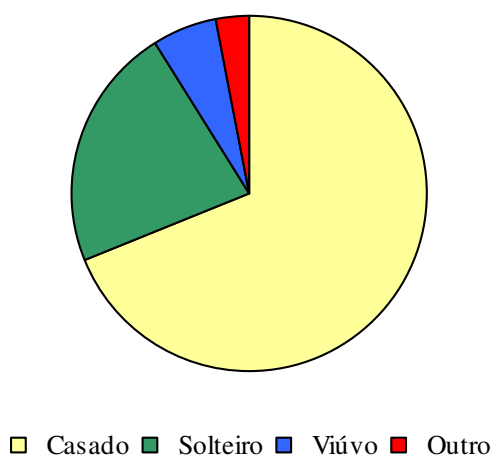
Quanto ao estado civil dos entrevistados, os dados da pesquisa indicam que 69,00% dos professores são casados, mostrando que a grande maioria dos docentes possui uma estrutura familiar. 22,00% dos docentes são solteiros e 6,00% viúvos (tabela 41 e gráfico 15).

Tabela 41- ESTADO CIVIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

ESTADO CIVIL	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Casado	69	69,00
Solteiro	22	22,00
Viúvo	6	6,00
Outro	3	3,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 15: ESTADO CIVIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



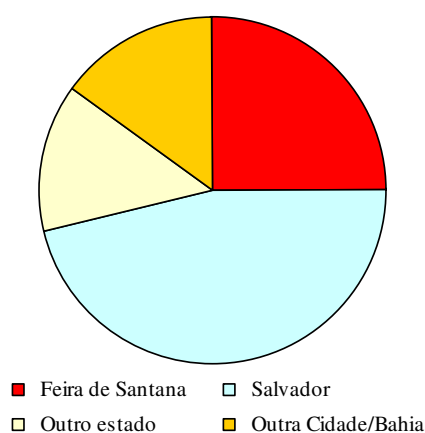
As informações referentes ao local de nascimento indicam que a grande maioria dos professores, 46,00%, são naturais de Salvador; 25,00% nasceram em Feira de Santana; 15,00% nasceram em outras cidade do Estado da Bahia e apenas 14,00% são provenientes de outros Estados. Destaca-se, assim, que 86,15% dos professores são provenientes do Estado da Bahia (tabela 42 e gráfico 16).

Tabela 42 - LOCAL DE NASCIMENTO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

LOCAL	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Feira de Santana	25	25,00
Salvador	46	46,00
Outro estado	14	14,00
Outra Cidade/Bahia	15	15,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 16: LOCAL DE NASCIMENTO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



As informações referentes aos professores que ministram aulas nas IES em Feira de Santana, apontaram que 59,00% moram em outros municípios do Estado da Bahia. Salvador, com 52,00%, aparece como a maior cidade de origem e 41,00% são residentes em Feira de Santana. Mostra-se, assim, uma dependência de docentes originários de Salvador que, após ministrarem as aulas, retornam à capital (tabela 43 e gráfico 17).

Segundo Silva, Silva e Leão (1985, p. 297), em 1983 na UEFS, única instituição existente na cidade, 53,98% dos docentes em exercício residiam em Salvador; 41,04% em Feira de Santana, 1,04% em Alagoinhas e 0,35% em Santo Estevão.

Comparando os dados no período 1983/2007, os professores provenientes de Salvador representavam 53,98% em 1983, enquanto em 2007, 52,00%, havendo queda de 1,98% pontos percentuais. Quanto aos docentes do próprio município de Feira de Santana, em 1983, representavam 44,29%, em 2007 cai para 41,00%, uma diminuição de

3.29%. Isto é, no intervalo de 27 anos não houve grandes alterações na composição do quadro de professores que ministram aulas nas IES em Feira de Santana.

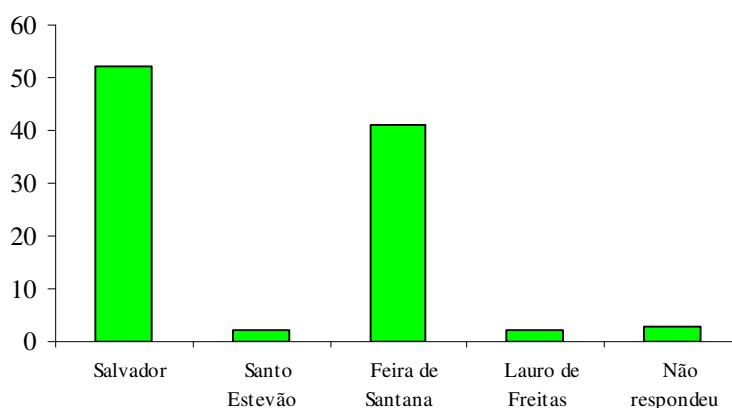
É surpreendente a elevada participação de professores provenientes de Salvador. Mesmo após 32 anos de funcionamento da UEFS, primeira instituição superior do município, a mesma não conseguiu formar docentes suficientes para suprir o quadro de professores das IES da cidade, possibilitando diminuir a dependência por professores provenientes de Salvador.

Tabela 43 - CIDADE DE MORADIA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

ORIGEM	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Salvador	52	52,00
Santo Estevão	2	2,00
Feira de Santana	41	41,00
Lauro de Freitas	2	2,00
Não respondeu	3	3,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autpr em 09/2007

Gráfico 17: CIDADE DE MORADIA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



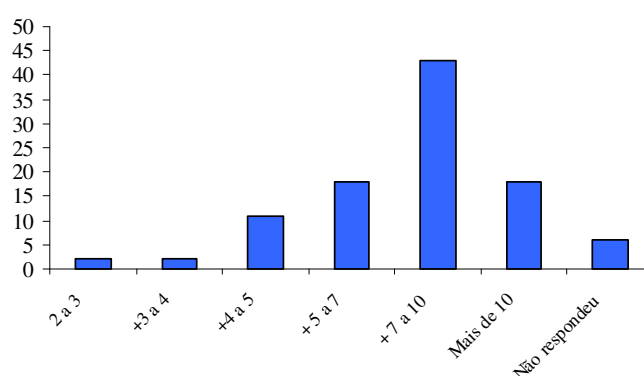
Do total de 100 docentes entrevistados, 43,00% recebem entre mais 7 a 10 salários mínimos. Seguem as faixas de mais de 5 a 7 e de mais de 10 salários mínimos com 18,00% cada faixa e mais de 4 a 5 salários mínimos com 11,00%. São as faixas de remuneração mais representativas (tabela 44 e gráfico 18).

Tabela 44 - REMUNERAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS (em salário mínimo) - 2007

FAIXA DE SALÁRIO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
2 a 3	2	2,00
+3 a 4	2	2,00
+4 a 5	11	11,00
+ 5 a 7	18	18,00
+ 7 a 10	43	43,00
Mais de 10	18	18,00
Não respondeu	6	6,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 18: REMUNERAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS (em salários mínimos)



6.2.2 Formação acadêmica dos docentes

Quanto à formação acadêmica e instituição de graduação, assim como a titularidade máxima dos professores, alguns pontos destacaram-se, como a predominância na formação dos docentes concentrada em algumas áreas do conhecimento, a exemplo das Ciências Humanas e Filosofia, Saúde e Letras.

Salvador continua tendo importante papel, através da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Católica do Salvador (UCSAL), na formação acadêmica dos professores. Estes dados informam, por outro lado, que as universidades e faculdades do interior do Estado, principalmente a UEFS, estão fornecendo poucos professores para

suprir os quadros de docentes das IES da cidade, situação já descrita por SILVA; SILVA e LEÃO (1985, p. 298) e discutida no item anterior.

Com relação ao curso de graduação dos docentes, é grande a variedade, em função da diversidade dos cursos oferecidos pelas IES da cidade, aparecendo com maior incidência o curso de Graduação em Administração de Empresas, em função de ser o curso mais ofertado na cidade por seis IES (tabela 45).

Tabela 45 - FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

GRADUAÇÃO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Administração	15	15,0
História	14	14,0
Contábeis	5	5,0
Economia	5	5,0
Psicologia	6	6,0
Educação Física	5	5,0
Física	4	4,0
Filosofia	6	6,0
Serviço Social	4	4,0
Geografia	4	4,0
Geologia	3	3,0
Enfermagem	5	5,0
Teologia	3	3,0
Química	2	2,0
Biologia	1	1,0
Ciências Sociais	3	3,0
Engenharia Elétrica	1	1,0
Farmácia Bioquímica	2	2,0
Direito	2	2,0
Arquitetura	1	1,0
Estatística	1	1,0
Letras	3	3,0
Sociologia	2	2,0
Turismo	2	2,0
Matemática	1	1,0

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Quanto às instituições de formação dos docentes na graduação, aparece com maior incidência a UFBA com 35,38% e a UCSAL com 12,31% (tabela 46). Isso é relacionado diretamente à origem e residência dos docentes, uma vez que a grande maioria

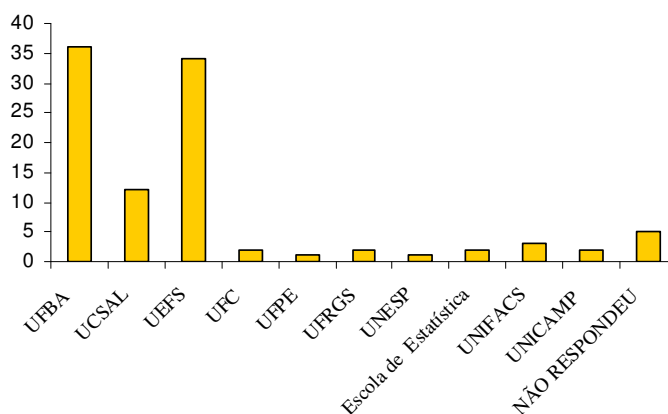
é de Salvador. A UEFS aparece em segundo lugar com 33,85%, mas, apesar de formar uma quantidade razoável, não consegue atender as necessidades das IES da cidade.

Tabela 46 - INSTITUIÇÕES DE GRADUAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

INSTITUIÇÃO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
UFBA	36	36,00
UCSAL	12	12,00
UEFS	34	34,00
UFC	2	2,00
UFPE	1	1,00
UFRGS	2	2,00
UNESP	1	1,00
Escola de Estatística	2	2,00
UNIFACS	3	3,00
UNICAMP	2	2,00
NÃO RESPONDEU	5	5,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 19: INSTITUIÇÕES DE GRADUAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



Analisando a titularidade dos docentes em exercício nas IES de Feira de Santana, verifica-se que todos possuem pós-graduação. Segundo a classificação da titulação, 27,00% são especialistas; 56,00% mestres; 16,99% doutores e 1,00% pós-doutor (tabela 47 e gráfico 20).

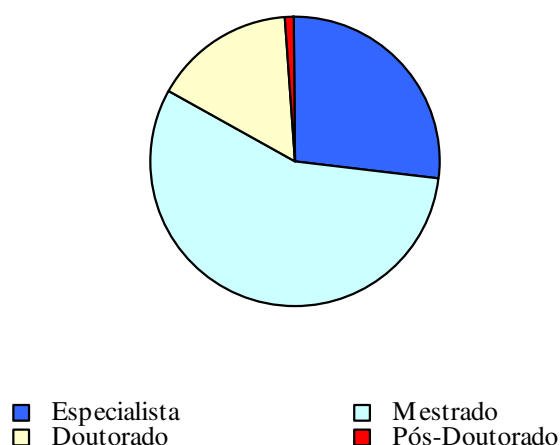
73,00% dos professores possuem títulos de mestre, doutor e pós-doutor, mostrando uma alta qualificação, possibilitando uma melhor qualidade de ensino de graduação e pós-graduação, produção científica e projetos de pesquisa.

Tabela 47 - TITULARIDADES DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS - 2007

TITULARIDADES	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Especialista	27	27,00
Mestrado	56	56,00
Doutorado	16	16,00
Pós-Doutorado	1	1,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 20: TÍTULOS DOS PROFESSORES



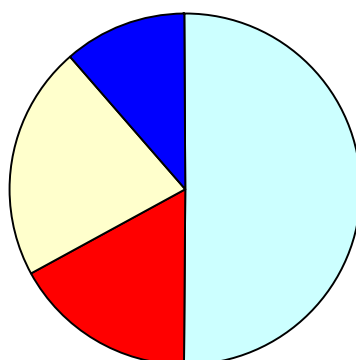
Com referência aos meios de transporte utilizados pelos docentes para deslocamento até a IES, 43,00% utilizam transporte próprio e 34,00% transporte coletivo. A grande incidência do uso de transporte coletivo se explica em função da quantidade de professores provenientes de Salvador, onde os deslocamentos são feitos através de ônibus contratados pelas IES, e/ou através de ônibus de linha regular no percurso Salvador-Feira de Santana-Salvador. A UEFS e a FTC, disponibilizam dois ônibus diariamente (tabela 48 e gráfico 21).

Tabela 48 - MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PELOS PROFESSOR ENTREVISTADOS PARA CHEGAR NAS IES - 2007

MEIO DE TRANSPORTE	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Coletivo	34	34,00
Próprio	43	43,00
Outro	23	23,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Gráfico 21: MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PELOS PROFESSORES ENTREVISTADOS PARA CHEGAR AS IES



□ Total ■ Coletivo □ Próprio ■ Outro

Dos 100 professores entrevistados, 42,00% trabalham em outra instituição, isto é, as IES localizadas na cidade compartilham de recursos comuns, como o capital humano dos professores (tabela 49).

Tabela 49 - O PROFESSOR ENTREVISTADO TRABALHA EM OUTRA IES - 2007

OUTRA INSTITUIÇÃO	FREQUÊNCIA	(%)
Total	100	100
Não	58	58,00
Sim	42	42,00

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 09/2007

Dos 100 professores entrevistados, a maioria é do sexo feminino, tem entre 31 a 50 anos de idade, são casados, assim como os alunos não nasceram e não moram em Feira de Santana, com destaque para Salvador, tem remuneração média entre mais de 7 a 10 salários mínimos com exercício da docência, são graduados nas Ciências Humanas e Filosofia, Saúde e Letras, graduaram-se na UFBA, UCASAL e UEFS, possuem pós-graduação com destaque para o título de mestre, utilizam transporte coletivo para deslocar-se até as universidade e faculdade.

Silva, Silva e Leão (1985) apontavam a dependência do ensino superior em Feira de Santana por professores oriundos de Salvador nos anos 80. Já se passaram mais de duas décadas dos estudos, e as IES da cidade continuam dependentes de docentes provenientes da Capital.

7. FEIRA DE SANTANA COMO CENTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E SEUS IMPACTOS

Embora reconheçamos a importância das IES, principalmente das universidades públicas na oferta de ensino, pesquisa e extensão, ou seja, no processo de desenvolvimento do conhecimento científico proporcionado pelas pesquisas e nos serviços prestados à sociedade, discutiremos neste estudo, as IES como fonte de dinamismo para a economia e desenvolvimento do município de Feira de Santana.

Na Bahia e mais especificamente em Feira de Santana, são poucos os estudos voltados para a análise da importância das IES, principalmente as públicas, para a economia local e regional onde estão instaladas, considerando as movimentações de recursos financeiros como dinamizadoras das economias municipais e regionais.

A escassez de estudos dessa natureza se deve, talvez, ao simples reconhecimento da importância da universidade pela sua relevância social e pela formação de capital humano, que se materializa na transformação dos meios e formas de produção, na melhoria das condições de vida daqueles que se educam e nos serviços prestados à comunidade.

Embora os aspectos sociais e culturais sejam os principais condicionantes da universidade, ela apresenta, também, aspectos de relevância secundária, mas que, nem por isso, deixam de ser importantes. Um desses aspectos é o impacto econômico direto nas economias dos municípios onde estão instaladas.

7.1 AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

As economias locais/regionais que, neste estudo, circunscrevem-se aos limites do município de Feira de Santana, são duplamente beneficiadas pelas IES localizadas em suas fronteiras, seja pela formação de capital humano, produção de pesquisas científicas, manutenção das mesmas e a geração de emprego e renda. Zapata (1997, p. 81) enfatiza a questão da capacitação como elemento fundamental no processo de desenvolvimento local/regional. “É fundamental que os agentes produtivos, que os atores sociais passem pelo resgate de seu potencial como recursos humanos e como cidadãos”.

O capital humano, as pesquisas e outros recursos de capital são alocados juntos em uma mesma região. Eles produzem uma concentração de auto-esforço e têm o poder de estimular o crescimento econômico dessa região.

Lopes (2003, p.103), baseado em Diniz e Gonçalves (2000), cita como exemplo de benefícios locais, resultantes da formação de capital humano e do desenvolvimento das pesquisas, os municípios de Campinas e São Carlos no Estado de São Paulo.

A atração de empresas nacionais e multinacionais (IBM, Ericsson, Alcatel, Compaq, Motorola, Nortel etc.) para a região de Campinas se deve à ampla infra-estrutura universitária e de pesquisa.

[...] a atratividade de Campinas pode ser explicada pelo ambiente extremamente favorável à pesquisa, que começou a ser formado a partir da presença de vários centros de pesquisas agrícolas e da implantação da Universidade de Campinas em 1962 (DINIZ; GONÇALVES, 2000, p.10).

Outro exemplo da importância da universidade para o desenvolvimento regional/local é a cidade de São Carlos, que conta com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Escola de Engenharia da USP. A presença dessas duas instituições e seus pesquisadores foi fundamental para a criação de pequenas empresas (*sapin-off* universitário).

Outro aspecto importante é a circulação de recursos financeiros feitos através dos pagamentos dos salários dos funcionários e professores, somados à necessidade de obras, equipamentos e despesas de custeio e manutenção das instituições de ensino superior, elas são de grande importância para o meio socioeconômico onde as instituições se encontram. Além disso, os gastos com alunos que procedem de outras localidades também fomentam as atividades locais, principalmente os serviços prestados relacionados ao meio acadêmico, sendo que o número de alunos oriundos de outras cidades tende a aumentar, conforme o aumento de vagas oferecidas pelas IES.

Estas condições constituem um conjunto de fatores como papel importante na questão econômica local, pois passa a exercer um “efeito dinamizador e multiplicador sobre as atividades econômicas locais” (BOVO; SILVA; GUZZI, 1996, p. 71).

Neste contexto, diversos serviços são acrescidos ao meio universitário, tais como: livrarias, atividades de lazer, restaurantes, bares e infra-estrutura de alojamento e

transporte entre outros, desencadeando um processo de desenvolvimento e geração de empregos e renda, principalmente próximos ao local onde se encontram inseridas as IES. De modo geral, cria uma forma centrípeta de atração de diversidades culturais e de lazer, como observado por Schneider (2002, p. 87):

[...] tem-se na universidade um importante atrativo para o estabelecimento de novos investimentos no município, pois através destas instituições de ensino, recursos são injetados, ou através dos salários dos professores e funcionários, ou através dos gastos dos alunos, sendo que estes recursos atuam no mercado como um multiplicador, desencadeando efeitos para a economia do município SCHNEIDER (2002, p. 87).

O entorno universitário apresenta vantagens que favorecem o incremento de investimentos locais, pois se trata de fonte de pessoal qualificado, estando próximo de áreas procuradas pelo mercado consumidor, fornecendo em muitos municípios infraestrutura escolar, hospitalar, cultural, telecomunicação, lazer e transporte, constituindo-se em locais atrativos para estabelecimento da população (MORAES, 2000, p. 62). A geração de tecnologia adaptada ou de desenvolvimento de processos cria um ambiente favorável tanto para a atração de novos interesses, como para o surgimento endógeno de novos empreendimentos.

Os efeitos econômico-financeiros das cidades onde se encontram as unidades de ensino superior estão ligados ao processo de diversificação e qualificação do ensino, das atividades culturais e das demais necessidades inerentes ao meio acadêmico, pois favorecem o desenvolvimento via processo de aglomeração. Segundo (PERROUX, 1980) a aglomeração industrial-urbano desperta consumidores diversificados, emergindo e desencadeando, neste contexto, necessidades coletivas, como habitação, transportes, serviços públicos entre outros (MORAES, 2000, p. 83).

As formas de complementaridade entre a universidade e o ambiente em que ela se encontra inserida têm um prognóstico mais favorável em um ambiente econômico mais estável, o que favorece também o crescimento do setor produtivo e da economia, o qual tem reflexos no processo de aglomeração de um dado local, principalmente, se ele se der, via aglomeração e intensificação de determinada atividade socioeconômica.

No contexto atual, as IES passaram a ser uma organização com vinculação com o setor produtivo, onde as necessidades socioeconômicas locais, regionais e até nacionais, devem fazer parte dos objetivos destas instituições, pois é um espaço próprio

para o desenvolvimento e transferência de conhecimento e tecnologia, gerados no meio acadêmico e nos laboratórios.

7.1.1 Impactos econômicos das IES na economia baiana

As instituições de ensino privadas e de modo especial as universidades públicas podem ser captadoras de recursos consideráveis, de origens nacional ou internacional, que são injetados na economia local. No caso das instituições públicas federais ou estaduais, isso abrange custeio e investimento. A Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2004, colocou cerca de R\$ 340 milhões (segundo a Pró-Reitoria de Planejamento) na economia de Salvador (BRITO; MENDONÇA; ALMEIDA, 2005).

Segundo dados da Associação dos Reitores das Universidades Estaduais da Bahia (ARUBA), as universidades estaduais da Bahia movimentaram, em 2007, recursos na ordem de R\$ 408.164.000,00, sendo R\$ 308.993.000,00 com pessoal, R\$ 64.170.000,00 custeio e R\$ 35.000.000,00 investimentos, representando em termos percentuais 16,36% em custeio, 8,81% em investimento e 74,83% sob a forma de salários que são em boa parte gastos nos supermercados e shoppings locais. Nas IES públicas são ainda captados convênios com financiamentos de investimento e pesquisa, recursos para a manutenção de serviços de saúde e bolsas de estudos.

Estes recursos são incorporados nas economias das cidades onde estão inseridas, assim distribuídos por instituições:

- Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS): R\$ 104.286.000,00;
- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): R\$ 82.575.000,00;
- Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC): R\$ 67.123.000,00;
- Universidade do Estado da Bahia (UNEB): R\$ 154.179.000,00.

É claro que uma parte desses recursos foi levantada a partir de tributos arrecadados localmente; trata-se, neste caso, de retorno de recursos subtraídos da economia local. Além disso, as fugas (importações) devem ser consideradas na avaliação dos efeitos multiplicadores dos gastos das IES (LOPES, 2003, p. 183). Ainda assim, é indiscutível o significado econômico das IES na economia local, onde estão inseridas.

Almeida (2002) estimou para o ano de 2000 uma mensalidade média nas faculdades e universidades privadas baianas de R\$ 482,00, correspondendo a uma anuidade de cerca de R\$ 5.800,00. Considerando-se um número de 138.324 estudantes matriculados nas IES privadas na Bahia (MEC/INEP Censo do Ensino Superior 2006), o faturamento anual do setor seria da ordem de R\$ 802.279.200. Deste total, na capital, com 88.278 alunos, o faturamento seria de R\$ 512.012.400 e no interior, com 50.046 alunos (tabela 50), o faturamento seria de 290.266.800. Foram considerados somente os cursos de graduação, sem considerar os alunos bolsistas nem os reajustes de mensalidades no período. São significativos os impactos desses recursos gerados nas IES privadas sobre o PIB estadual e local, onde as IES estão instaladas e sua região de influência.

Tabela 50: MATRÍCULA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA BAHIA CAPITAL E INTERIOR POR CATEGORIA ADMINISTRATIVA - 2006

CATEGORIA ADMINISTRATIVA	TOTAL	MATRÍCULA 2006	
		CAPITAL	INTERIOR
Total	208.370	112.524	95.846
Pública	70.046	24.246	45.800
Federal	22.197	20.786	1.411
Estadual	47.849	3.460	44.389
Municipal	-	-	-
Privada	138.324	88.278	50.046
Particular	112.663	65.310	47.353
Confecional	25.661	22.968	2.693

Fonte: MEC, INEP censo do ensino superior 2006

As IES têm importância fundamental para o balanço de pagamento local, porque têm tradição de exportação de serviços de ensino e consultoria e, quando existe pesquisa, também de recebimento de *royalties*. Elas atraem estudantes de outros municípios, regiões ou países, que contribuem para movimentar a economia local com suas despesas de moradia, alimentação, formação e lazer. As possibilidades de exportação de serviços de educação se ampliam com a venda de cursos presenciais para outras cidades, produção de material didático, inclusive a partir da utilização de tecnologias de multimídia. Ao mesmo tempo, as IES reduzem a emigração de estudantes locais, substituindo, neste sentido, prováveis importações de serviços de educação superior.

O papel de vetor (ou locomotiva) de desenvolvimento urbano desempenhado pelas IES pode ser claramente identificado a partir da observação da vida

econômica e social de centros urbanos de pequenos e médios portes, que são, também, centros urbanos universitários: Vitória da Conquista, Ilhéus-Itabuna, Barreiras, Juazeiro e Feira de Santana, graças às universidades públicas e faculdades privadas instaladas na cidade. O município de Cruz das Almas, na Bahia, em razão da presença da UFBA com a escola de agronomia, deu origem, em 2005, a Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), primeira Universidade Federal do interior da Bahia, dando uma nova dinâmica econômica, social e cultural ao tecido urbano da cidade. De um ponto de vista sociológico, é suficiente notar a importância dos funcionários e professores dessas instituições na formação da nova classe média dessas cidades.

7.1.2 Impactos econômicos das IES na economia feirense

O papel das IES no desenvolvimento regional vem recebendo uma atenção crescente nos últimos anos como elemento chave do processo, considerando que as regiões com maior possibilidade de desenvolvimento são aquelas que conseguem um projeto de desenvolvimento congregando sua vertente econômica e a utilização intensiva e coordenada do conjunto de conhecimentos existentes na região, para aumentar a sua competitividade.

Assim, a análise do impacto econômico das IES em uma cidade e região, sobre os fluxos de renda local, e a demanda agregada regional, com a movimentação dos recursos financeiros das instituições de educação superiores instaladas na cidade dá origem a variados efeitos multiplicadores, que se auto reforçam e se propagam de maneira cumulativa, produzindo impactos econômicos e financeiros na economia local de cinco formas:

- Despesas de custeio e investimentos em obras e equipamentos;
- Pagamento dos salários de professores e funcionários;
- Recursos captados por projetos de pesquisa;
- Gastos dos alunos oriundos de outros municípios;
- Mensalidades das IES privadas.

As despesas de custeio e investimentos em obras e equipamentos (despesas diretas das IES) correspondem aos gastos de manutenção das instituições: limpeza,

material de escritório, transporte, energia elétrica, segurança, telefone, água, construções, manutenção e compra de equipamentos etc. Segundo as entrevistas que realizamos com os responsáveis pelos setores de compras e finanças das três principais instituições de ensino superior instaladas na cidade: UEFS, FAN e FTC, 65% das compras de materiais de consumo são realizadas em empresas da cidade, 90% dos gastos com serviços de pessoas físicas são residentes no município, 82% das despesas com serviços de pessoas jurídicas são empresas sediadas em Feira de Santana. Isto é, os gastos de custeio, investimentos em obras e equipamentos são recursos gerados pelas IES instaladas na cidade, que são injetados, na maior parte, na economia do próprio município.

Pelas dificuldades de informações das IES privadas, não foi possível mensurar os montantes de recursos gastos pelas mesmas em custeio e investimentos. Analisamos apenas os gastos relacionados com os dispêndios em custeio e investimentos pela UEFS, por ser os mais representativos, entre as IES, disponíveis para consulta.

Em 2007, a UEFS operacionalizou R\$ 30.984.000,00, representado 29,7% do orçamento, sendo R\$ 18.984.000,00 em custeio e 12.000.000,00 em investimentos, em obras de construção civil e compra de materiais permanentes, gastos na economia local, significando receitas para papelarias, profissionais liberais, agências de viagens, empresas de informática, estagiários, vigilantes, restaurantes, supermercados, hotéis, postos de gasolina, pedreiros, eletricitistas etc. Os impactos resultantes desses gastos produzem variados efeitos multiplicadores sobre o mercado de trabalho, renda, salários e as finanças do município de Feira de Santana.

A segunda forma de impacto na economia da cidade relaciona-se aos gastos realizados por professores e funcionários com recursos provenientes dos salários recebidos das instituições (despesas diretas das IES), utilizados nas compras de produtos e serviços de diversas formas e tipos no mercado local. Estes gastos produzem um impacto direto sobre os mais diferentes setores da economia feirense, agropecuária, indústria, comércio e os serviços. Seus efeitos se estendem do encanador ao analista de sistemas, da indústria de alimentos ao bar, do borracheiro à concessionária de veículos, restaurantes, farmácias, locadoras de vídeo, postos de gasolina, especialmente supermercados, feiras livres etc.

Como não obtivemos informações dos gastos das IES privadas com custeio e investimentos, também não tivemos acesso às informações dos valores dos salários pagos aos professores e funcionários das mesmas. Utilizamos os dados da UEFS, que representam 59,11% dos docentes em exercício e 71,23% dos funcionários lotados nas IES na cidade de Feira de Santana.

Com pagamento de salários dos professores e funcionários, em 2007, a UEFS desembolsou R\$ 73.302.000,00, representando 70,3% do orçamento, gastos em grande parte no mercado local, produzindo impactos variados na economia feirense.

Nos cálculos que realizamos para analisar os impactos das despesas realizadas pelas IES instaladas em Feira de Santana, com custeios e investimentos, assim como os gastos dos salários dos professores e funcionários na economia local, enfrentamos limitações em mensurar as fugas (renda gerada nos limites de Feira de Santana e gasta em outro município), contudo acreditamos que ele não compromete as nossas análises, haja vista, que, em uma economia globalizada, dimensionar o valor adicionado à economia local e o valor das fugas é uma tarefa difícil. Essa limitação decorre da variedade dos produtos comprados e da necessidade de se estudar a cadeia produtiva de cada um deles.

A terceira forma de impacto são os recursos injetados na economia local/regional captados pelos projetos de pesquisas, financiados por órgãos públicos e privados, através de convênios e parcerias entre as IES e os institutos de incentivo à produção científica. Em 2007, foram captados R\$ 37.812.619 pela UEFS, única instituição da cidade que desenvolve projetos de pesquisas financiados por instituições de fomento à produção científica, o que não é prioridade, nas IES privadas, voltadas para o ensino de graduação.

A quarta forma de impacto relaciona-se aos gastos dos alunos provenientes de outros municípios (despesas indiretas das IES) com moradia, provocando impactos sobre o mercado imobiliário, manutenção da casa, pensionato, transporte, alimentação, material didático lazer etc. São recursos incorporados à economia do município, decorrentes destes tipos de gastos. No caso dos alunos oriundos de Feira de Santana, esse tipo de análise não se aplica, pois os gastos de manutenção são recursos provenientes do próprio município, não caracterizando, portanto, adição de valor à economia local.

Lopes (2003) estimou, em 2002, os gastos médios mensais de alunos oriundos de outros municípios que estudavam na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na cidade de Vitória da Conquista, interior da Bahia, na ordem de R\$ 456,05 e média anual de R\$ 4.526,40 (tabela 52).

No cálculo dos gastos de alunos oriundos de outros municípios, procedemos da seguinte forma: (1) multiplicamos o gasto médio mensal *per capita* de cada despesa pesquisada pelo número de meses em que a despesa ocorreu, encontramos o gasto médio anual *per capita* para cada tipo de despesa; (2) multiplicando o gasto médio anual *per capita* para cada tipo de despesa pelo número de alunos sujeitos a tal despesa (ou

seja, alunos que retornam diariamente para seus municípios e não gastam com moradia, lazer e outras despesas, enquanto que os demais gastam com todos os tipos de despesas relacionados) chegamos ao gasto anual total de todas as despesas relacionadas: (3) somando o gasto anual total com moradia, material didático, alimentação, lazer, transporte e outras despesas, chegamos aos gastos no município de Vitória da Conquista, realizados por alunos da UESB oriundos de outros municípios (LOPES, 2002, p. 168).

Tabela 51: DISTRIBUIÇÃO DOS GASTOS MÉDIO MENSAL E ANUAL DOS ALUNOS DA UESB ORIUNDOS DE OUTROS MUNICÍPIOS - 2002

DESPESAS	GASTO MÉDIO MENSAL (R\$)	(%)	QUANTIDADE DE MESES	GASTOS MÉDIOS ANUAL (R\$)	(%)
Total	456,05	100,00	-	4.526,47	100,00
Moradia	174,50	38,30	12	2.094,00	46,30
Manutenção	45,00	9,80	12	540,00	11,90
Alimentação	102,80	22,50	8	822,40	18,20
Lazer	29,50	6,50	8	236,00	5,20
Material Didático	28,50	6,30	8	228,00	5,00
Transporte	53,75	11,80	8	430,00	9,50
Outros	22,00	4,80	8	176,00	3,90

Fonte: Dados pesquisados pelo autor Roberto Paulo Machado Lopes

Conforme dados da tabela 26 da pesquisa de campo realizada com alunos matriculados nas IES existentes em Feira de Santana, 65,44% dos alunos entrevistados residem em outras cidades, ou seja, apesar de permanecerem na cidade, por vínculo estudantil, não perderam a convivência com sua cidade de origem, para onde retornam nos finais de semana, férias e/ou ao final de conclusão do curso. Adotamos o conceito do IBGE utilizado no censo demográfico, para definir morador efetivo.

Dos 13.307 alunos matriculados nas IES em Feira de Santana no semestre 2007.2, 65,44% são provenientes de outros municípios, representando 8.708 alunos.

Para calcular os gastos realizados por alunos oriundos de outros municípios, que estudam nas IES em Feira de Santana, adotamos a seguinte metodologia: utilizamos como parâmetro os dados levantados por Lopes (2003, p. 166), gasto médio anual por alunos que estudavam na UESB, em Vitória da Conquista, de R\$ 4.526,40, em 2002, corrigindo pelo INPC (Índice de Preços ao Consumidor Amplo, calculado pelo IBGE, que mede o índice oficial de inflação do país), de 2002 a 2007. Assim, chegamos ao valor do gasto médio de R\$ 6.497,74 na média anual, em 2007.

Multiplicando este valor R\$ 6.497,74 por 8.708 alunos matriculados nas IES provenientes de outros municípios, chegamos ao montante de R\$ 56.575.822,18, média anual em 2007, representando um volume considerado de recursos que são injetados na economia local, provocando impactos na economia do município.

Quinta forma é o impacto das mensalidades das IES privadas pagos pelos alunos na economia feirense. Conforme pesquisas realizadas (tabela 52), estimamos para 2007 uma mensalidade média de R\$ 487,79, correspondendo a uma anuidade de R\$ 5.854,38.

O cálculo do valor médio mensal da mensalidade de cada IES privada foi calculado pela média aritmética simples (somatório das mensalidades mensais por curso, dividido pela quantidade de cursos), ofertado no semestre 2007.1.

Considerando-se um número de 6.565 estudantes matriculados nas IES privadas na cidade (tabela 53), o faturamento anual do setor chega à ordem de R\$ 38.434.004,70, apenas com cursos de graduação, sem considerar alunos bolsistas (alunos que não pagam mensalidades ou têm algum desconto).

Tabela 52: MÉDIA MENSAL, SEMESTRAL E ANUAL DAS MENSALIDADES NAS IES PRIVADAS EM FEIRA DE SANTANA - 2007

INSTITUIÇÃO	MÉDIA MENSAL (R\$)	MÉDIA SEMESTRAL (R\$)	MÉDIA ANUAL (R\$)
ENEB	457,00	2.742,00	5.484,00
FAPS	Não disponível	Não disponível	Não disponível
FAN	598,57	3.591,43	7.182,86
FAT	446,00	2.676,00	5.352,00
FTC	543,61	3.262,00	6.524,00
STBNe	Não disponível	Não disponível	Não disponível
UNEF	448,33	2.690,00	5.380,00
UNIFACS	402,75	2.416,50	4.833,00
Média Total	487,79	2.927,19	5.854,38

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor

Tabela 53: INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FEIRA DE SANTANA POR CATEGORIA ADMINISTRATIVA, CURSOS E MATRÍCULA - 2007

INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE DE CURSOS	MATRÍCULAS 2007
Total Geral	64	13.307
Privadas	39	6.565
ENEB - Escola de Negócios do Estado da Bahia	4	412
FAT - Faculdade Anísio Teixeira	7	1.483
FAFS - Faculdade Arquidiocesana	1	94
FAN - Faculdade Nobre	7	1.549
FTC - Faculdade de Tecnologia e Ciências	10	2.282
STBNe - Seminário Teológico Batista do Nordeste	3	123
FASF/UNEF - Faculdade de Ensino Superior	3	472
UNIFACS - Universidade Salvador	4	150
Pública	25	6.742
UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana	25	6.742

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor

Os valores calculados das mensalidades e anuidade estão bem próximos da média estadual calculada, em 2000, por Almeida (2002), de R\$ 482,00 e R\$ 5.800,00, respectivamente, conforme discutido anteriormente. Esta proximidade do valor das mensalidades, no espaço de tempo de sete anos de 2000 a 2007, em função da forte concorrência das IES privadas, contribuiu para a manutenção das mensalidades congeladas, ou sem grandes reajustes. O que se tem observado são as IES reduzindo as mensalidades de alguns cursos, em decorrência das relações entre oferta de vagas e a demanda do mercado, em outros cursos, concedendo descontos.

Para mensurar a representatividade dos recursos financeiros gerados nas IES na economia do município de Feira de Santana em 2007, calculamos a participação percentual nas receitas tributárias próprias da prefeitura com arrecadação de imposto sobre serviços (ISS) e imposto predial territorial urbano (IPTU) e participação no PIB do setor econômico de serviços e no PIB total do município.

Os recursos relacionados ao funcionamento das IES em Feira de Santana totalizaram, em 2007, R\$ 236.426.445,18. Este valor é composto pela soma dos gastos realizados pela UEFS com custeios R\$ 18.984.000,00, investimentos R\$ 12.000.000, salários dos professores e funcionários R\$ 73.302.000,00 e recursos captados com projetos de pesquisas R\$ 37.812.619; gastos realizados por alunos oriundos de outros municípios R\$ 56.575.822,18 e recursos arrecadados pelas IES privadas com mensalidades de R\$

38.434.004,00, representando um peso considerável na economia do município, com impacto na economia do município, em função dos variados efeitos multiplicadores desses gastos. Segundo a análise Keynesiana de determinação da renda, o consumo é uma função da renda, e o gasto de um indivíduo ou instituição é renda para outro que, por sua vez, é induzido a gastar gerando renda para um terceiro e, assim, sucessivamente.

O valor total das mensalidades pagas pelos alunos das IES privadas de R\$ 38.434,004,00, durante o ano de 2007, representou arrecadação de impostos sobre serviços (ISS) aos cofres do município de R\$ 1.153.020, pagos pelas IES privadas, representando 3,75% da receita proveniente da arrecadação de ISS (R\$ 30.787.037). Comparando com a arrecadação total de recursos próprios do município (receitas tributárias arrecadadas pela Prefeitura Municipal, em 2007, R\$ 53.140.200), representou 2,17%. É preciso considerar que a alíquota do imposto sobre serviços (ISS) para a área de educação no município foi reduzida de 5% para 3%, como instrumento de política econômica, social e cultural da prefeitura municipal, para fomentar o desenvolvimento do ensino superior na cidade, atraindo novas universidades e faculdades.

Quanto aos impactos dos recursos gerados com funcionamento das IES em Feira de Santana (R\$ 236.426 mil) no produto interno bruto (PIB) de 2005 (último dado disponível), a preços de mercados, no montante de R\$ 3.500.550 mil (tabela 5) e o PIB do setor terciário (comércio e serviços) valor adicional a preços correntes R\$ 2.229.580 mil (tabela 6), representou 6,75% e 10,60% respectivamente, isto é, o terceiro grau tem participação importante na geração de toda a produção de bens e serviços (riquezas) no município de Feira de Santana.

Essas relações educação superior e desenvolvimento econômico-social permitem afirmar que as IES, principalmente as universidades públicas, tem papel fundamental como fonte de dinamismo no processo de desenvolvimento cultural, econômico e social sustentável dos municípios onde estão instaladas, no caso dos nossos estudos, o município de Feiras de Santana.

7.2 IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS) PARA O MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA

Não poderíamos finalizar os estudos dos impactos das IES na economia da cidade sem menção à importância da UEFS para o processo de desenvolvimento econômico e social do município de Feira de Santana.

A Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) é uma instituição jovem, de apenas 32 anos, já detentora de significada qualidade no cenário estadual e nacional como uma universidade emergente. Criada nos anos 70 dentro de um processo de interiorização da educação superior na Bahia, com objetivos de formação de capital humano, desenvolvimento de pesquisas e como dinamizador da economia local, representada pelos recursos movimentados com o custeio, manutenção e pagamento dos salários dos professores e funcionamento, desenvolvimento de projetos de pesquisas, como agente de articulação regional, vem transformando a realidade de Feira de Santana e sua região de influência, o que reflete na qualidade de vida da população, com resultados nas suas diversas linhas de atuação. Segundo o relatório de credenciamento da UEFS:

[...] a partir da década de sessenta, as políticas de governo, tanto no plano federal como estadual, passam a ser norteadas pela Teoria do Capital Humano, que entende a educação como um investimento pessoal e social, que gera desenvolvimento econômico. Sob o influxo dessa teoria, em 1968, o governo baiano dá forma a uma política de educação (PLANO INTEGRAL DE EDUCAÇÃO), voltada para a ampliação e expansão do sistema de ensino em todos os níveis, com o objetivo de formar quadros para o processo de industrialização. A estratégia governamental é interiorizar o ensino superior até então circunscrito à capital, Salvador, instalando faculdades de formação de professores nas principais cidades interioranas, dando organização espacial ao processo de interiorização do terceiro grau. (RELATÓRIO DE REDEDENCIAMENTO DA UEFS, 2000, p. 19).

Segundo Boaventura (2005, p.162), concretamente, somente em 1968, no governo de Luiz Viana Filho, foi instalada a Faculdade de Educação, efetivamente, a primeira unidade universitária de Feira de Santana.

No ano seguinte, pelo Decreto 21.583, de 28 de novembro, é criada a comissão encarregada de elaborar o anteprojeto da Universidade. Em 1970, a lei Estadual nº 2.784, de 24 de Janeiro do mesmo ano, autorizou o poder executivo a instalar, sob a forma de fundação, a Universidade de Feira de Santana. Desta forma, em 1970, a Assembléia Legislativa aprovou o anteprojeto da Universidade de Feira de Santana, posteriormente transformada em Fundação Universidade Estadual de Feira de Santana (FUFS), através do Decreto Estadual de nº. 21.812, de 16 de Abril de 1970, que aprovou os estatutos da fundação. Posteriormente é denominada Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

A UEFS, como universidade pública mantida pelo poder público estadual, exerce forte liderança social pela identidade com o povo, compromisso com o

desenvolvimento da região, capacidade de apresentar soluções alternativas para os problemas que se apresentam na sociedade feirense e região.

Atualmente, a UEFS oferece 1.550 vagas disponibilizadas anualmente nos cursos/modalidades regulares de graduação, sendo 12 licenciaturas e 14 bacharelados nas diversas áreas do conhecimento, com 7.211 estudantes matriculados em 2006.

Ciências Humanas e Filosofia são as áreas do conhecimento que concentram a maior quantidade de matrículas, distribuídas pelos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Administração, Direito e Licenciatura em História. Depois aparecem os cursos das Ciências Naturais e da Saúde, Enfermagem, Odontologia, Licenciatura em Educação Física e Ciências Biológicas. Os cursos com menor quantidade de matrículas são os da área de Letras (tabela 54).

Tabela 54: VAGAS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E MATRÍCULAS POR ÁREA NA UEFS - 2004-2006

ÁREAS	CURSO/NÍVEL	VAGAS			MATRÍCULAS		
		2004	2005	2006	2004	2005	2006
Total		1.520	1.520	1.550	7.549	6.965	7.211
Ciências Naturais e da Saúde	Lic. em Ciências Biológicas	80	80	80	253	268	245
	Bach. em Ciências Biológicas	-	-	-	205	113	126
	Lic. em Educação Física	60	60	60	312	271	284
	Enfermagem	80	80	80	367	345	353
	Ciências Farmacêuticas	30	30	30	132	159	158
	Medicina	30	30	30	56	86	116
	Odontologia	60	60	60	253	224	232
Total		340	340	340	1578	1466	1514
Ciências Humanas e Filosofia	Ciência Contábeis	80	80	80	507	466	481
	Ciências Econômicas	80	80	80	468	421	450
	Administração	80	80	80	502	438	475
	Dieito	80	80	80	454	428	427
	Lic. em História	80	80	80	375	349	359
	Lic. em Geografia	80	80	80	381	336	356
	Bacharelado em Geografia	-	-	-	-	33	67
	Lic. em Pedagogia	80	80	80	250	285	350
	Lic. em Pedagogia Segundo Grau	-	-	-	82	21	0
	Lic. em Pedagogia Pré-escolar	-	-	-	84	34	0
Lic. em Pedagogia Séries Iniciais	80	80	80	224	228	232	
Total		640	640	640	3327	3039	3672
Letras	Lic. em Letras com Espanhol	40	40	40	202	181	174
	Lic. em Letras com Francês	30	30	30	161	137	134
	Lic. em Letras com Inglês	40	40	40	199	183	162
	Lic. em Letras Vernáculas	80	80	80	400	368	359
	Lic em Letras Vernáculas (Sto Amaro)	-	-	-	35	35	35
Total		190	190	190	997	904	864
Ciências Exatas e Tecnologia	Engenharia Civil	80	80	80	464	418	420
	Engenharia de Alimentos	80	80	80	383	369	374
	Engenharia da Computação	30	30	30	59	81	122
	Física	80	-	-	241	156	8
	Licenciatura em Física	-	80	80	64	118	264
	Bacharelado em Física	-	-	-	21	30	62
Licenciatura em Matemática	80	80	80	415	384	386	
Total		350	350	350	1647	1556	1636

Fonte: PROGRAD - Pró-reitoria de ensino de graduação

Em 2006, 24.817 candidatos se inscreveram nos dois processos seletivos (PROSEL), antigamente chamado vestibular, oferecidos pela UEFS no primeiro semestre (2006.1) e segundo semestre (2006.2), com média de 19,8 candidatos por vaga, com destaque para os cursos de Medicina, com 79,0 candidato/vaga; Direito com 32,4; Enfermagem, com 29,5 e Odontologia com 23,0 candidatos por vaga, os mais concorridos. Os menos procurados são: Licenciatura em Física 4,8; Licenciatura em Letras, com francês 5,5 e Licenciatura em Pedagogia, no turno vespertino, com 6,0 candidatos por vaga (tabela 55).

Tabela 55: INSCRITOS NO PROSEL E RELAÇÃO CANDIDATOS/VAGAS POR CURSOS NA UEFS - 2004-2006

CURSOS	2004			2005			2006		
	Vagas	Inscritos	Candidatos Vagas	Vagas	Inscritos	Candidatos Vagas	Vagas	Inscritos	Candidatos Vagas
Total	1.520	27.471	18,1	1.520	25.870	17,0	1.520	24.817	16,0
Administração	80	1.789	22,4	80	1.756	22,0	80	1.580	19,8
Ciências Biológicas	80	1.714	21,4	80	1.767	22,1	80	1.576	19,7
Ciências Contábeis	80	1.238	15,5	80	1.167	14,6	80	1.199	15,0
Ciências Econômicas	80	1.000	12,5	80	928	11,6	80	909	11,4
Ciências Farmacêuticas	30	645	21,4	30	578	19,6	30	622	20,7
Direito	80	2.907	36,3	80	2.676	33,5	80	2.595	32,4
Enfermagem	80	2.711	33,9	80	2.746	34,3	80	2.360	29,5
Engenharia Civil	80	887	11,1	80	890	11,1	80	924	11,6
Eng. da Computação	30	621	20,7	30	524	17,5	40	580	14,5
Eng. de Alimentos	80	1.013	12,7	80	1.032	12,9	80	933	11,7
Lic. em Bach. em Física	80	550	6,9	80	408	5,1	80	380	4,8
Lic. em Educação Física	60	1.184	19,7	60	967	16,1	60	1.074	13,4
Lic. em Geografia	80	1.197	15,0	80	1.088	13,6	80	1.026	12,8
Lic. em História	80	1.358	17,0	80	1.196	15,0	80	1.143	14,3
Lic. em Let. c/ Espanhol	40	470	11,8	40	463	11,6	40	443	11,1
Lic. em Let. c/ Francês	30	182	6,1	30	172	5,7	30	165	5,5
Lic. em Let. c/ Inglês	40	344	8,6	40	325	8,1	40	286	7,2
Lic. em Let. Vernáculas	80	1.129	14,1	80	1.083	13,5	80	892	11,2
Lic. em Matemática	80	698	8,7	80	635	7,9	80	629	7,9
Lic. em Pedagogia	80	1.276	16,0	80	1.072	13,4	80	1.164	14,6
Lic. em Pedagogia (not.)	40	330	8,3	40	277	6,9	40	352	8,8
Lic. em Pedagogia (vesp)	40	280	7,0	40	241	6,0	40	238	6,0
Medicina	30	2.420	80,7	30	2.356	78,5	30	2.369	79,0
Odontologia	60	1.530	25,5	60	1.514	25,2	60	1.378	23,0

Fonte:PROGRAD- Pro-reitoria de ensino de graduação

A UEFS, como universidade de dimensão regional, atua em diversos municípios da região de influência da cidade de Feira de Santana, realizando diversos

convênios na área de educação, através dos cursos do programa de formação de professores, em parceria com prefeituras e a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, oferecendo 8 cursos de licenciaturas com 438 alunos matriculados em 2006, distribuídos em 20 municípios (tabela 56), atendendo aos professores em exercício profissional. Além disso, são 80 vagas anuais disponibilizadas regularmente no curso de Licenciatura em Pedagogia (habilitação no magistério das séries iniciais), oferecidas exclusivamente para docentes em serviços da rede pública e privada.

Estes alunos não foram computados na matrícula dos cursos regulares da UEFS (tabelas 53, 6.742 alunos), por se tratar de cursos conveniados com prefeituras e Secretaria de Educação do Estado da Bahia, exclusivamente destinadas para os professores, onde as aulas são realizadas nas respectivas sedes municipais (tabela 56).

Tabela 56: MATRÍCULA NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CONVÊNIO UEFS SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA - 2004-2006

MUNICÍPIOS	CURSOS	MATRÍCULA			
		OFERECIDOS	2004	2005	2006
Total	25	8	276	463	438
Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso,	Matemática		44	87	80
Candeal, Conceição da Feira, Conceição do	Ciência Biológica		48	94	91
Jacuipe, Coração de Maria, Feira de Santana,	Letras Vernáculas		46	46	45
Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santo Estevão,	História		43	41	39
Santanópolis, Serra Preta, São Gonçalo dos	Geografia		47	47	43
Campos e Tanquinho	Letras com Inglês		-	50	50
	Física		-	52	44
Cachoeira, Governador Mangabeira, Muritiba,					
Santo Amaro, São Felix, São Francisco do Conde,	Letras Vernáculas		48	46	46
São Sebastião do Passé, Saubara e Teodoro					
Sampaio					

Fonte: PROGRAD - Pró-reitoria de Ensino de Graduação

O sistema de pós-graduação em Feira de Santana, assim como na grande maioria das IES no Brasil, é desenvolvido pela universidade pública, no nosso caso, a UEFS, uma universidade comprometida com pesquisa e extensão, vem ao longo de sua existência formando mão-de-obra altamente qualificada.

Este mesmo papel de promover o aprofundamento do conhecimento, através da pós-graduação, não é desenvolvido nas IES privadas pelos seguintes motivos:

- a) a maioria das IES são instituições novas menos de 10 anos de existência;
- b) não possui estrutura adequada, professores (mestres e doutores), laboratórios, projetos de pesquisas e fontes de financiamentos;
- c) perspectivas de lucratividade mais atraentes com a graduação;
- d) rigor da CAPES na autorização e fiscalização dos cursos.

A UEFS, em 2006, ofereceu 24 cursos de pós-graduação, sendo: 13 cursos de especialização *lato sensu* com 290 alunos matriculados, distribuídos em 9 departamentos, 11 cursos *stricto sensu*, sendo 8 mestrados com 127 alunos divididos em 5 departamentos, e 3 doutorados com 22 alunos, nos departamentos de ciências biológicas e exatas, em convênio com outras instituições e próprios (tabelas 57,58 e 59). Estão em fase de implantação mais dois cursos, um de mestrado e outro de doutorado.

Segundo a pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação no período de 2005 a 2007, concluíram ou estão em fase de conclusão alunos matriculados nos cursos de pós-graduação, sendo 1.177 alunos nos cursos de especializações e 111 alunos nos cursos de mestrado. No curso de doutorado, a previsão é de 8 concluintes em 2008.

Tabela 57: MATRÍCULA E CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU ESPECIALIZAÇÃO POR DEPARTAMENTO NA UEFS - 2005-2007

DEPARTAMENTO	2005		2006		2007	
	Qt de Cursos	Qt de Alunos	Qt de Cursos	Qt de Cursos	Qt de Cursos	Qt de Cursos
Total	14	225	13	290	5	151
Ciências Biológicas	2	15	2	13	-	-
Ciências Exatas	3	25	2	23	1	25
Ciências Humanas e Filosofia	-	-	-	-	-	-
Ciências Sociais Aplicadas	-	-	-	-	-	-
Educação	1	25	2	65	1	20
Letras e Artes	3	68	4	100	3	106
Saúde	3	34	-	-	-	-
Tecnologia	1	32	2	59	-	-

Fonte: PPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Tabela 58: MATRÍCULA, CURSOS E CONCLUINTES NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO NA UEFS POR DEPARTAMENTO - 2005-2007

DEPARTAMENTO	2005			2006			2007		
	Qt de	Qt de	Conclu	Qt de	Qt de	Conclu	Qt de	Qt de	Conclu
	Cursos	Alunos	intes	Cursos	Alunos	intes	Cursos	Alunos	intes
Total	5	57	51	8	127	46	9	105	14
Ciências Biológicas	2	18	9	2	34	10	2	34	-
Ciências Exatas	1	14	15	2	33	13	2	19	2
Ciências Humana	-	-	-	-	-	-	1	10	-
Letras e Artes	1	12	10	2	31	9	2	15	-
Saúde	1	12	10	2	19	14	1	15	12
Tecnologia	-	-	-	1	10	-	1	12	-

Fonte: PPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Tabela 59: MATRÍCULA, CURSOS E CONCLUINTES NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU DOUTORADO NA UEFS POR DEPARTAMENTO - 2005-2007

DEPARTAMENTO	2005			2006			2007		
	Qt de	Qt de	Conclu	Qt de	Qt de	Conclu	Qt de	Qt de	Conclu
	Cursos	Alunos	intes	Cursos	Alunos	intes	Cursos	Alunos	intes
Total	2	14	-	3	22	-	4	8	8
Ciências Biológicas	1	7	-	2	16	-	2	8	8
Ciências Exatas	1	7	-	1	6	-	1	6	-
Tecnologia	-	-	-	-	-	-	1	10	-

Fonte: PPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Nos últimos anos, a UEFS vem reduzindo os cursos de especializações *lato sensu* e aumentando os cursos *stricto sensu* de mestrado e doutorado. Em 2003, eram 27 cursos de especialização com 638 anos matriculados, em 2007, diminui para 5 cursos com 151 alunos no período 2003/2007, isto é, em 5 anos, houve redução de 18,52% no número de cursos e 23.68% na quantidade de alunos.

Já nos cursos de mestrado, no mesmo período, na UEFS, houve aumento, saindo, em 2003, de 4 cursos de mestrado com 51 alunos para 9 curso, em 2007, com 105 alunos matriculados; crescimento de 44,43% nos números de cursos e 50,48% nas matrículas.

Nos cursos de doutorado, em 2003, existia apenas um curso com 10 alunos no departamento de ciências biológicas, passando para 4 cursos, com 22 alunos, em 2007.

Assim sendo, a UEFS tem diminuindo os cursos de especialização *lato sensu* e aumentando os cursos *stricto-sensu*, isto é, aprofundando-se na formação de recurso humano mais qualificado.

O corpo docente da UEFS, em 2006, era formado por 870 professores, sendo 733 efetivos, 92 substitutos e 26 visitantes, distribuídos por nove departamentos: Ciências Biológicas 90, Ciências Humanas e Filosofia 70, Ciências Sociais Aplicadas 110, Educação 67, Ciências Exatas 67, Física 26, Letras e Artes 78, Saúde 183 e Tecnologia 63 docentes. Quanto à titulação dos docentes: 19 permanecem com graduação, 133 são especialistas, 351 são mestres e 249 doutores.

Nos últimos anos, a UEFS vem desenvolvendo diversos programas de capacitação do corpo docente, o que não é praticado nas IES privadas, com políticas de investimentos na capacitação dos professores. Hoje a instituição já conta com cerca de 80% do seu corpo docente constituído de mestres e doutores, fruto dos programas de bolsas de estudos, possibilitando aos professores se afastarem de suas funções docentes em sala de aula para dedicação exclusiva aos projetos de mestrado e doutorado. Em 2006, a UEFS investiu cerca de R\$ 419.401,54, através do programa de ajuda de custo para docentes, provindos em grande parte do PICDT da CAPES.

Com crescimento do número de professores mestres e doutores, a UEFS amplia, por conseqüente, sua competência para captar recursos junto às agências de fomento, ampliação do número de projetos de pesquisas, melhoria das condições de funcionamento dos laboratórios e implantação de novos cursos de mestrado e doutorado.

A UEFS passa por um momento de consolidação e de melhoria da qualidade de suas atividades fins. Os resultados das políticas de capacitação dos docentes já refletem de forma positiva na quantidade e qualidade dos projetos de pesquisas desenvolvidas na instituição, e na implantação de programas de pós-graduação próprios, produção intelectual e melhoria da qualidade de ensino e de extensão. Despontam, na UEFS, vários grupos de pesquisadores com produção científica expressiva, reconhecidos por organismos nacionais e internacionais de fomento à pesquisa.

O crescimento dessas atividades pode ser verificado através do incremento do número de grupos de pesquisas, registrados no diretório de grupos de pesquisa da UEFS e do CNPq. Avaliando a evolução no período 2003 a 2006, é possível perceber aumento das pesquisas científicas realizadas na UEFS, principalmente os projetos com registros no CNPq, aumentando 43,97% em 4 anos, atingindo todas as áreas do conhecimento (tabelas 60 e 61).

Tabela 60: PROJETOS DE PESQUISA CADASTRADOS NA UEFS POR ÁREAS - 2003-2007

ÁREAS	2003	2004	2005	2006	2007
Total	244	300	358	280	297
Ciências Biológicas	76	90	103	62	67
Ciências Exatas e da Terra	44	49	64	62	67
Ciências Humanas	16	34	32	34	35
Ciências Sociais Aplicadas	11	13	14	8	9
Linguística Letras e Artes	29	31	30	23	24
Ciências Agrárias	-	-	-	-	2
Saúde	39	46	69	55	56
Engenharia	29	37	46	36	37

Fonte: PPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Nota: Os dados de 2007 referem-se até o mês de abril

Tabela 61: PROJETOS DE PESQUISA DESENVOLVIDOS NA UEFS CADASTRADOS NO CNPq POR ÁREAS - 2003-2007

ÁREAS	2003	2004	2005	2006	2007
Total	51	81	94	121	116
Ciências Biológicas	11	16	23	23	22
Ciências Exatas e da Terra	12	21	27	29	30
Ciências Humanas	8	14	14	20	17
Ciências Sociais Aplicadas	3	2	2	4	4
Linguística Letras e Artes	4	7	8	19	18
Ciências Agrárias	-	-	-	2	-
Saúde	9	12	13	15	16
Engenharia	4	9	7	9	9

Fonte: PPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Nota: Os dados de 2007 referem-se até o mês de abril

Quanto aos convênios celebrados e recursos captados nas instituições de financiamentos de pesquisas científicas no período de 2003 a abril de 2007, foram distribuídas 1.414 bolsas de iniciação científica. Até o mês de abril de 2007, já foram disponibilizadas 329 bolsas de Iniciação Científica, principalmente através dos convênios PROBIC/UEFS e pela FAPESB (tabela 62).

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, tem desempenhado papel fundamental estimulado e apoiado o desenvolvimento das atividades científicas e tecnológicas nas universidades, disponibilizando recursos financeiros através de financiamentos de projetos e bolsas de iniciação científica.

Tabela 62: AGENTES FINANCIADORES DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UEFS - 2003-2007

AGÊNCIAS FINANCIADORAS	QUANTIDADE DE BOLSAS				
	2003	2004	2005	2006	2007
Total	245	229	276	335	329
CNPq - Demanda Espontânea	40	10	2	6	-
PIBIC/CNPq	29	29	39	39	39
PROBIC/UEFS	140	140	140	140	140
FAPESB	36	40	70	100	100
FAPESB IC/Júnior	-	-	25	50	50
MILÊNIO/CNPq	-	10	-	-	-

Fonte: PPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Nota: Os dados de 2007 referem-se até o mês de abril

Tabela 63: RECURSOS CAPTADOS PARA PROJETOS DE PESQUISAS POR AGENTE FINANCIADOR NA UEFS 2003-2007

AGENTE FINANCIADOR	2003		2004		2005		2006		2007	
	Qtde.	valor	Qtde.	valor	Qtde.	valor	Qtde.	valor	Qtde.	valor
	Projeto	(R\$)	Projeto	(R\$)	Projeto	(R\$)	Projeto	(R\$)	Projeto	(R\$)
Total	33	7.088.520	78	10.866.515	64	9.688.760	31	6.896.344	3	272.460
CNPq	17	520.000	17	260.000	12	828.673	2	138.000	1	79.350
INS.Milênio/MCT/CNPq	1	2.490.740	1	773.866	-	-	-	2.549.339	-	-
Petrobrás	1	275.000	1	137.500	-	-	-	75.000	-	-
Fundação Vitae	1	300.000	1	105.000	-	-	-	-	-	-
FNMA	1	300.000	2	200.000	2	200.000	-	-	1	164.310
MMA	1	300.000	1	100.000	-	-	-	300.000	-	-
COELBA	1	280.000	1	140.000	-	-	-	0	-	-
FAPESB	8	992.780	50	4.906.102	43	2.762.267	24	884.429	1	28.800
FINEP	2	1.630.000	2	1.244.047	1	630.000	1	1.300.000	-	-
MCT - PPBio	-	-	1	1.500.000	-	-	-	400.000	-	-
RENORBIO/BNB	-	-	1	1.500.000	-	-	-	400.000	-	-
Banco do Nordeste	-	-	-	-	4	1.618.480	-	-	-	-
CAPES	-	-	-	-	-	-	1	849.575	-	-

Fonte: PPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Nota: Os dados de 2007 referem-se até o mês de abril

Em termos de valores captados pelos projetos de pesquisas no mesmo período 2003/abril 2007, foram financiados 203 projetos científicos, totalizando recursos no valor de R\$ 34.812.599, destacando-se os anos de 2004 com 78 projetos e o ano de 2005 com 64 projetos, movimentando recursos de R\$ 10.866.515 e R\$ 9.688.760, respectivamente, que são, em grande parte, consumidos no mercado local/regional (tabela 63).

A UEFS tem desenvolvido propostas de construção de políticas de extensão que atendem aos anseios da comunidade local e regional, na busca de fortalecer suas formas de participação crítica, resgatar as modalidades do saber e ampliar o direito à cidadania, assegurando o compromisso de manter a interação da academia com a comunidade externa. Esse exercício visa à troca de experiências, com vistas a descobrir e produzir conhecimentos e, assim, legitimar a função da extensão como segmento articulador entre o ensino, a pesquisa e a sociedade. Esta articulação que se mostra como uma via de mão dupla, desvincula a extensão de uma visão assistencialista para se engajar numa prática de ações efetivas nos âmbitos da educação, do trabalho, do desenvolvimento social.

A UEFS tem buscado assegurar o compromisso de manter a interação da academia com a comunidade externa, para troca de experiências, com propósito de ressaltar, descobrir e produzir conhecimento a partir da sabedoria popular e sua interface com o conhecimento construído na academia, desenvolvendo atividades que sejam instrumentos do processo dialético entre teoria e prática, como trabalho interdisciplinar que favoreça a visão integrada da sociedade.

A UEFS mantém 48 programas institucionais e 24 interinstitucionais, nas diversas áreas do conhecimento. O desenvolvimento desses programas demonstra que a universidade pode e deve contribuir na solução de problemas sociais para melhorar as condições de vida e disseminar conhecimentos e práticas de interesse público, promovendo a cidadania e a responsabilidade social.

A importância e potencialidade da educação para o desenvolvimento social estão firmadas nas ações universitárias, dentre as quais se destacam os programas de formação continuada de educação e os programas de alfabetização de jovens e adultos, que objetivam reduzir o índice de analfabetismo. Eles são desenvolvidos em 304 municípios de influência da UEFS, beneficiando, em 2006, 18.000 jovens e adultos, alcançados pelo benefício da alfabetização.

Outros projetos desenvolvidos, Universidade para Todos, atuando em 9 municípios da região de abrangência na UEFS, registrou, no período de 2003 a 2006, um total de 26.788 inscritos, com 9.284 matrículas efetivadas, onde os jovens pertencentes às camadas menos privilegiadas podem participar, com melhores condições de competitividade, do processo seletivo (vestibular), que lhes proporciona o ingresso ao ensino superior (tabela 65).

Na busca por maior interação com a sociedade são desenvolvidas ações, em parceria com órgãos públicos, privados ONGs, para fortalecer a discussão dos principais problemas e das potencialidades regionais. Dessa forma, a UEFS incorporou em seu calendário de extensão o evento denominado Feira do semi-árido, um espaço para o debate e troca de experiências, na procura de soluções, entre a comunidade acadêmica e a sociedade que têm vínculos com a região semi-árida.

Tabela 64: INSCRIÇÕES E MATRÍCULAS NO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS DESENVOLVIDO PELA UEFS - 2003-2006

ANO	MUNICÍPIO	INSCRIÇÕES	MATRÍCULA
Total		26.788	9.284
2003	Feira de Santana	2.401	1.572
	Santo Amaro	474	163
	Lençóis	101	50
2004	Feira de Santana	4.094	1.575
	Santo Amaro	490	175
	Lençóis	81	50
2005	Feira de Santana	4.555	1.659
	Santo Amaro	659	180
	Lençóis	66	50
	Amélia Rodrigues	212	120
2006	Feira de Santana	11.520	2.870
	Santo Amaro	664	250
	Lençóis	66	50
	Amélia Rodrigues	480	100
	Cabaceiras do Paraguaçu	205	50
	Terra Nova	-	100
	Coração de Maria	305	120
	Governador Mangabeira	230	50
Santa Barbara	185	100	

Fonte: PROEX - Pro-reitoria de Extensão

A cooperação internacional tem sido desenvolvida nos últimos anos na UEFS, com a celebração de convênios com instituições de ensino superior na Europa e América Latina, trazendo como resultados a realização de eventos em conjunto, pesquisas compartilhadas, publicações e participação de professores convidados mutuamente para essas instituições. Dentre as instituições que mantêm cooperação com a UEFS destacam-se as Universidades de Artois, Touros e Rennes (França), Ottawa (Canadá) e Universidade Federal do Pará que, além de eventos, pesquisas e publicações conjuntas, foram as que acolheram ou enviaram alunos intercambistas ou professores para ministrarem aulas nos seus cursos de graduação e pós-graduação.

A movimentação de recursos financeiros pela UEFS, por meio dos pagamentos dos salários de professores e funcionários, despesas de custeio, investimentos em obras e equipamentos e financiamentos de projetos de pesquisa, dá origem a variados efeitos multiplicadores. Esta movimentação de recursos produz impactos econômicos e financeiros que, no caso da UEFS, ganham maior significado quando inseridos no contexto da economia dos municípios da região de abrangência da universidade, como já discutido no capítulo 7.

A evolução dos recursos movimentados pela UEFS, fonte do tesouro do Estado da Bahia, mostra que houve crescimento de 69,56%, saindo de R\$ 72.517.000, em 2003, para R\$ 104.286.000, em 2007; representando crescimento considerável no período de cinco anos.

Outros recursos gerados pela UEFS são os provenientes dos convênios celebrados com diversas instituições de fomento à pesquisa científica e à bolsa de iniciação científica no período de 2003 a 2007, totalizando recursos no valor de R\$ 34.812.599 (tabela 63).

7.3 FEIRA DE SANTANA COMO PÓLO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

A cidade de Feira de Santana, no decorrer de sua história recente, vem passando por ajustes na base econômica do município. Nesse quadro, têm despontado como potenciais de desenvolvimento para a economia da cidade os serviços de educação, destaca-se a educação superior, pelo poder de alavancar o desenvolvimento local e regional, como discutido no decorrer desta dissertação.

Segundo Bovo, Silva e Guzzi (1996) e Schneider (2002), existem características particulares que são inerentes à maioria das instituições de ensino superior no Brasil, principalmente em relação à questão geográfica. Na Bahia, o processo de descentralização da educação superior através das políticas públicas a partir de potencialidade locais, iniciada pelo governo estadual na década de 70, como já discutida em capítulos anteriormente e pelo governo federal com a instalação da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), com reitoria na cidade de Cruz das Almas e em fase de criação dos CEFET em Vitória da Conquista e Feira de Santana, tem fortalecido esta política, contribuindo no processo de desenvolvimento socioeconômico das localidades onde são instaladas as IES.

No caso de Feira de Santana, estas características estão presentes, o que é bastante favorável, em função da estrutura oferecida para o ensino de terceiro grau, cujas IES podem ser consideradas como geradoras de desenvolvimento, pois as atividades desenvolvidas pelas mesmas e o desencadeamento de atividades em seu redor, a partir da sua implantação, têm contribuindo para o desenvolvimento local/regional.

A educação superior destaca-se em Feira de Santana pela posição geográfica da cidade, como discutida em capítulos anteriores, e pela presença de uma universidade pública estadual, a UEFS. Estes elementos favorecem a formação de uma aglomeração especializada (um dos requisitos para a formação de um pólo) em educação superior.

Tabela 65: PARTICIPAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA NO TOTAL DE ALUNOS, PROFESSORES, IES E CURSOS NA BAHIA

ITENS	BAHIA	FEIRA DE SANTANA	PARTICIPAÇÃO FEIRA (%)
Alunos matriculados	208.370	13.307	6,39
Professores em exercício	17.151	1.301	7,59
Instituições	118	9	7,63
Cursos oferecidos	1.009	64	6,34

Fonte: MEC/INEP

Nota: Os dados do Estado da Bahia têm como ano base 2006 últimas informações disponíveis pelo MÊS/INEP. Os dados de Feira de Santana são de 2007.1

A presença da UEFS é de fundamental importância na forma de um pólo regional de educação superior na cidade, como instituição motriz, condição necessária para o surgimento e consolidação como centro regional especializado, onde as IES privadas exercem papel de instituições satélites, aproveitam-se da proximidade de uma universidade motriz e infra-estrutura consolidada, para compartilhar recursos comuns, como livrarias especializadas, capitais humanos (professores e funcionários), promoções de eventos de cunho científicos, os excedentes de candidatos que querem ingressar no nível superior em universidade pública e não conseguem, terminam muitas vezes migrando para as IES privadas.

Com dado da tabela 65 realizamos os cálculos da participação da educação superior em Feira de Santana em relação ao conjunto do Estado da Bahia, possibilitando concluir a existência de aglomeração especializada em educação superior no município. Ou seja, a cidade tem grande representatividade no conjunto do Estado da Bahia, na

educação superior, caracterizando a cidade de Feira de Santana como pólo de educação superior, como veremos a seguir.

Dos 208.370 discentes matriculados nas IES (MEC/INEP 2006) no Estado da Bahia, em 2006, 13.307 alunos (pesquisa de campo nas IES da cidade) estavam concentrados em Feira de Santana, representando 6,39%. Transformando os dados em coeficiente de representatividade da cidade em relação ao Estado, para cada 1.000 alunos na Bahia, 64 (número arredondado) encontram-se em Feira de Santana.

Quanto à participação da cidade no quadro de docentes em exercício em relação ao Estado da Bahia, dos 17.151 professores das IES (MEC/INEP 2006), 1.301 docentes (pesquisa de campo nas IES da cidade) estavam concentrados em Feira de Santana, representando 7,58% do Estado. Transformando os dados em coeficiente de representatividade da cidade, para cada 1.000 docentes em exercício na Bahia, 76 (número arredondado) encontravam-se em Feira de Santana.

Comparando a quantidade de IES existente e cursos presenciais oferecidos na Bahia em 2006 (MEC/INEP), do total de 118 instituições espalhadas pela capital e interior, 9 estão instaladas em Feira de Santana, representando 7,62%, 8 instituições privadas e uma pública estadual, a UEFS. Em relação aos cursos presenciais oferecidos, a cidade, com 64 cursos, representa 6,34%, em comparação ao conjunto do Estado da Bahia.

Outro aspecto importante a ser considerado é o peso que a cidade de Feira de Santana exerce, em comparação aos principais municípios do Estado, como centro principal de especialização em educação superior do interior da Bahia. Comparando com outras cidades, com características semelhantes, como Vitória da Conquista, Ilhéus e Cruz das Almas, em função da existência de universidades públicas estadual e federal UESB, UESC e UFRB, respectivamente, têm importância fundamental na formação de centros especializados em educação superior, exercendo papel de universidades motriz, como já discutida anteriormente, ou seja, exercendo o papel que a UEFS desempenha em Feira de Santana.

A comparação de Feira de Santana com os 9 maiores municípios da Bahia (exceto Salvador): Vitória da Conquista, Ilhéus, Itabuna, Barreiras, Jequié, Alagoinhas, Juazeiro, Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus, em quantidade de IES, cursos oferecidos, alunos matriculados e docentes em exercício, permite mensurar a representatividade de Feira de Santana em relação ao interior da Bahia (tabela 66).

Tabela 66: PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA BAHIA POR IES, CURSOS, MATRÍCULA E DOCENTES - 2006

MUNICÍPIO	IES	(%)	CURSOS	(%)	MATRÍCULA	(%)	DOCENTES	(%)
Total da Bahia	116	100	1.009	100	190.006	100	16.886	100
Total do interior	41	49,54	282	44,30	40.384	42,86	3830	47,51
Feira de Santana	9	21,95	64	22,70	11.081	27,44	1.230	32,11
Vitória da Conquista	4	3,45	40	3,96	7.413	3,90	1.024	6,06
Ilhéus	3	2,59	38	3,77	6.217	3,27	722	4,28
Itabuna	2	1,72	22	2,18	2.657	1,40	201	1,19
Barreiras	6	5,17	30	2,97	3.723	1,96	149	0,88
Jequié	5	4,31	23	2,28	3.494	1,84	135	0,80
Alagoinhas	4	3,45	21	2,08	2.367	1,25	74	0,44
Juazeiro	3	2,59	10	0,99	1.214	0,64	90	0,53
Cruz das Almas	3	2,59	28	2,78	1.010	0,53	123	0,73
Sto Antônio de Jesus	2	1,72	6	0,59	1.208	0,64	82	0,49

Fone: MEC/INEP, IBGE

Pela análise quantitativa, o município de Feira de Santana pode ser caracterizado como pólo de educação superior, por possuir em seu território 22,5% das IES existentes em todo o interior do Estado, assim como 22,7% dos alunos matriculados e 32,11% dos docentes em exercício. Se partirmos para uma análise qualitativa, chegaremos à mesma conclusão.

Neste tipo de análise, a caracterização de um pólo de terceiro grau pressupõe desenvolvimento de sólidas alianças estratégicas, relações de cooperação econômica e social entre as IES e a comunidade local e regional. A presença de uma instituição de excelência como a UEFS é fundamental, em função do respeito e da confiança que goza na comunidade, do seu corpo docente qualificado e dos investimentos maciços em extensão e pesquisa. Tudo isto dentro de um ambiente de cooperação.

Esta situação tende a crescer com a criação de novos cursos de graduação pelas IES instaladas na cidade: FTC Fisioterapia, Jornalismo, Medicina Veterinária, Nutrição e Engenharia Civil; FAN Direito; FAT Enfermagem; UNIFACS Administração, Ciências Contábeis, Marketing e Comunicação, Sistemas de Informação. Todas as IES têm planos de expansão para os próximos anos, com a criação de novos cursos de graduação.

Outro fator que concorre para a melhoria desta situação é a perspectiva de implantação de duas novas instituições de ensino superior no município. Trata-se da

Faculdade Pitágoras de Minas Gerais, um dos maiores grupos privados de ensino superior do Brasil e do CEFET Centro Federal de Educação Tecnológica, primeira instituição federal de Feira de Santana.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados permitiram compreender o papel desempenhado por Feira de Santana como pólo regional de educação superior e os impactos socioeconômicos no desenvolvimento local e na região de influência a partir dos anos 2000.

A cidade destaca-se na educação superior presencial, com a existência de uma universidade pública e oito faculdades privadas, atraindo estudantes de várias cidades do Estado da Bahia.

A pesquisa possibilitou compreender as relações entre as instituições de ensino superior presencial, na regionalização da educação superior no território de Feira de Santana, que exerce forte polarização regional, pela sua localização geo-econômica.

Pôde-se apurar um amplo retrato da participação das instituições de ensino superior no processo de desenvolvimento econômico da cidade. Em especial, destacam-se os reflexos da participação da UEFS que são significativos, tanto sob o ponto de vista do efeito indutor sobre a economia da cidade, quanto na qualificação das pessoas, cujo impacto aventa-se como significativo.

Nos estudos econômicos do desenvolvimento, a educação aparece como condicionante para uma nação galgar estágios mais avançados de crescimento econômico e social. Sua vinculação está fundamentada na capacidade, adquirida via conhecimento, de aproveitar as oportunidades e levar adiante novos arranjos produtivos e distributivos.

Ao educar-se, o cidadão pode transformar o ambiente local, sendo sujeito das transformações econômicas e sociais de que a sociedade precisa para melhorar continuamente sua qualidade de vida. É neste sentido que a educação superior conecta-se ao desenvolvimento local/regional, permitindo formar pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas. Isto se dá a partir dos fluxos econômicos e interações sociais, direta e indiretamente impulsionados pelas instituições educacionais.

Através da formação de capital humano qualificado e desenvolvimento de pesquisas científicas produzidos nas IES locais, Feira de Santana possa a se consolidar como centro universitário de pesquisa, fornecendo infra-estrutura necessária para a atração de empresas, como já acontece com as cidades de Campinas e São Carlos, do Estado de São Paulo.

Outro ponto fundamental é a movimentação de recursos financeiros operados pelas IES, mediante pagamento dos salários dos professores e funcionários,

investimentos em obras e equipamentos, despesas de custeio, gastos dos alunos oriundos de outros municípios, cujo montante aumenta à medida que novas IES surgem, novos cursos são criados e novas vagas são abertas nas já existentes. Isto constitui um conjunto de fatores que exerce um efeito dinâmico e multiplicador sobre as atividades econômicas locais. Assim, ao processo de formação e aperfeiçoamento de profissionais, de diversificação e qualificação da educação superior e das atividades culturais em Feira de Santana agregam-se os efeitos econômico-financeiros resultantes dos dispêndios necessários ao funcionamento das IES.

Neste sentido, a educação superior passa a ter um papel importante no desenvolvimento local, vistas as interações econômicas e sociais que provoca em sua região de abrangência, formando uma rede de relações e ações alavancadoras do processo de desenvolvimento socioeconômico. Assim, podemos chegar a algumas conclusões tais como:

a) A localização geográfica do município de Feira de Santana teve papel fundamental na instalação das IES em seu território. Esta característica de encruzilhada de estradas no passado, e ainda hoje, é um dos fatores que tem contribuído para o desenvolvimento econômico e social do município. Neste sentido, um dos motivos que contribuíram para a atração das IES para o território feirense é a posição estratégica da cidade em relação ao mercado regional e nacional, como centro regional de passagem de pessoas e produtos, que exerce forte polarização em 50 municípios em sua área de influência na microrregião e macrorregião e as fortes interações com a capital Salvador, mais a cidade de Aracaju Estado de Sergipe.

b) O surgimento da universidade e faculdades no município de Feira de Santana tem contribuído na constituição da cidade em pólo de educação superior presencial, através da presença de nove instituições, que têm favorecido à formação de uma aglomeração especializada em educação superior, exercendo papel fundamental na formação de capital humano qualificado. Assim, há efeitos econômicos no mercado local e regional, no atendimento das demandas inerentes ao meio acadêmico, favorecendo o desenvolvimento, via processo de aglomeração, no atendimento das necessidades coletivas por habitação, transportes, alimentação, saúde, lazer e serviços públicos por parte dos agentes relacionados à educação superior.

c) Os recursos provenientes do funcionamento das IES têm impulsionado o desenvolvimento social e econômico do município, através dos fluxos da renda local e da demanda agregada regional, com pagamento dos salários dos professores e funcionários, despesas de custeio e investimentos, recursos captados pelos projetos de pesquisas e das bolsas de iniciação científica, despesas de manutenção realizadas pelos alunos oriundos de outros municípios e as mensalidades das IES privadas, são recursos no valor de R\$ 230.426.445,18 em 2007, em grande parte incorporados à economia do município, que têm efeitos multiplicadores sobre o mercado de trabalho, renda, salários e as finanças de Feira de Santana, com impactos diretos no PIB do município.

d) Pela pesquisa realizada com estudantes e professores, levantou-se que a maioria dos alunos são jovens, solteiros, do sexo feminino, não trabalham, são custeados pelos pais, residem em casa própria com a família, nasceram e moram em municípios de influência de Feira de Santana. Isto mostra a polaridade que tem a cidade em atrair estudantes de outros municípios da região. Em relação aos professores, a maioria são mulheres, casadas, idades entre 31 a 50 anos, com um bom nível de titularidade. A maioria são mestres e doutores, com formação acadêmica pela UFBA, UCSAL e UEFS e residem ainda em Salvador. Entretanto, destaca-se que 41% dos professores já residem em Feira de Santana e 34% se formaram na UEFS.

e) Após análises dos estudos realizadas nesta dissertação, reconhecemos a cidade de Feira de Santana como pólo de educação superior presencial, em função da estrutura existente na cidade, possibilitando as instituições de ensino superior se instalarem na cidade e a presença marcante de uma universidade pública estadual consolidada, a UEFS, favorecendo a formação de aglomeração especializada de terceiro grau, consolidando a cidade como pólo superior de educação.

A UEFS tem papel importante na formação do pólo regional de educação superior na cidade, como instituição motriz, requisito fundamental para a consolidação de

um pólo e as IES privadas exercem a condição de instituições satélites, aproveitando-se da proximidade de uma universidade motriz, para compartilhar recursos comuns, professores, livrarias especializadas, eventos científicos etc.

Após as pesquisas desenvolvidas, é possível afirmar que a expansão da educação superior em Feira de Santana tem acompanhando o movimento nacional. O processo se deu inicialmente no final dos anos 70 e início dos anos 80, alcança seu apogeu a partir dos anos 2000, principalmente pela iniciativa de grupos de empresários e pela verticalização do ensino médio para o superior de escolas particulares da cidade.

O expressivo crescimento do número de vagas ficou a cargo das IES privadas que, na sua maioria, reproduzem o processo clássico de expansão da educação superior, do modelo tradicional, construído por estratégias próprias, utilizando os pontos fortes da região e da cidade. As instituições caracterizam-se, prioritariamente, como de ensino, abrigo acadêmicos/trabalhadores, na sua maioria, no ensino noturno.

A atual fase vivida pela educação superior em Feira de Santana é de consolidação, em um primeiro momento como instituição de ensino, e só posteriormente a tentativa de consolidação de faces peculiares ao ensino superior, como a pesquisa, pós-graduação e a extensão praticada apenas pela UEFS. O desafio que se coloca é construir suas identidades, tanto das instituições em particular, como do ensino superior público.

Atualmente existem na cidade nove instituições, com previsão de instalação de mais duas, sendo uma federal e outra privada, oferecendo 13.307 vagas nos 64 cursos de graduação, empregando 1.301 professores em exercício da docência. Em relação ao Estado da Bahia, isso representa 6,39% dos alunos matriculadas, 7,58% dos docentes e 7,62 das IES.

Analisando a comparação dos números de Feira de Santana em relação aos do interior e ao Estado da Bahia, concluímos que a cidade de Feira de Santana tem grande representatividade como centro especializado em educação, possibilitando caracterizar a cidade como pólo regional de educação superior presencial.

Nossas considerações finais revelam um aspecto relevante relacionado ao funcionamento das IES: a contribuição dessas instituições para a dinamização da economia da cidade de Feira de Santana, demonstrando que o retorno econômico para a sociedade não se dá apenas com o desenvolvimento das suas atividades fins ensino, pesquisa e extensão.

Por meio da educação superior, a sociedade é duplamente recompensada. Primeiro, pela formação profissional, promoção de atividades culturais e desenvolvimento

do conhecimento científico e tecnológico, com incremento do capital humano local/regional. Segundo, pelo retorno à economia do município, onde funciona parcela dos recursos subtraídos por impostos arrecadados pelo governo. Essa recompensa se dá com a renda incorporada na economia local com os gastos relacionados ao funcionamento dessas instituições.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Henrique de. **O Mercado de ensino superior privado Brasil e Bahia.** Relatório de Pesquisa. Salvador: UFBA/DESENBAHIA, ago. 2002.

_____. A expansão recente do ensino superior privado no Brasil e na Bahia. Salvador: **Bahia Análise & Dados**, v. 12, n. 3, p. 143-157, dez. 2002.

ANUARIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA. CDL, 1999.

ANDRADE, T. A; SERRA, R. V. **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil.** São Paulo – Recife: IPEA/HUCITEC, 1995.

ARAÚJO, Alessandra. O. **Rede e centralidade em Feira de Santana (BA) o Centro de abastecimento e o comércio de feijão.** Salvador, UFBA, dissertação de Mestrado, 2006.

BESSA, Kelly Cristine. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o Exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de geografia** - revista on-line <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos/>). Último acesso em 12/05/2007.

BEZZI, M. L. **Região: Uma (Re)visão Historiográfica - da Gênese aos Novos Paradigmas.** 1. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2004. v. 1. p . 291.

_____. Região: Desafios e Embates Contemporâneos. In: SEI - Superintendência de Estudos Econ. e Sociais da Bahia. (Org.). **Desigualdades Regionais - Série Estudos e Pesquisas.** 1 ed. Salvador/BA: Bigraf, 2004, v. 1, p. 39-87

BOAVENTURA, E. M. **Tempo de educar:** pronunciamentos sobre educação e cultura, 1984 e 1985. Salvador: Secretaria da Educação e Cultura, 1987.

_____. E. M. Origem e formação do sistema estadual de educação superior na Bahia – 1968-1991. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 24, p. 155-173, 2005.

BOUDEVILLE, J.R. **Os espaços econômicos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

BOVO, J. M; SILVA, R. T. da; GUZZI, V. de S. **A inserção social da UNESP de Araraquara:** sua importância na economia do município e na prestação de serviços á comunidade. **Perspectivas-Revista de Ciências Sociais UNESP.** São Paulo, n.19, p. 71-85, 1996.

BOVO, J, M.; **Universidade e comunidade:** avaliação dos impactos econômicos e a prestação de serviços. São Paulo: fundação editora da UNESP, 1999. p. 105.

BRANDÃO, Maria Azevedo. As relações com a cidade do Salvador e outros núcleos. In: BRANDÃO. (Org). Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. nº. 9.394, de 20 dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Apresenta informações textuais, relatórios bases cartográfica digitais, anuário estatístico, censos, banco de dados sobre Brasil e o Estado da Bahia**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Último acessado em: 07 de setembro de 2008.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro: DGC, 1987.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro: DGC, 2003.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: **Sinopse estatística da educação superior – graduação, 2005**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/>. Último acesso em: 12 de fevereiro de 2008

BRITO, Antonio Batista de. **Aspectos históricos do desenvolvimento industrial de Feira de Santana**. Salvador. Edições Contemp. Mensageiro da Fé. 1977.

BRITO, Elissandra; MENDONÇA, Joseanie; ALMEIDA, Paulo H. **Expansão do ensino superior e desenvolvimento da Bahia**. Salvador. 2005 Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/publicações_sei/bahia_analise/sep/pdf/sep_70/expandensup.pdf Acessado 22 de mai, 2007.

CARDOSO, M. F. T; AZEVEDO, L. M. P. Rede de localidades centrais: uma tipologia aplicada ao Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. Ano 44, n. 4, p. 639-675. out/dez, 1982.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ventos do progresso: a universidade administrada. In: **Descaminhos da educação pós-68**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 31-56.

_____, M. Ideologia neoliberal e universidade. In: OLIVEIRA, F.; PAOLI, M. C. **Os sentidos da democracia: Políticas do dissenso e hegemonia global**. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: NEDIC, 1999.

CARVALHO, A. D. Feira de Santana e o comércio do gado. **Boletim Paulista Geografia**. São Paulo, n. 28, mar. 1958

CHRISTALLER, W. **Le località centrali della germânia meridionale**. Milano: Franco Angeli editores, 1965.

CLEMENTE, A. ; HIGACHI, H. Y. **Economia e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2000.

CORRÊA, R. L. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 9., 2001, Rio de Janeiro. **Ética, planejamento e construção democrática do espaço: anais do IX Encontro...** Rio de Janeiro: ANPUR, 2001. v.1, p.424-430.

_____. A rede urbana brasileira e a sua dinâmica: algumas reflexões e questões. In: SPÓSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: [s.n.], 2001.p.359-367.

_____. Rede urbana e formação espacial – uma reflexão considerando o Brasil. **Revista Território**. Rio de Janeiro: Laget/UFRJ - Ano v,n.8, jan:jun 2000.

_____. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. **Revista Brasileira de Geografia**: Rio de Janeiro ano 50, n.1, p.61-83, jun/mar, 1988.

CRUZ, R. C. **A Inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional**. 1999. 380f. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas.

CUNHA, Luiz Antonio. O público e o privado na educação superior brasileira: fronteiras em movimento. In: TRINDADE, Hégio (Org.). **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Petrópolis: Vozes/Porto Alegre: CIPEDS, 1999. p. 27-37.

_____. Luís Antonio. Desenvolvimento desigual e combinado do ensino superior – Estado e mercado. In: Educação & Sociedade: **Revista de Ciência da Educação**. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Vol. 25, n. 88, 2004, p. 795-817.

DAVIDOVICH, F. Redutos da classe média, uma interpretação acerca da urbanização no Brasil. **Cadernos do IPPUR**, Rio de Janeiro, vol.7, n.3, p.35-48, dez.1993.

DINIZ, C. C.; GONÇALVES, E. **Possibilidades e tendências locacionais da indústria do conhecimento do Brasil**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 2000, Campinas. **Anais...** Campinas: ANPEC. 2000. CD-ROM.

DRUMOND, J. G. de F. **O ensino superior e o desenvolvimento regional**. Universidade Estadual de Montes Claros, nov 2001. Disponível em <<http://www.unimontes.br/unimont/ensino.htm>> Acessado em 20 de Abril de 2007.

FONSECA, A.A.M. A emergência do lugar no contexto da globalização. **RDE Revista de desenvolvimento econômica**. Salvador. v. 5. n. 3 p. 96-103.2001.

FREITAS, N. B. **Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização. 1970-1996**. Salvador: UFBA/MAU, 1998. (Dissertação de Mestrado).

FRIEDMAN, J. Espaço vital e espaço econômico: contradições no desenvolvimento regional. **Revista internacional de planificação**. México, junho de 1983.

GAMA, Raimundo, **Feira de Santana e Ruy Barbosa o pouso da águia na “terra formosa e bendita”**. UEFS, Feira de Santa. 2002.

GIRARDI, L. H. DE O; SILVA, B. C. N. **Quantificação em geografia**. São Paulo. Defel, 1981.

GUIMARÃES, F. M. S. Divisão regional do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, v.III, n.2, 1941.

HADDAD, Sérgio. Educação escolar no Brasil. IN: **As Faces da Pobreza no Brasil**. ACTIONAID. Rio de Janeiro: Arte Maior, 1999.

LEMOS, Maurício Borges. **Duas técnicas de análise regional elaboradas a partir de categorias espaciais: a regionalização e o método estrutural- diferencial**. Tese de Professor Titular, Departamento de Ciências Econômicas da FACE, UFMG, Belo Horizonte, 1991.

LIMA, F. A. Concepção do espaço econômico polarizado. **Interações: revista internacional de desenvolvimento local**, Campo Grande, v. 4, n. 7 p. 7 – 13, set. 2003.

LIMA, R. L. C. **A Ocupação da Periferia em Feira de Santana – O Perfil Sócio-Econômico do Bairro George Américo**. 1995. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) UEFS, Feira de Santana.

Jornal Folha do Norte, 12 de março de 1960.

LIPIETZ, A. **Miragens e Milagres: problemas da industrialização no Terceiro Mundo**. S. Paulo, Nobel, 1988.

_____. LIPIETZ, A. **Caracteres seculares y conjunturales de la intervención económica del Estado**. Lecturas de Economía, nº 21 Medellín, Septiembre-diciembre, 1979.

LOPES, Roberto Paulo Machado. **Universidade pública e desenvolvimento local: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**. Vitória da Conquista: UESB, 2003.

_____, Roberto P. M. A importância da UESB para a Economia de Vitória da Conquista. **Revista Conjuntura & Dados**, SEI, Salvador. n. 93, p. 22 a 31, ano fevereiro/2002.

MARTINS, Gilberto de Andrade; DONAIRE, Denis. **Princípios de Estatística**. São Paulo: Atlas, 2000.

MORAES, F. F. de. **Universidade, inovação e impacto socioeconômico**. Perspectivas [on line], São Paulo, v.14, n.3, jul/set 2000, p.8-11. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?> Último Acesso em: 11 de novembro 2007.

NAZARERH, Helenalda de Souza. **Curso Básico de Estatística**. São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)giação**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

PERROUX, F. A empresa motora em uma região motora, In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 1. n1. Belo Horizontes, 1961.

_____. **A economia do século XX**. 2. ed. Paris: Herder, 1964.

PERROUX, François. O conceito de pólo de crescimento. In. SCWHATZMANN, J. (Org) **Economia regional e urbana: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977, p. 145-156.

POPPINO, R. E. **Historia de Feira de Santana**, Salvador: Itapuã, 1968. (Tradução de Arquimedes Pereira Guimarães).

PORTO, E. **Desenvolvimento e território na Bahia**. Salvador (Ba), Superintendência de Estudos Econômicos e Sócios da Bahia (SEI), 2003. 111 p. il. – (Série Estudos e Pesquisas. 61.)

RICHARDSON, Harry W. **Elementos de economia regional**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

ROCHEFORT, M. **Redes e sistemas: ensinando sobre o urbano e a região**. São Paulo: Hucitec, 1998, (Tradução: Antonio de Pádua Danesi).

SANTOS, A. C. A integração de Feira de Santana no processo de industrialização baiana: O Centro Industrial do Subaé. In: **Feira de Santana nos tempos da modernidade: o sonho da industrialização**. Salvador; UFBA, 2002.

SANTOS, M. **O espaço dividido – Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____. M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente**. *Geosul*: Florianópolis, ano III, n.5, p.85-100, 1988.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O ensino superior público e particular e o território brasileiro**. Brasília: ABMES, 2000.

SCHNEIDER, L. **Educação e desenvolvimento: um estudo do impacto econômico da universidade federal no município de Santa Maria (RS)**. UNIFRA, Santa Maria, 2002. Disponível em: <http://www.economia.unifra.br/pesquisa>. Acesso em: 25 de julho de 2007.

SGUISSARDI, Valdemar (Org.). **Educação Superior: Velhos e Novos Desafios**. São Paulo: Xamã, 2000.

SPINOLA, N. D. **Política de localização industrial e desenvolvimento regional: a experiência da Bahia**. Salvador. Universidade, Salvador – UNIFACS. 2003

SILVEIRA, M. L. **Globalização, trabalho, cidades médias**. GeoUERJ, Rio de Janeiro, n.11, p.11- 17, 2002.

SILVA, S. C. B. de M.; SILVA, B. C. N.; LEÃO, S. O. **O Subsistema Urbano-regional de Feira de Santana**. Recife, SUDENE-CPR, 1985.

SILVA, S. C. B. de M.; SILVA, B. C. N. **Estudos sobre globalização, território e Bahia**. 2. ed. Salvador, UFBA Mestrado em Geografia, 2006.

_____, _____. **Cidade e região no Estado da Bahia**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

SILVA, B. C. N. et al. **Atlas escolar Bahia: espaço geo-histórico e cultural**. 2 ed. João Pessoa, Grafset, 2004.

SILVA JR. João dos Reis. SGUISSARDI, Valdemar. **Novas Faces da Educação Superior no Brasil – Reformas do estado e mudanças na produção**. Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

SIQUEIRA, Domingos Sávio. **Administração - Há vagas: expansão do ensino superior privado na Região Metropolitana de Salvador (1994-2000)**. 2001. Dissertação – (Mestrado) - Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

TRINDADE, Hélió. A universidades frente à estratégias do governo. In: TRINDADE, Hélió (Org.). **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Petrópolis: Vozes/Porto Alegre: CIPEDES, 1999. p. 27-37.

UFBA. **Universidade Federal do Recôncavo Baiano – subsídios para criação e implantação a partir do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia**. Cruz das Almas, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.walterpinheiro.com.br/recon/ufrb>. Acesso em: 15 de agosto de 2007.

UEFS. Universidade Estadual de Feira de Santana. **Relatório de Recredenciamento**. Feira de Santana, Ba, 2001, v.1, p.19

UEFS. Universidade Estadual de Feira de Santana. **Plano Estratégico 2006-2009**

UEFS. Universidade Estadual de Feira de Santana. **Relatório de Gestão 2003-2007**.

VASCONCELLOS, Marco Antonio S.; GARCIA, Manuel E. **Fundamentos de Economia**. 5ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2005

ZAPATA, T. Descentralização e Desenvolvimento Local. In: **Fórum Banco do Nordeste de desenvolvimento**, 1., 1997, Fortaleza. Anuais... Fortaleza: BNB, 1997. p. 79-83.

ANEXOS

Anexo 1



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO DOS ALUNOS

(Todas as informações são consideradas estritamente confidenciais e nenhum dado individual será divulgada ou fornecida a qualquer órgão, empresa ou pessoa)

1.1 NOME DO ALUNO: _____

1.2 SEMESTRE: _____ 1.3: CURSO _____

1.4 INSTITUIÇÃO: _____ 1.5 ANO DE INGRESSO: _____

1.6 CIDADE ONDE MORA: _____

1.7 SEXO

1.7.1) Masculino() 1.7.2) Feminino()

1.8 FAIXA ETÁRIA

1.8.1) menos de 20 anos() 1.8.2) 21 a 25 anos() 1.8.3) 26 a 30 anos()
1.8.4) 31 a 40 anos() 1.8.5) 41 a 45 anos() 1.8.6) 46 a 50 anos()
1.8.7) 51 a 55 anos() 1.8.8) 56 a 60 anos() 1.8.9) mais de 60 anos()

1.9 ESTADO CIVIL

1.9.1) Casado() 1.9.2) Solteiro() 1.9.3) Separado()
1.9.4) Viúvo() 1.9.5) Outro _____

1.10 ONDE VOCÊ NASCEU?

1.10.1) Feira de Santana()
1.10.2) Outra cidade _____ 1.10.2.1) Estado _____

1.11 EM QUE ANO CONCLUIU O ENSINO MÉDIO (ou equivalente)?

1.11.1) 2004() 1.11.2) 2003() 1.11.3) 2002() 1.11.4) 2001()
1.11.5) 2000() 1.11.6) Outro _____

1.12 ONDE VOCÊ CURSOU O ENSINO MÉDIO (ou equivalente)?

1.12.1) Escola Pública() 1.12.1.2) Escola Particular()

1.13. EM QUE TURNO VOCÊ CURSOU O ENSINO MÉDIO (ou equivalente)?

1.13.1) Todo Diurno() 1.13.2) Todo Noturno() 1.13.3) Maior Parte Diurno()
1.13.4) Maior Parte Noturno()

1.14 QUE CURSO VOCÊ FEZ NO ENSINO MÉDIO (ou equivalente)?

1.14.1) Técnico() 1.14.2) Magistério() 1.14.3) Supletivo()
1.14.4) Formação Geral() 1.14.5) Outro _____

1.15 VOCÊ FREQUENTOU CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR?

1.15.1) Sim() 1.15.1.1) Público() 1.15.1.2) Particular() 1.15.1.3) Outro _____
1.15.2) Não() 1.15.3) Integrado ao Ensino Médio()

1.15 QUAL O MOTIVO DE SUA ESCOLHA POR ESTA INSTITUIÇÃO?

1.15.1) Prestígio da Instituição() 1.15.2) Influência da família e/ou amigos()
1.15.3) Valor da mensalidade() 1.15.4) Turno de Oferta do Curso()
1.15.5) Instituição pública() 1.15.6) Outro? _____

1.16 QUAL A SITUAÇÃO DO IMÓVEL QUE RESIDE?

- 1.16.1)Próprio() 1.16.2)Alugado() 1.16.3)Financiado() 1.16.4)Cedido()
1.16.5)Outra_____

1.17 QUAL SUA SITUAÇÃO DE MORADIA?

- 1.17.1)Com a família() 1.17.1.1)Quantos membros?_____
1.17.2)Pensionato() 1.17.3)Republica() 1.17.4)Sozinho() 1.17.5)Parentes()

1.18 VOCÊ TRABALHA?

- 1.18.1)Estágio Remunerado() 1.18.2)Estágio s/ Remunerado() 1.18.3)Empregado()
1.18.4)Empregador() 1.18.5)Conta Própria () 1.18.6)Não Trabalha() Siga quesito 1.20

1.19 FAIXA DE REMUNERAÇÃO EM SALÁRIO MÍNIMO.

- 1.19.1) -1 SM() 1.19.2) +1 a 2 SM() 1.19.3) +2 a 3 SM()
1.19.4) +3 a 4 SM() 1.19.5) +4 a 5 SM() 1.19.6) +5 a 7 SM()
1.19.7) +7 a 10 SM() 1.19.8) +10 a 15 SM() 1.19.9) +15 a 20 SM()
1.19.10) Mais de 20,00 SM()

1.20 POR QUE NÃO TRABALHA?

- 1.20.1) Falta de Oportunidade () 1.20.2) Primeiro Emprego() 1.20.3) Só estudante()
1.20.4) Falta de Qualificação () 1.20.5)Outra_____

1.21 APÓS A GRADUAÇÃO PRETENDE FAZER PÓS-GRADUAÇÃO?

- 1.21.1) Sim () QUAL_____

1.21.2) Não ()

1.22 QUANTOS LIVROS EM MÉDIA VOCÊ LÊ POR ANO?(Livros não acadêmicos)

- 1.22.1)Um() 1.22.2)De dois a quatro() 1.22.3) De quatro a seis()
1.22.4)De seis a oito() 1.22.5)Acima de oito()

1.23 DOMINA ALGUMA LINGUA ESTRANGEIRA?

- 1.23.1)Sim() Qual?_____

1.23.2)Não()

1.24 QUAL A OCUPAÇÃO DE SEU PAI?

1.24 QUAL A ESCOLARIDADE DE SEU PAI?

- 1.24.1)Ensino básico incompleto() 1.24.2)Ensino básico completo()
1.24.3)Ensino médio incompleto() 1.24.4)Ensino médio completo()
1.24.5)Graduação incompleta() 1.24.6)Graduação completa()
1.24.7)Pós-graduação() 1.24.8)Não alfabetizado()

1.25 QUAL A OCUPAÇÃO DE SEU MÃE?

1.26 QUAL A ESCOLARIDADE DE SEU MÃE?

- 1.26.1)Ensino básico incompleto() 1.26.2)Ensino básico completo()
1.26.3)Ensino médio incompleto() 1.26.4)Ensino médio completo()
1.26.5)Graduação incompleta() 1.26.6)Graduação completa()
1.26.7)Pós-graduação() 1.26.8)Não alfabetizado()

1.27 VOCÊ TEM BOLSA E/OU DESCONTO?

- 1.27.1)Fies() 1.27.2)Fazuniversitario() 1.27.3)Proune()
1.27.4)Desconto() 1.27.5)Não tem()

Anexo 2



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO DOS PROFESSORES

(Todas as informações serão consideradas estritamente confidenciais e nenhum dado individual será divulgado ou fornecido a qualquer órgão, empresa ou pessoa)

1.1 NOME: _____

1.2 CIDADE ONDE MORA: _____

1.3 UNIVERSIDADE/FACULDADE QUE LECIONA: _____

1.4 E-MAIL: _____

1.5 ANO DE INGRESSO: _____

1.6 SEXO:

1.6.1) Masculino() 1.6.2) Feminino()

1.7 FAIXA ETÁRIA:

1.7.1) menos de 25 anos() 1.7.2) 26 a 30 anos() 1.7.3) 31 a 40 anos()

1.7.4) 41 a 45 anos() 1.7.5) 46 a 50 anos() 1.7.6) 51 a 55 anos()

1.7.7) 56 a 60 anos() 1.7.8) mais de 60 anos()

1.8 ESTADO CIVIL

1.8.1) Casado() 1.8.2) Solteiro() 1.8.3) Separado judicialmente()

1.8.4) Viúvo() 1.8.5) Outro _____

1.9 FAIXA DE REMUNERAÇÃO EM SALÁRIO MÍNIMO.

1.9.1) -1 SM() 1.9.2) +1 a 2 SM() 1.9.3) +2 a 3 SM()

1.9.4) +3 a 4 SM() 1.9.5) +4 a 5 SM() 1.9.6) +5 a 7 SM()

1.9.7) +7 a 10 SM() 1.9.8) +10 SM() 1.9.9) Sem remuneração()

1.10 ONDE VOCÊ NASCEU?

1.10.1) Feira de Santana() 1.10.2) Salvador () 1.10.3) Outro Estado _____

1.10.4) Outra cidade/Bahia _____

1.11 QUAL A SUA GRADUAÇÃO E INSTITUIÇÃO?

1.11.1) Graduação _____

1.11.2) Instituição _____ Cidade _____

1.12 QUAIS AS SUAS TITULARIDADES E INSTITUIÇÃO?

1.12.1) Especialista() Instituição _____ Cidade _____

1.12.2) Mestrado() Instituição _____ Cidade _____

1.12.3) Doutor() Instituição _____ Cidade _____

1.12.4) Pós-doutor() Instituição _____ Cidade _____

1.13 QUAL O MOTIVO DE ESCOLHA DESTA UNIVERSIDADE/FACULDADE?

1.13.1) Prestígio da Instituição() 1.13.2) Realização Pessoal()

1.13.3) Prestígio Social da Profissão()

1.13.4) Oportunidade de Desenvolver Pesquisas()

1.13.5) Outro _____

1.14 ESTÁ DESENVOLVENDO PROJETO DE PESQUISA ACADÊMICO / CIENTÍFICO?

1.14.1) Não() 1.14.2) Sim() Quais? _____

1.15 PRODUÇÃO ACADEMICA / CIENTIFICA

1.15.1) [Artigos publicados](#)() 1.15.2) Livros publicados()
1.15.3) Texto publicados em jornal ou revista() 1.15.4) [Prefácio, Posfácio](#)()
1.15.5) [Apresentação de Trabalhos em anais de congressos](#)()

1.16 TEM PARTICIPADO DE EVENTOS DE CONHECIMENTO E/OU RECICLAGEM?

1.16.1) Congressos() 1.16.2) Palestras() 1.16.3) Encontros()
1.16.4) Seminários() 1.16.5) Debates() 1.16.6) Mesas Redondas()
1.16.7) Outros _____ 1.18.8) Não participa()

1.17 VOCÊ TRABALHA EM OUTRA INSTITUIÇÃO DE ENSINO?

1.17.1) Não () 1.17.2) Sim() Qual(is) _____

1.18 TRABALHA EM OUTRA EMPRESA (exceto de ensino)?

1.18.1) Não()
1.18.2) Sim () Nome: _____ Cargo: _____

1.19 QUAL O MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA CHEGAR NA UNIVERSIDADE / FACULDADE?

1.19.1) Coletivo() 2.19.2) Próprio() 2.19.3) Outro. Qual? _____

1.20 QUANTOS LIVROS EM MÉDIA VOCÊ LÊE POR ANO?(Livros não acadêmicos)

1.20.1) Um() 1.20.2) De dois a quatro() 1.20.3) De quatro a seis()
1.20.4) De seis a oito() 1.20.5) Acima de oito() 1.20.6) Nenhum()

1.21 DOMINA ALGUMA LÍNGUA ESTRANGEIRA?

1.21.1) Sim() Qual? _____
1.21.2) Não()

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)